

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS

ELISÂNGELA OLIVEIRA GOMES

**A ESCRITA DE CONCEIÇÃO EVARISTO COMO POSSIBILIDADE DE UM  
NOVO OLHAR PARA O SUJEITO FEMININO NEGRO.**

Juiz de Fora

2017

**ELISÂNGELA OLIVEIRA GOMES**

**A ESCRITA DE CONCEIÇÃO EVARISTO COMO POSSIBILIDADE DE UM  
NOVO OLHAR PARA O SUJEITO FEMININO NEGRO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, área de concentração em Teorias da Literatura e Representações Culturais, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Prof. Orientadora Dra. Enilce do Carmo Albergaria Rocha

Juiz de Fora

2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Gomes, Elisângela Oliveira .

A escrita de Conceição Evaristo como possibilidade de um novo olhar para o sujeito feminino negro. / Elisângela Oliveira Gomes. -- 2017.

136 p.

Orientadora: Enilce do Carmo Albergaria Rocha

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, 2017.

1. literatura feminina negra. I. Rocha, Enilce do Carmo Albergaria , orient. II. Título.

Elisângela Oliveira Gomes

**A escrita de Conceição Evaristo como possibilidade de um novo olhar para o sujeito feminino negro.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, área de concentração em Teorias da Literatura e Representações Culturais, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em xx/xxxx/xxxx.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Enilce do Carmo Albergaria Rocha (Orientadora)  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Charlene Martins Miotti (membro interno)  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Andréia de Paula Silva (membro externo)  
CES/JF – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora

## **DEDICATÓRIA**

Dedico ao meu Deus: orei ao senhor e ele me abençoou muitíssimo.

.

## AGRADECIMENTOS

Início meus agradecimentos a Deus, “não há outro nome comparado ao grande Eu Sou”.

À minha irmã, Rosângela Oliveira Gomes, pelo incentivo e companheirismo no momento em que tanto precisei. Que Deus lhe dê em dobro todo o bem que fez por mim!

Aos meus pais, Mauro Luiz e Jussara, por sempre acreditarem que meus sonhos eram possíveis, e por ser exemplo de caráter. Sem os ensinamentos de vocês não almejaria alcançar tal sonho!

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Enilce do Carmo Albergaria Rocha, pela paciência e por ter aceitado me orientar. Seu exemplo levarei para o resto da vida!

Ao meu esposo Alexandre, pelo incentivo, segurança e por crer que eu seria capaz de concretizar o “impossível”. Você é o meu porto seguro!

Ao meu filho, Breno. O anjo que Deus me deu para cuidar aqui na Terra, no qual encontro forças para nunca desistir. Filho, você me inspira a ser mais a cada dia!

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFJF, por terem me acolhido nessa aventura literária.

Aos amigos do PPG, em especial à amiga Roberta Oliveira Saçço, estou certa que sem você essa caminhada não chegaria ao fim. Você, com toda certeza, foi um abraço caloroso de Deus no momento em que pensei em desistir de tudo. Obrigada!

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a obra *Olhos d'água* (2014) de Conceição Evaristo. Trata-se de uma coletânea de contos, em que a autora denuncia a violência na periferia, por meio de uma literatura primorosa e engajada. Pretendemos mostrar que *Olhos d'água* (2014), assume importantíssimo papel na crítica literária por romper com paradigmas sociais impostos por anos, e por colocar a mulher negra em papel de destaque enquanto autora de sua própria história. Exploram-se, neste trabalho, características estruturais do conto, que lhe conferem autenticidade e originalidade; a extrema violência e opressão vivenciadas por mulheres negras e pobres, comumente negligenciadas pelo restante da sociedade; e a incorporação na narrativa dos três elementos constituintes da tragédia. A hipótese interpretativa com a qual se trabalha é a de que Evaristo (2014), apesar das dificuldades encontradas pela mulher negra de modo geral, somados a anos de exclusão social, conseguiu com *Olhos d'água* (2014) transformar dor em sofrimento compartilhado, ao dar voz àqueles que por anos foram tirados de cena pela sociedade. Como forma de validação da hipótese, aborda-se uma série de trabalhos teóricos que versam sobre a problemática do preconceito de cor. Para isso, propomos uma síntese do pensamento de alguns dos principais intelectuais da diáspora, sendo eles: Edouard Glissant, Franz Fanon e Paul Gilroy. Concomitantemente, no intuito de melhor compreender o caráter sofisticado e complexo da obra, investigam-se nos contos os elementos constituintes da tragédia, a partir dos teóricos Romilly (2008), Grimal (1978); Willians (2002) e Aristóteles (2008). Por fim, analisa-se a narrativa pelo viés da autoficção. Nossa hipótese, baseada em Faedrich (2014) é a de que a autoficção, um novo gênero literário ainda em processo de conceituação, coopera para o desnudamento do sujeito, que escreve para aliviar a dor.

Palavras-Chave: Mulheres negras, Violência, Conceição Evaristo.

## ABSTRACT

This research has as object of study the work "Olhos d'água" by Conceição Evaristo (2014). It is a collection of short stories, in which the author denounces violence in the periphery, through a primordial and engaged literature. We intend to show that "Olhos d'água" plays a very important role in literary criticism by breaking with social paradigms imposed through the years, and by placing black women in a prominent role as author of their own history. In this work we explore the structural characteristics of the short story, which give it authenticity and originality; The extreme violence and oppression experienced by black and poor women, commonly neglected by the rest of society; And the incorporation into the narrative of the three constituent elements of the tragedy. The interpretative hypothesis with which we work is that EVARISTO (2014), despite the difficulties encountered by black women in general, added to years of social exclusion, managed with "Eyes of water" to transform pain into shared suffering by giving voice to those who for years have been obscured by society. As a way of validating the hypothesis, a series of theoretical studies dealing with the problem of color prejudice is proposed, such as: (FANON (1983), GILROY (2012) and GLISSANT (2013-2014)). And to understand the complex and sophisticated character of the work, the constituents of the tragedy are investigated in four short stories from the theoreticians (Romilly (2008), GRIMAL (1978), WILLIANS (2002) and ARISTOTELES (2008)). Finally, the narrative is analyzed as Autofiction. Our hypothesis, based on FAEDRICH (2014), is that autofiction, a new literary genre still in the process of conceptualization, cooperates for the undressing of the subject, who writes to relieve pain, "to recover the skin, brutally wrenched from disappointment with people, with life, with the world "(FAEDRICH, 2014, 144).

**Key-words:** Black women, Violence, Conceição Evaristo.



## SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO .....	9
2.	O SUJEITO AFRO-FEMININO.....	19
2.1	A QUESTÃO DA SUBCIDADANIA COMO BUSCA DE DESVELAMENTO DA DESIGUALDADE SOCIAL BRASILEIRA.....	42
3.	OS TRÊS ELEMENTOS DA TRAGÉDIA: UM OLHAR CONTEMPORÂNEO .....	54
3.1	A PRESENÇA DA REGRA DAS TRÊS UNIDADES .....	58
4.	O CONTO: A AUTENTICIDADE DE OLHOS D'ÁGUA.....	86
4.1	VIOLÊNCIA E OPRESSÃO EM OLHOS D'ÁGUA .....	98
4.2	A AUTOFICÇÃO: QUESTÕES CONCEITUAIS .....	109
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	125
6.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	129

## 1. INTRODUÇÃO

*“Há sempre a necessidade de demonstrar e defender a humanidade dos negros, incluindo sua habilidade e capacidade de raciocinar logicamente, pensar coletivamente e escrever lucidamente” (HOOKS, 1995, p. 472).*

Buscamos, nessa pesquisa, fazer uma análise da obra *Olhos d'água* (2014) de Conceição Evaristo. A partir de uma leitura minuciosa dos contos, constatamos a presença de elementos que compõem o trágico. A partir dessa constatação buscamos analisar nas obras que compõem a antiguidade clássica os elementos da tragédia presentes na obra da referida autora.

Como nosso objetivo parte da análise do trágico em *Olhos d'água* (2014), não serão analisadas nessa dissertação todos os contos da obra. Faremos um recorte na pesquisa que contemple apenas os contos em que constatamos a presença de elementos da tragédia. Assim, faremos, a partir desse ponto, uma breve apresentação das narrativas que serão analisadas no decorrer da dissertação, de forma a auxiliar o entendimento daqueles que não conhecem a obra aqui analisada.

Nossa intenção, por meio dessa análise é apresentar ao leitor um novo olhar sobre a obra de Conceição Evaristo (2014), como sujeito feminino negro capaz de denunciar as mazelas sociais nas quais ela está inserida. Por meio do desvelamento de técnicas de escrita, trazemos para essa dissertação a necessidade de conduzir a escrita da mulher negra do seu lugar de obnubilação para um estado em que sua visibilidade seja efetiva e fidedigna.

Os contos abordados serão: “Maria”; “Os amores de Kimbá”; “Duzu-Querença”; “Luamanda”; “Quantos filhos Natalina teve?”; “Ana Davenga”; “Di lixão”; “Lumbiá”; “O cooper de Cida”; “Beijo na face”; “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”;

e “A gente combinamos de não morrer”. Em um primeiro momento, apresento um resumo dos contos analisados a fim de situar o leitor nas análises que compõem esse estudo.

No conto denominado “Maria”, a personagem principal após findar um cansativo dia de trabalho como empregada doméstica retorna a caminho de casa satisfeita por levar restos da festa da patroa e uma gorjeta. A gorjeta serviria para comprar xarope para os dois filhos menores. Maria é mãe solteira de três filhos. A protagonista se encontra no coletivo, em direção à sua casa, com o pai do filho maior. O encontro com o ex-companheiro, ajuda a criar no conto um tom de felicidade para a personagem que se alegra pelo fato do homem se lembrar dela e por mandar um abraço ao filho com quem não convivia. O conflito da narrativa se dá quando acontece um crime dentro do ônibus. Maria é brutalmente assassinada e, conseqüentemente, impossibilitada de chegar em casa para levar o recado do ex-companheiro e os restos da patroa.

No conto “Os Amores de Kimbá”, Zezinho, o protagonista, apelidado Kimbá por um amigo rico, era um jovem negro que detestava ser pobre. Vivia com a família em um barraco no morro, mas não gostava de seus vizinhos, preferia conviver com os ricos. Kimbá, influenciado pelo amigo rico que o apelidou, envolveu-se, involuntariamente, em um triângulo amoroso (Kimbá, Gustavo e Beth). A consequência desse enlace é o suicídio dos envolvidos - numa referência clara a Romeu e Julieta, de Shakespeare – selando o pacto de amor entre os três.

No que diz respeito ao conto “Duzu-Querença”, trata-se de uma criança trazida à cidade pelos pais em busca de melhores condições de vida. Entretanto, suas expectativas foram frustradas quando, na verdade, o local escolhido para deixar a criança (sem que os responsáveis soubessem) tratava-se de um prostíbulo. Duzu passou de arrumadeira à prostituta. Teve nove filhos, viveu em errância de uma zona a outra e no fim da vida tornou-se mendiga. Por outro lado, deixou como descendente uma neta de treze anos

que representava uma esperança de nova forma de vida. Ela estudava, participava da associação de moradores e ensinava aos menores.

Já o conto “Luamanda” descreve uma mulher de aproximadamente cinquenta anos que buscou entender o amor no decorrer de sua vida. Mãe de cinco filhos, três mulheres e dois homens, sentia-se orgulhosa pelo seu narcisismo, afinal era com ele que compunha e recompunha toda sua dignidade. A passagem do tempo para Luamanda representa aprimoramento, experiência de vida. Dessa forma, observar sua imagem envelhecida no espelho é motivo de prazer.

No que se refere ao conto “Quantos filhos Natalina teve?”, Natalina, personagem principal, grávida aos treze anos, após tomar chás para aborto e não conseguir se ver livre do bebê, resolve fugir de casa por medo da mãe levá-la à parteira Sá Praxedes. A protagonista tem a criança longe de casa e da família. Quando o bebê nasce, uma enfermeira se prontifica a ficar com a criança e Natalina, aliviada, o entrega. Em sua segunda gravidez, também indesejada, Natalina se surpreende com o namorado, que ao saber da gravidez, sugere que se casem. Como não queria casar, optou por entregar o filho ao pai no momento do nascimento e seguir com sua vida. Sua terceira gravidez também não foi desejada. Dessa vez, sua então patroa pediu que Natalina dormisse com seu marido, uma vez que ela não podia engravidar. Natalina aceitou dormir com o patrão sem receber nada por isso e, quando a criança nasceu, novamente seguiu seu caminho. Sua quarta e última gravidez foi fruto de um estupro, contudo Natalina se sentia feliz por não dever nada a ninguém. Optando, nesse momento, em ser mãe da criança, de fato.

No conto, “Ana Davenga”, Ana se envolve com Davenga e opta por ir viver junto a ele em seu barraco na favela. Davenga era chefe de um bando de homens, que junto a ele planejavam e executavam crimes, como roubo a bancos, por exemplo. Davenga, antes de Ana, tentou se unir a Maria, uma filha de pastor, evangélica que tinha o hábito de pregar

para presidiários. Mas ao propor a Maria morar junto dele, ela se recusou e, em função dessa recusa, Davenga ordenou que um de seus capangas a matassem. Ana, embora soubesse dos riscos que corria ao lado de Davenga, escolhe viver com ele, visto que para ela qualquer tipo de vida seria um risco. O conto se encerra com o brutal assassinato de Ana, de Davenga e do filho dos dois, que ainda estava na barriga de Ana, perpetrado pela polícia.

No que se refere ao conto “Di Lixão”, trata-se de um adolescente, de quinze anos, morador de rua que vivencia o desespero de morrer jovem, na rua e sozinho devido a um “tumorzinho na boca, junto ao dente” (EVARISTO, 2014, p. 80). Evaristo (2014) desvela com crueza a dura realidade dos jovens que vivem nas ruas. A dor e as inúmeras privações causam vazios múltiplos no protagonista que busca na posição fetal um refúgio e alento para suas dores.

Do mesmo modo, “Lumbiá” é uma criança moradora de rua, só que, ao contrário de *Di Lixão*, possui uma família. Sua irmã mais nova divide com ele a árdua tarefa de vender doces pelas ruas. Encantado pela história ouvida a respeito do Deus-menino, e se sentindo semelhante ao mesmo no que tange à pobreza, Lumbiá resolve se aventurar a se apropriar da imagem do Deus-menino exposta em uma loja e, ao tentar fugir do segurança do estabelecimento comercial, acaba morrendo atropelado.

Acerca de “O cooper de Cida”, o conto em questão nos apresenta uma mulher jovem que percebe a temporalidade da vida. A partir dessa percepção, Cida se enxerga como alguém que apenas passa pela vida, uma vez que a rotina exaustiva a impede de contemplar os pequenos prazeres do dia a dia.

No que diz respeito a “Beijo na face”, trata-se de uma mulher que vive a tortura de ser controlada e vigiada pelo marido. Salinda não pode dar um passo sem ser perseguida pelo detetive contratado pelo esposo para vigiá-la. Além disso, vive em constante pavor de perder os filhos para o esposo, que a ameaça constantemente. A protagonista só

consegue se ver livre da situação quando o marido decide colocar um fim ao relacionamento, visto que Salinda, em função da submissão, não conseguia por si só romper com o ciclo de abuso.

Sobre “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, o conto retrata a dura realidade de duas crianças moradoras de uma favela que são vítimas da violência constantemente. Zaíta, uma das irmãs, é assassinada ao se ver em meio a um tiroteio nos becos da favela onde morava. A banalização da violência interfere na reação inesperada da irmã que, ao se deparar com o corpo de Zaíta, questiona sobre os brinquedos que não haviam sido guardados. Assim, buscando escapar da realidade dura e cruel, a criança volta o olhar para os brinquedos ao invés de enfrentar a morte da irmã.

O conto “A gente combinamos de não morrer” traz a história de uma família que reage de maneira distinta a de muitas outras pessoas, ao ambiente violento em que vive. Tais formas de reação interferem no desenrolar da vida de cada personagem. Temáticas como o escapismo por meio de telenovelas e a literatura como instrumento de mudança social são abordadas em meio aos acontecimentos violentos presentes no cotidiano das personagens.

Após esse breve resumo dos contos, faremos uma síntese dos referenciais teóricos que embasam esse estudo. No primeiro capítulo desta dissertação, intitulado: *O sujeito afro-feminino: perspectivas teóricas*, será dado destaque às bases teóricas que nortearão todo o estudo e análise. As obras são as seguintes: *O Atlântico negro* de Paul Gilroy (2012), *Peles negras máscaras, brancas* de Frantz Fanon (1983), *Introdução a uma poética da diversidade* (2013) e *O Pensamento de tremor* de Édouard Glissant (2014), *Identidade e identificação: um paradoxo e um desafio para a América latina* de Walter Boechat (2000), *Pode o subalterno falar?* de Gayatri Chakravorty Spivak (2010); *Mulher e*

*escrava* de Sônia Maria Giacomini (1988) e *A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica* de Jessé Souza (2003).

Com esse capítulo, esperamos, através de teóricos renomados no meio acadêmico, trazer as razões deturpadas que foram usadas para colocar os negros e, principalmente, as mulheres negras em uma posição subordinada ao meio social. Daremos destaque, também, às dificuldades encontradas pela mulher negra que resolve ser intelectual, por meio dos estudos de Bell Hooks (1995). Por fim, faremos uma retratação dos motivos pelos quais existem, em nosso país, uma diferença entre classes sociais tão gritante de forma a enquadrar milhares de brasileiros à categoria de subcidadãos.

No segundo capítulo, denominado *Elementos da tragédia nos contos de Conceição Evaristo*, buscamos comprovar a hipótese de que alguns dos contos presentes em *Olhos d'água* (2014), apresentam em suas narrativas elementos constituintes da tragédia grega. Como aparato teórico para o desenvolvimento deste capítulo serão utilizadas as seguintes obras: *A tragédia grega* de Jacqueline de Romilly (2008); *O teatro antigo* de Pierre Grimal (1978), *A poética* de Aristóteles (2008), *Tragédia moderna* de Raymond Williams (2002), o artigo *A tragédia grega como elemento constitutivo da formação integral do homem grego: uma análise segundo Jean-Pierre Vernant* de Deucyr João Breitenbach (2013) e o artigo de Karel Kosik: *O século de Grete Samsa: sobre a possibilidade ou a impossibilidade do trágico no nosso tempo* (2015). Esse capítulo consiste na análise dos contos já mencionados de forma a configurar partes de suas narrativas como textos em que elementos da tragédia estão presentes.

No terceiro e último capítulo, *O Conto: a autenticidade de Olhos d'água*, faremos um estudo minucioso dos neologismos criados pela autora e na rica e abundante presença das metáforas, como outros elementos linguísticos que merecem ser destacados. Evaristo (2014) faz uso de diferentes recursos linguísticos para introduzir seus leitores, da

forma mais real possível, ao mundo dos excluídos socialmente. Tal capítulo será embasado teoricamente por: *Metáforas da vida cotidiana*, George Lakoff e Mark Johnson (2002); *Ensaio sobre a autoficção* organizado por Jovita Maria Noronha (2014) ; *Léxico, produção e criatividade* de Maria Aparecida Barbosa (1981); *Morte e desenvolvimento humano* de Maria Júlia Kóvacs (1992); *A metáfora conceitual: uma visão cognitivista* de Sérgio N. de Carvalho (2003); *Teoria da Literatura* de Vítor Manuel de Aguiar Silva (1976) e *Ser negro: um estudo de caso sobre “identidade negra”* de Francisco Carlos de Lucena e Jorge dos Santos Lima (2009).



## Uma breve biografia de Conceição Evaristo

A presente biografia será embasada em depoimento da Conceição Evaristo divulgado no site *Literafro*<sup>1</sup>. Nascida em 29 de novembro de 1946, em uma favela da cidade de Belo Horizonte (Minas Gerais), Maria da Conceição Evaristo de Britto, teve que lidar desde muito cedo com a dura realidade de ser mulher, negra e moradora de favela.

Conceição Evaristo é filha de Joana Josefina Evaristo que, além de Conceição Evaristo, possui ainda três filhas e cinco filhos; Conceição, por conta das dificuldades financeiras da mãe, foi morar com a tia aos sete anos de idade, com o intuito de representar a mãe “uma boca a menos para alimentar”. De acordo com relato da própria Evaristo, “a oportunidade que tive para estudar surgiu muito da condição de vida, um pouco melhor, que eu desfrutava em casa dessa tia” (EVARISTO, 2009, p. 2-3).

A autora costuma dizer que nasceu rodeada por palavras, se considerando herdeira de uma cultura (africana) em que a oralidade tem um valor superior ao da escrita, (tal concepção não é adotada no Brasil, país em que a escritora nasceu, pois aqui a escrita possui uma mais valia). Para se adequar e ter voz na cultura em que nasceu (brasileira), ela teve que aprender, a árduos passos, a lidar com a escrita.

Evaristo brinca que não foi ela quem escolheu a literatura, ao contrário, a literatura a escolheu, a perseguiu desde cedo. Sua mãe e tias trabalharam em casa de muitos escritores renomados da cidade de Belo Horizonte; tinha sempre em casa livros velhos, jornais e revistas.

Sem acesso a muitos meios de comunicação (televisão, rádio), Evaristo, passou a adolescência e juventude lendo. Assim, a leitura virou um vício. A tia se tornou

---

<sup>1</sup> Para maiores informações, consultar [www.lettras.ufmg.br/literafro](http://www.lettras.ufmg.br/literafro), site da UFMG criado com intuito de divulgar os escritores afro-brasileiros.

servente da biblioteca de Belo Horizonte, com isso, passou a ter acesso fácil aos mais variados livros, fazendo da biblioteca sua morada.

Sua mãe sempre deu valor à educação, fazendo com que os filhos frequentassem uma das melhores escolas públicas da cidade em que viviam; mesmo que para tal tivessem que andar muito, pois a escola era distante do local em que moravam.

Entretanto, devido à iniciação precoce no mercado de trabalho, aos oito anos de idade, Conceição Evaristo só conseguiu concluir o curso normal no ano de 1971. Como em sua cidade natal não conseguiria indicação para o cargo de professora, nesta época, segundo a autora, não existia concurso público na cidade de Belo Horizonte, ela se viu obrigada a migrar para a cidade do Rio de Janeiro, visto que só assim conseguiria um trabalho na carreira do magistério.

Anos mais tarde, Evaristo concluiu o mestrado em *Literatura Brasileira* pela PUC do Rio de Janeiro, em 1996; e, posteriormente, o doutorado em *Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense* (2011).

Atualmente, Conceição Evaristo representa o Brasil no exterior e sua literatura vem sendo traduzida em diversos países. A autora relata que sua ida a Paris, para participar do evento *Salão do livro de Paris* em março de 2015, gerou maior visibilidade dentro do próprio Brasil e, além disso, diz parecer ser necessário que os de fora valorizem o trabalho do escritor para que os de casa o reconheçam.

O reconhecimento nacional, por meio do 3º lugar no *Prêmio Jabuti de literatura* na categoria contos e crônicas em 2015, com *Olhos d'água* objeto de nosso estudo, representa um avanço para os escritores afro-brasileiros. Tal premiação vem sendo realizada há cinquenta e sete anos e busca valorizar os escritores e escritoras brasileiros.

Descrevendo o livro como um todo, pode-se dizer que a temática do mesmo trata dos excluídos socialmente, apresenta histórias marcadas pelo sofrimento e pela luta

diária enfrentada pelas camadas sociais desprivilegiadas do nosso país. Fala-se do amor, das empregadas domésticas, das prostitutas e de muitos tabus sociais: aborto, prostituição, trabalho infantil, homossexualidade, violência contra a mulher, entre outros.

*Olhos d'água* apresenta uma coletânea de contos escritos por Conceição Evaristo entre os anos 1990 e 2010. Dos quinze contos publicados no livro supracitado, apenas quatro, de acordo com a própria autora, são lançamentos: *Os amores de Kimbá*, *Luamanda*, *O cooper de Cida* e *A gente combinamos de não morrer*. Os demais já haviam sido publicados anteriormente, principalmente, nos *Cadernos Negros*<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Criado em 1978, os *Cadernos Negros* têm sido um importante veículo para dar visibilidade à literatura negra. Consiste em uma antologia publicada regularmente com textos de autores afro-brasileiros de diversos estados do Brasil. Disponível em: <http://www.quilombhoje.com.br/cadernosnegros/historicocadernosnegros.htm>. Consultado em: 28 abr. 2017.

## 2. O SUJEITO AFRO-FEMININO

*“Numa sociedade onde prevalece a supremacia dos brancos, a vida dos negros é permeada por questões políticas que explicam a interiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade” (HOOKS, 2010, s\p).*

No presente capítulo propomos uma discussão acerca da literatura feminina negra e sua possível contribuição para a ressignificação da imagem imposta ao sujeito feminino negro. Dessa forma, busca-se desvelar como a mulher negra “luta”, atualmente, para superar o complexo de inferioridade imposto desde o período da escravidão no Brasil (1530-1888), por senhores brancos, detentores do poder, e que, foi assimilado pela sociedade como um todo.

Para falar em afirmação da identidade feminina negra e complexo de inferioridade imposto à mulher negra mais precisamente, faz-se necessário, introduzir o preconceito de cor em si, independente de gênero. E tal conceito é muito bem explicado na citação de Frantz Fanon em *Pele negra, máscaras brancas*:

O preconceito de cor não é nada mais do que um ódio irracional de uma raça por outra, o desprezo dos povos fortes e ricos por aqueles considerados inferiores, e depois o amargo ressentimento daqueles que foram submetidos e injuriados. Como a cor é o sinal exterior mais visível da raça, ela tornou-se critério através da qual homens são julgados sem se levar em conta sua educação e seu nível social. As raças de pele clara chegaram ao ponto de desprezar as raças de pele escura e estas se recusam a continuar aceitando a condição humilde que se lhes pretende impor (SIR ALAN BURNS, s/d, p. 14 *apud* FANON, 1983, p. 97).

Qualquer tipo de preconceito deve ser exterminado das relações sociais, mas o de cor merece um enfoque especial devido à sua raiz histórica e às falsas justificativas que vêm sendo criadas pelos detentores do poder de forma a manterem sua posição privilegiada

na sociedade. A banalização do preconceito de cor e sua introjeção social necessitam ser revelados e desconstruídos.

Tais justificativas acerca da inferioridade das pessoas de pele escura, conferem à sociedade uma hierarquia social quanto à cor da pele. Paul Gilroy (2012) em sua aclamada obra *O atlântico negro* reforça a questão do preconceito de cor quando afirma que “os negros desfrutam de uma posição subordinada no sistema dualista que reproduz a dominação da brancura, masculinidade e racionalidade indissoluvelmente ligadas” (p. 109). Verifica-se, assim, que de um lado, o negro tende a se sentir inferiorizado e de outro, o branco se sente superior.

Por conta dessa hierarquização injustificável, o homem branco desenvolve uma fobia em relação ao homem de cor, demarcando uma linha divisória entre “eu” e o “outro” e discriminando aquele que está do lado oposto ao seu, sendo que na maioria das vezes, a marcação dessa diferença é realizada com violência.

Retomando o livro *Pele negra, máscaras brancas*, evidencia-se que:

É uma realidade: os brancos se consideram superiores aos negros. Mas é também uma realidade: muitos negros querem demonstrar aos brancos, custe o que custar, a riqueza de seus pensamentos, a força comparável de seus espíritos (FANON, 1983, p. 11).

É por meio dessa busca em demonstrar uma realidade diferente, em deixar clara a possibilidade de ascensão da mulher negra, que Conceição Evaristo, com sua literatura, vem trazendo à tona a mulher negra combativa, resistente. Ademais, muitas outras personagens, crianças, jovens, adultos e idosos, ficcionalizados em seus contos, poesias e romances revelam o quanto nossa sociedade pode ser preconceituosa e racista.

O preconceito de cor chega a minar a autoestima da vítima, e a comprometer a sua identidade. No trecho que se segue, podemos ler o relato de um homem negro em que

ficam evidenciados indícios claros do comprometimento da sua dignidade, fruto da discriminação racial cruel e infundada:

Começo a sofrer por não ser branco, à medida em que o homem branco me impõe uma discriminação, faz de mim um colonizado, extorque de mim todo valor, toda originalidade, diz que parasito o mundo, que é preciso que acompanhe o mais rapidamente possível o mundo do homem branco, “que sou um animal estúpido, que meu povo e eu somos como um esterco ambulante repugnantemente promotor de cana macia e de algodão sedoso, que não tenho nada a ver com o mundo”. Então tentarei simplesmente tornar-me branco, isto é, obrigarei o branco a reconhecer minha humanidade. Mas, nos dirá Mannoni, é impossível, pois existe dentro de você um complexo de dependência (AIMÉ CÉSAIRE, s/d, p. 85 *apud* FANON, 1983, p. 82).

A vítima da discriminação começa a sofrer tanto com o preconceito que busca de toda maneira sair dessa posição de subordinação, ainda que para tal seja necessário se submeter a ser o outro. Chega um dado momento em que é preferível ser o outro, ter a sua cor de pele, para sair da condição de vítima.

Segundo Hooks (2010), por serem tratados com brutalidade constante, inconscientemente, muitos negros podem vir a reproduzir a violência a que foram submetidos, formando-se um ciclo interminável em busca de poder e autoafirmação:

Muitos negros estabeleceram relações familiares espelhadas na brutalidade que conheceram na época da escravidão. Seguindo o mesmo modelo hierárquico, criaram espaços domésticos onde conflitos de poder levavam os homens a espancar as mulheres e os adultos a bater nas crianças como que para provar seu controle e dominação. Estavam assim se utilizando dos mesmos métodos brutais que os senhores de engenho usaram contra eles (HOOKS, 2010, s/p).

Faz-se necessário minar em nossa sociedade a condição imposta aos negros pela maioria branca. É impensável a permanência do tratamento desigual, inferior do negro devido à cor da pele. Mas, infelizmente, ainda é perceptível que “em nossa sociedade, ao negro foi negada até mesmo sua própria existência. A raça negra conseguiu, até bem pouco tempo, manifestações importantes apenas na música e esportes” (BOECHAT, 2000, p. 168).

A notoriedade a que aos negros é reservada destaca-se apenas na música e futebol, da qual fala Boechat (2000). Assim, perpetua-se alguns dos estereótipos criados, como, por exemplo, o da mulata com “samba no pé”, e do negro “bom de bola”, entre outros. Em função desses estereótipos, Conceição Evaristo relatou em entrevista à revista *Raça Brasil*<sup>3</sup> que: “Espera-se que a mulher negra seja capaz de desempenhar determinadas funções, como cozinhar muito bem, dançar, cantar, mas não escrever. Às vezes me perguntam: “você canta?”. E eu digo: “não canto nem danço” (EVARISTO, 2011, s/p).

Através do relato da autora, percebemos claramente a perpetuação dos estereótipos no cotidiano das relações sociais estabelecidas: funções socialmente determinadas são impostas aos negros através de padrões básicos pré-estabelecidos.

A escrita é considerada em nossa sociedade um meio propício à ascensão social e, através dessa perspectiva, justifica-se o fato de não ser imaginável, ser a mulher negra detentora desse saber. Ela pode cantar, dançar, cozinhar, mas escrever jamais, visto que tal procedimento a levará a lugares antes reservados apenas aos brancos.

Entretanto, à medida que o homem negro vai compreendendo a injustiça social de que é vítima, vai elaborando uma contra resposta a tudo o que foi usado como argumento para inferiorizá-lo. Os negros se apropriam desse mito racial-social e o desconstroem. Desse modo, surgem discursos como, por exemplo, este escrito por Fanon (1983): “Sim, nós somos (os negros) atrasados, simples, livres nas nossas manifestações. É que o corpo para nós se opõe àquilo que vocês chamam de espírito” (p. 104-105).

No trecho descrito, percebemos que o negro reconhece as discriminações infundadas dos brancos e se impõe na sua diferença. Quando na citação lemos que “corpo se

---

<sup>3</sup> A citação está presente no site da *Revista Raça*. Trata-se de uma entrevista concedida por Conceição Evaristo. A revista está disponível em: <http://racabrasil.uol.com.br/Edicoes/96/artigo15620-2.asp/> dia. Consultado em: 03 nov. 2015.

opõe ao espírito” percebemos que o fato de julgá-los “atrasados” está diretamente relacionado a diferenças culturais.

No trecho que se segue, presente no livro *Pele negra, máscaras brancas* de Frantz Fanon (1983), somos apresentados a um relato da percepção do homem negro sobre as injúrias feitas pelos brancos:

O branco estava enganado, eu não era primitivo, nem tampouco um meio-homem, eu pertencia a uma raça que há mais de dois mil anos trabalhava o ouro e a prata. E depois, havia outra coisa, outra coisa que o branco não podia compreender. Ouçam bem: “Quais eram estes homens que uma crueldade inexcedível através dos séculos arrancava-lhes de seu país, de seus deuses, de suas famílias?” “Homens doces, educados, corteses, superiores certamente a seus carrascos, esta corja de aventureiros que quebravam, violentavam, insultavam a África para melhor espoliá-la (FANON, 1983, p. 107-8).

Tal fragmento coloca em xeque a afirmação de que o negro seja primitivo, se quem violenta, insulta e rouba são os homens brancos. Dessa forma, outro estereótipo é desconstruído por meio de um conceito mais humanista de civilização.

A partir da conscientização política em relação aos insultos, o homem negro começa a buscar o reconhecimento no mundo branco, reivindicando seus direitos, sua identidade, e conquistando os espaços sociais que lhe foram negados: segundo Frantz Fanon (1983) o homem negro “não deseja de modo algum dominar o mundo, ele quer a abolição de privilégios étnicos sejam eles quais forem; confirma sua solidariedade com os oprimidos de qualquer cor” (p. 109).

Trata-se da luta pela transformação social na busca de espaço e reconhecimento das diferenças de forma que todos possam se aceitar e conviver em harmonia.

Nos nossos dias, podemos dizer que, embora o mundo tenha se modernizado em diversos aspectos, sejam eles tecnológicos ou sociais, ainda prevalece o preconceito de cor e a praxe de anular o homem negro e, principalmente, a mulher negra. Sendo assim, faz-



se necessário questionar se vivemos em um período de modernidade e avanços sociais na conquista de direitos, visto que valores deturpados ainda vigoram. Segundo Paul Gilroy (2012):

Naquilo que parece ser um passo atrás em relação ao que podemos chamar alta idade moderna, o interesse pela subordinação social e política dos negros e outros povos não europeus geralmente não se apresenta nos debates contemporâneos em torno do conteúdo filosófico, ideológico ou cultural e das consequências da modernidade (p. 107).

Tal debate ainda é modesto não por falta de conhecimento de causa, mas por falta de conveniência aos detentores do poder político, econômico e midiático, uma vez que ao trazer à tona tal debate, conseqüentemente estarão, de certa forma, colocando em risco sua hegemonia e seu *status quo*. É possível fazer dialogar a citação de Paul Gilroy (2012) com a posição assumida de Glissant (2013), visto que no prefácio escrito por Enilce Albergaria Rocha do livro *Introdução a uma poética da diversidade*, registra-se:

Para Glissant, os povos que irrompem na contemporaneidade necessitam construir sua modernidade à força, e cabe às artes em geral, e à literatura em particular, a função essencial na propulsão do imaginário utópico de suas coletividades; do contrário estas correm o risco de não se nomear, de calar sua voz, sua identidade e seu projeto coletivo (GLISSANT, 2013, p. 9).

A forma de se contrapor ao poder, de buscar a transformação da realidade dá-se, segundo GLISSANT (2013), por meio das artes no geral, cabendo às mesmas o desafio de dar voz e identidade às minorias invisíveis e oprimidas.

Para obter o seu *locus* de enunciação, elas terão que imprimir suas lutas e reivindicações na cena brasileira e internacional. E é exatamente essa a intervenção de Conceição Evaristo, que busca por meio da sua arte a humanização e, através da denúncia das mazelas impostas a esse grupo, vislumbra o resgate da dignidade dos afro-brasileiros.

Outros escritores e intelectuais têm se empenhado nesse objetivo. Paul Gilroy (2012), por exemplo, apresenta como razão primordial à escrita do seu livro *O Atlântico*

*negro*: “tornar os negros percebidos como agentes, como pessoas com capacidades cognitivas e mesmo com uma história intelectual - atributos esses negados pelo racismo moderno” (p. 40).

O racismo procura vetar ao negro sua intelectualidade, sua condição humana, buscando manter o poder nas mãos dos brancos que chegaram inclusive ao ponto de apagar a história e as contribuições dos negros ao mundo moderno. Esse processo sistemático de apagamento atinge também as mulheres.

Segundo Glissant (2005), precisamos inventar um povo, um “devir-povo” que se crie, se reinvente a partir de trocas constantes de uns com os outros. Afinal, somos perpassados por saberes e por culturas; e assim nos modificamos, estamos em constante processo de devir e, a partir dessa consciência, devemos estar abertos a aceitar nossas modificações e as dos outros. Faz-se necessário, de acordo com o autor:

Mudar a mentalidade das humanidades, abandonar coisas do tipo “se você não é como eu, você é meu inimigo, se você não é como eu, eu estou autorizado a combatê-lo” parece-me ser uma das funções do poeta, e não apenas do poeta, mas do artista, contribuir para transformar esse estado de coisas (p. 60).

Mais uma vez, Glissant (2014) pontua a importância crucial dos artistas em geral para a concretização dessa mudança social que contribuirá para a real transformação da realidade que nos circunda. Afinal, da maneira como as sociedades vêm insistindo em caminhar, agir, sem o olhar voltado para aqueles que vêm sofrendo diversos tipos de preconceitos em função da sua invisibilidade imposta, só conseguiremos gerar mais conflitos e violências:

É como se no mundo não houvesse mais do que três tipos de pessoas: os que decidem, os que sofrem, os que olham e esquecem. Os que sofrem, você os ignora, quase sempre. Quer dizer que não os levamos em conta, eles desaparecem subrepticiamente, nas estatísticas e na opinião geral. Mesmo quando estão diante dos olhos, diante dos nossos olhos, nós que vemos (GLISSANT, 2014, p. 31).

Parece ser esta uma das barreiras que dividem os seres humanos no mundo. Essa banalização do olhar acerca do sofrimento alheio não deixa de ser uma forma de violência, uma vez que a invisibilidade social marginaliza o indivíduo que se sente cada vez mais excluído. É inerente ao ser humano buscar a sensação de pertencimento, na medida em que é um ser social. Ignorar o outro é condená-lo ao isolamento e à marginalização.

Dar voz a esses grupos, portanto, é resgatar sua identidade e valorizar sua cultura e história, tarefa a que vêm se dedicando alguns poetas e escritores brasileiros como: Mirian Alves (*Momentos de busca*. São Paulo: Edição da autora, 1983); Cristiane Sobral (possui poemas e contos publicados na antologia *Cadernos Negros*); Cuti (pseudônimo de Luiz Silva, um dos mais destacados intelectuais negros contemporâneo - *Poemas da carapinha*. São Paulo: Edição do autor, 1978)<sup>4</sup>, dentre outros.

---

<sup>4</sup> Os dados dos poetas e escritores estão disponíveis na página: <http://150.164.100.248/literafro/> Consultado em: 28 mar. 2016.

## Especificamente acerca das mulheres

*“Gostaria de ter me casado com um branco. Só que uma mulher de cor nunca é completamente digna de respeito aos olhos de um Branco. Mesmo se ele a ama. Eu o sabia” (FANON, 1983, p. 38).*

Se o homem negro já está numa posição de subordinação, se o preconceito de cor já é sentido de forma cruel por eles, as mulheres se enquadram em um nível ainda mais bárbaro, por sofrerem também o preconceito de gênero. Para Giacomini (1988):

Não existe a mulher, geral e abstrata, mas mulheres concretas, inseridas em classes sociais historicamente determinadas. Se é certo que em todas as classes de nossa sociedade a mulher é oprimida, não se pode, no entanto, esquecer que a intensidade e, sobretudo, a natureza dessa opressão são diferenciadas. Nesse sentido, a afirmação de que a mulher é duplamente explorada (ou duplamente oprimida), afirmação cada vez mais difundida e aceita, merece uma precisão: não é à mulher em geral, mas muito precisamente à mulher das classes exploradas que ela se aplica (GIACOMINI, 1988, p. 17).

Em nossa sociedade, é fato que as mulheres pertencentes às classes sociais mais exploradas, mais humildes, em sua maioria são as mulheres negras. Em um paralelo com as mulheres indianas, descritas no livro *Pode o subalterno falar?* de Gayatri Chakravorty Spivak, destacamos que estas também são excluídas e marginalizadas na Índia conforme o trecho que se segue: “A questão da ‘mulher’ parece ser a mais problemática, com relação a subalternidade. Para ela é evidente que se você é mulher, negra e pobre, está envolvida de três maneiras” (2010, p. 85).

Esse triplo envolvimento leva a mulher negra a tornar-se subalterna, inclusive se comparada às demais mulheres. A cor da pele seria um intensificador de inferiorização, do preconceito. O termo subalterno é descrito por Spivak (2010), conforme exposto no prefácio de Sandra Goulart de Almeida:

Camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante (p. 12).

Logo, o sujeito subalterno feminino encontra-se mais profundamente na obscuridade e sua posição é ainda mais periférica devido às questões de gênero. Em contrapartida a tudo o que foi descrito, Conceição Evaristo vem, paulatinamente, ganhando espaço no mundo acadêmico e conseguindo atravessar as fronteiras erigidas pelo estrato social dominante.

A luta pela igualdade entre gêneros e a luta feminista no Brasil em seu início, não esteve preocupada em destacar as diferenças subjacentes às mulheres negras em função do preconceito racial<sup>5</sup>. A princípio, as mulheres optaram por lidar como se o caso da mulher negra não fosse específico, como se pudéssemos comparar as oportunidades das brancas, às das negras. No artigo *Mulheres negras brasileiras e a construção de identidades negras positivas: trajetórias e rupturas de um debate político*, de Caroline Fernanda Santos da Silva e Vanessa Santos do Canto publicado nos anais do evento *VII Jornada Internacional de Políticas Públicas* da Universidade Federal do Maranhão é possível evidenciar essa situação.

Destacamos abaixo um trecho que menciona tal fato:

Uma das explicações para a ausência de uma abordagem do problema racial, talvez possa ser encontrado na própria história do desenvolvimento deste movimento no Brasil. Isto porque, as primeiras mulheres a se envolverem em movimentos de emancipação que, inicialmente foi denominado movimento de mulheres, pertenciam ao grupo que constituía a elite política e econômica do país. Neste sentido, pode-se dizer que na década de 30 do século XIX, embora Nísia Floresta fosse contra a escravidão, sua preocupação não se voltava para a discussão acerca da igualdade de direitos entre as mulheres. Isto significa que a questão das desigualdades intragênero não era algo levado em consideração. Nota-se que as primeiras manifestações de mulheres a obter mais visibilidade desde Nísia Floresta até Bertha Lutz no princípio do século XX, voltavam-se para um exercício mais

---

<sup>5</sup> De acordo com Carneiro (2013), “em conformidade com outros movimentos sociais progressistas da sociedade brasileira, o feminismo esteve, também, por longo tempo, prisioneiro da visão eurocêntrica e universalizante das mulheres. A consequência disso foi a incapacidade de reconhecer as diferenças e desigualdades presentes no universo feminino, a despeito da identidade biológica. Dessa forma, as vozes silenciadas e os corpos estigmatizados de mulheres vítimas de outras formas de opressão além do sexismo, continuaram no silêncio e na invisibilidade (p. 118).

aprimorado da maternidade e maior harmonia entre homens e mulheres no convívio doméstico (2003, p. 4).

De acordo com Cynthia Sarti (2004) em *O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória*, “o início do feminismo brasileiro dos anos 1970 foi significativamente marcado pela contestação à ordem política instituída no país (...) questões relacionadas à identidade de gênero (...) somente obtiveram maior importância no final da década de 1970” (p. 36). É no decorrer do processo de redemocratização do Brasil que as mulheres negras começam a se organizar em uma luta que contemple os seus ideais, não somente a partir do gênero, mas também a partir da cor. Dessa forma, o movimento feminista passa a se dividir, e um deles tratará especificamente dos interesses das mulheres negras:

É na efervescência deste contexto histórico que a construção teórica de militantes e intelectuais negras brasileiras na década de 1970, e mais fortemente na década de 1980, configura-se como um novo desafio para o MF que até este momento tinha na oposição ao regime militar então vigente, o principal foco das lutas dos movimentos de mulheres dos mais variados matizes políticos e teóricos (SILVA e CANTO, 2015, p. 4).

Podemos constatar, através do artigo de Silva e Canto (2015), que o argumento da democracia racial foi utilizado para evitar uma demarcação das especificidades das necessidades das mulheres negras. Dessa forma, foi necessária a criação do Movimento das Mulheres Negras (MMN), em contrapartida ao Feminista, tais iniciativas “aproximam-se no que se refere às lutas pela emancipação das mulheres, mas se afastam no que se refere às prioridades das agendas destes movimentos sociais” (SILVA e CANTO, 2015, p. 8).

O MMN se inscreve no contexto social com intuito, assim como o feminista, de combater o racismo e sexismo, no entanto seu foco de luta está pautado na reafirmação de uma identidade negada às mulheres negras:

O MMN procura demonstrar como as reivindicações por uma sociedade que reconheça as mulheres negras enquanto iguais em termos de direitos de cidadania e, ao mesmo tempo, ofereça ampla possibilidade para que se mostrem diversas, específicas, encontram-se, sobretudo, integradas ao ideal de uma sociedade democrática e pluralista. Esses conflitos são de identidade porque transgridem as regras compartilhadas do sistema, referenciando-se tanto em recursos materiais quanto simbólicos. Trata-se de uma luta para afirmar a identidade que seus oponentes lhes negam, para se reapropriar de algo que lhes pertence (MELUCCI, 1996, s\p *apud* RODRIGUES e MAXIMO, 2010, p. 455).

Conceição Evaristo representa em nosso país essa luta, por meio da literatura, por uma afirmação da identidade negada às mulheres negras, visto que:

Num passeio por considerável parcela do discurso literário produzido no Brasil, percebe-se a representação das mulheres em condições de submissão ao homem. E num recorte ainda mais profundo, quando as mulheres em questão são as negras, constata-se a propagação da imagem de um corpo submisso, explorado como objeto sexual e escravizado (RAMOS e ARAÚJO, 2014, p. 3).

Dessa forma, a literatura produzida por mulheres negras engajadas, protagonistas de suas histórias e memórias, assume uma posição política de luta por uma nova visão da mulher negra enquanto sujeito social: “a literatura de autoria afro feminina como produção literária se propõe a rasurar representações de mulheres negras elaboradas ao longo dos anos” (RAMOS e ARAÚJO, 2014, p. 5). Sobre a questão da identidade, vale ressaltar que:

A ideia da existência de uma identidade fixa, que represente uma generalidade de mulheres, cai por terra dando lugar à concepção de um sujeito portador de identidades fluídas, plurais, em constante movimento e revisão, conforme leciona Stuart Hall. A literatura, nesse sentido, constitui um lócus para revisão das representações de feminino e conseqüente (re)criação de identidades (RAMOS e ARAÚJO, 2014, p. 5).

Conceição Evaristo se apropria da literatura exatamente para rever e recriar identidades, até bem pouco tempo, negadas. No livro: *Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil*, de Sandra Maria Giacomini, percebemos um questionamento bem contemporâneo:

A desmistificação dos papéis atribuídos à mulher escrava leva-nos quase que diretamente a um questionamento do discurso dominante sobre a condição da mulher negra em nossos dias. Como não pensar na negra assalariada, enquanto empregada doméstica, quando se discute que ao escravo era negada a possibilidade de uma vida privada? Como não pensar na babá negra de hoje, que cuida dos filhos da mulher branca burguesa ou pequeno-burguesa, enquanto os seus próprios filhos ou não existem ou percorrem soltos os morros e ruas de nossas cidades? A escravidão acabou, mas a presença de suas heranças no bojo das relações burguesas e capitalistas manifesta uma vez mais essa imensa capacidade que têm as classes dominantes, de todos os períodos históricos, de incorporar, até onde for possível, aos privilégios que lhes são próprios, os privilégios de grupos dominantes anteriores (GIACOMINI, 1988, p. 89).

Curioso como um livro escrito há quase três décadas ainda mantém a validade de seus argumentos em nossa realidade. Os privilégios continuam pertencendo aos grupos dominantes, e as classes mais humildes continuam sendo exploradas ocupando empregos socialmente determinados como os de babá, empregada doméstica.

É de extrema importância rever a história, resgatar socialmente e culturalmente a comunidade afro-brasileira, denunciando a discriminação e mostrando, às claras, as sutilezas e armadilhas da segregação racial. Um instrumento eficaz na busca desse objetivo é a literatura engajada socialmente como a praticada por Conceição Evaristo, que vem dar voz e identidade ao negro, buscando desmontar a noção de identidade nacional una e coesa, que já não cabe mais no nosso momento histórico.

Acreditamos na possibilidade de transformação da realidade das mulheres negras, principalmente através de um processo de conscientização social e denúncia de preconceitos históricos que se naturalizaram ao longo da tradição escravocrata no Brasil. Dessa forma, será possível resgatar o orgulho e a identidade dessa população.



## A mulher negra como intelectual

Para Sandra Regina Goulart Almeida, tradutora do livro *Pode o subalterno falar?*, o apelo final de Spivak dirige-se à mulher intelectual: “a ela cabe a tarefa de criar espaços e condições de autorrepresentação e de questionar os limites representacionais, bem como seu próprio lugar de enunciação e sua cumplicidade no trabalho intelectual” (SPIVAK, 2010, p. 15). A referida autora encerra seu livro com a seguinte conclusão:

O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à “mulher” como um item respeitoso nas listas de prioridades globais. A representação não definiu. A mulher intelectual como uma intelectual tem a tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar como um floreio (SPIVAK, 2010, p. 126).

Evaristo, em sua obra, vem provando ser essa mulher intelectual proposta por Spivak ao nos apresentar uma literatura comprometida com o resgate da história dos afrodescendentes e com a denúncia da exclusão social desse grupo, tendo como foco a questão da mulher negra e pobre, e a violência de que é vítima por parte da sociedade como um todo e, em especial, por parte dos homens. Evaristo, ao contrário da constatação de Spivak, mostra que o subalterno pode falar, ao dar voz a esse grupo, uma voz ficcionalizada que reinventa através de seus personagens, a realidade cotidiana de mulheres, crianças, jovens, idosos e idosas negros. Sendo ela parte desse grupo, ela não fala por eles: ela é um deles.

Ainda a respeito de citações de autores sobre a mulher negra enquanto intelectual, em *O atlântico negro* (2012), de Paul Gilroy lê-se “As mulheres negras intelectuais, que articulam um ponto de vista autônomo, autodefinido, estão em condições de examinar a utilidade de coalizões com outros grupos, tanto acadêmicos como militantes, para desenvolver novos modelos de mudança social” (GILROY, 2012, p. 121). Gilroy deixa

claro seu ponto de vista sobre a importância da voz da mulher negra enquanto propulsora de uma nova forma de transformação social.

A literatura é uma poderosa “arma” por meio da qual os escritores e poetas dão visibilidade aos excluídos e marginalizados, inventando, através de sua denúncia social, uma utopia transformadora. Entretanto, tal tarefa não tem sido muito aceita no Brasil por aqueles que há muito detém o poder, e a enunciação nas instituições, na mídia, na sociedade em geral. De acordo com Glissant (2013):

O que está realmente acontecendo no mundo é que estão sendo criados microclimas de interpenetração cultural e linguística. E quando essa interpenetração cultural e linguística é muito forte, então os velhos demônios da pureza e da antimestiçagem resistem e inflamam esses focos infernais que vemos queimar na superfície da terra (p. 21).

Ainda, segundo o autor:

Hoje a voz dos oprimidos é tão soberana quanto a lei dos antigos mestres; e que não devemos presumir que a poeira na qual se debatem os povos é infértil, que sobre ela não se pode edificar uma grande verdade ou poderosa literatura (GLISSANT, 2014, p. 124).

As obras de Evaristo vão de encontro com a teoria de Glissant. Através da opressão sofrida durante o seu percurso de vida, a autora nos apresenta a verdade do seu mundo, por meio de uma literatura emancipatória cujo objetivo é dar voz aos afrodescendentes excluídos do Estado de direito.

Conceição possibilita a seu grupo, e a ela mesma, uma forma de entender os fatos vivenciados por eles, denunciando a exclusão de que são vítimas e até mesmo instaurando uma visionária percepção de uma possibilidade de transformação da dura realidade que os cerca. Bell Hooks (1995), não muito distante dos ideais de Conceição Evaristo, declara o motivo que a levou a almejar posição de intelectual:

Constantemente perseguida e castigada na família, as tentativas de entender meu destino me empurraram para o pensamento analítico crítico. Manter-me a distância de minha experiência de infância, vê-la com um distanciado desligamento, foi para mim uma estratégia de sobrevivência. Para usar o termo psicanalítico de Alice Miller, tornei-me minha própria testemunha, esclarecida e capaz de analisar as forças que atuavam sobre mim. E através dessa compreensão pude manter um senso separado de mim mesma. Ferida, às vezes perseguida e vítima de abusos, encontrei na vida intelectual um refúgio, um abrigo onde podia experimentar uma sensação de atuar sobre as coisas e com isso construir minha identidade subjetiva. Esse reconhecimento vivido de como a mente pelo pensamento crítico podia ser usada a serviço da sobrevivência, como podia ser uma força curativa em minha luta para combater o desespero da infância me permitiu tornar-me um eu autônomo na família disfuncional e levou-me a valorizar o trabalho intelectual. Valorizava-o não por ter-me trazido status ou reconhecimento, mas porque oferecia recursos para intensificar a sobrevivência e meu prazer de viver (1995, p. 466).

Constatamos, através da citação, que a autora usa a intelectualidade como instrumento de superação do sofrimento vivenciado no decorrer de sua vida. Foi por meio dos estudos que a autora conseguiu construir sua identidade e, retomando as próprias palavras da escritora, ela pôde tornar-se “um eu autônomo”.

A intelectualidade aparece diretamente relacionada à possibilidade de uma real sobrevivência em meio ao ambiente em que a autora cresceu. Já no que se refere à sua infância e ao valor dado à educação pelo grupo social no qual Hooks (1995) convivia, vale a pena destacar o trecho que se segue:

Eu sabia a importância de ser inteligente mas não inteligente, demais. Ser demasiado inteligente era sinônimo de intelectualidade e isso era motivo de preocupação, sobretudo se se tratasse de uma mulher. Para uma criança inteligente nas comunidades negras de classe inferior e pobres, fazer perguntas demais, falar de ideias que diferiam da visão do mundo predominante na comunidade, dizer coisas que os negros adultos relegavam ao reino do indizível, era um convite ao castigo e até ao abuso (1995, p. 465-6).

Fica bastante claro no fragmento destacado que a inteligência não era vista com bons olhos no grupo social em que a autora cresceu. Quem ousasse percorrer caminhos relacionados à intelectualidade seria punido, talvez pelo deboche, pelo escárnio. E, como já destacado anteriormente, sempre que se trata do sexo feminino, a exigência ao que julgam não ser pertinente para uma mulher é flagrante. Por esse motivo, o movimento feminista negro busca, de acordo com Pimentel (2011) em dissertação “*Eu vim de lá pequenininho*,

*alguém me avisou pra pisar neste chão devagarinho”*: Diálogos diaspóricos entre um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves e *Beloved*, de Toni Morrison.

Dar voz e rearticular as inúmeras vozes suprimidas ao longo dos anos do domínio patriarcal que segue o modelo colonizador. Suas atividades têm a consciência da necessidade do diálogo para resolução de conflitos internos e externos e, por isso, veem na escrita de mulheres afrodescendentes uma maneira de explorar assuntos-tabus. É através da propagação de determinada realidade ou na expressão de sentimentos calados que elas acreditam haver luz no fim do túnel, para que a condição de vida de grande parte dessa população seja questionada e, possivelmente, alcance mudanças positivas (PIMENTEL, 2011, p. 33).

Conceição Evaristo aborda inúmeros tabus em suas obras. Dessa forma, a autora pode instigar seus leitores a questionar determinadas imposições sociais, e facilita uma transformação social real e positiva para a vida daqueles pertencentes a esses grupos.

Entretanto, é preciso que outras mulheres negras tenham a oportunidade e se interessem em ocupar o lugar da intelectualidade. Afinal, é através de seus questionamentos e relatos de suas histórias, na maioria das vezes marcadas por profundo sofrimento, que suas vozes se farão ouvir e terão força suficiente para superação de um passado massacrado, e a real possibilidade de um futuro e presente diferente.

Diferentemente do vivenciado na infância da autora Bell Hooks, Conceição Evaristo declara ter sido de certa forma incentivada pela mãe a se dedicar aos estudos; quem a desencorajou e lhe impôs obstáculos, foi o meio social em que a autora vivia:

Foram, ainda, essas mãos lavadeiras, com seus sóis riscados no chão, com seus movimentos de lavar o sangue íntimo de outras mulheres, de branquejar a sujeira das roupas dos outros, que desesperadamente seguraram em minhas mãos. Foram elas que guiaram os meus dedos no exercício de copiar meu nome, as letras do alfabeto, as sílabas, os números, difíceis deveres de escola, para crianças oriundas de famílias semi-analfabetas. Foram essas mãos também que, folheando comigo, revistas velhas, jornais e poucos livros que nos chegavam recolhidos dos lixos ou recebidos das casas dos ricos, que aguçaram a minha curiosidade para a leitura e para a escrita. daquelas mãos lavadeiras recebi também cadernos feitos de papéis de embrulho de pão, ou ainda outras folhas soltas, que, pacientemente costuradas, evidenciavam a nossa pobreza, e distinguiam mais uma de nossas diferenças, em um grupo escolar que nos anos 50 recebia a classe média alta belorizontina. Das mãos lavadeiras, recebi ainda listas de mantimentos, palavras cifradas, preços calculados para não ultrapassar o nosso minguado orçamento (sempre ultrapassavam) e lá ia eu, menina, às tendinhas, aos armazéns e às padarias perto da favela para fazer compras. Nesse exercício de quase adivinhar os textos escritos

produzidos por minha família, quem sabe o meu aprendizado para um dia caminhar pelas vias da ficção... (EVARISTO, 2005, p. 2).

Fica bastante claro com o texto reproduzido acima que a mãe de Conceição Evaristo, desde muito cedo, incentivou e encorajou a filha a estudar. Foi através da mãe que Conceição aprendeu a copiar seu nome, folheou os primeiros jornais e revistas e até recebeu cadernos fabricados à mão.

A escrita, mesmo que de forma bastante simplificada, esteve sempre presente no cotidiano da autora, seja nas listas de mantimentos, nas listas de roupas das patroas e até mesmo nos desenhos que sua mãe fazia com gravetos no chão de barro.

Conceição amadureceu sua percepção de escrita e se conscientizou de que suas narrativas provinham das histórias ouvidas no decorrer de sua trajetória de vida. A partir daí, assumiu a missão de dar voz ao seu grupo social tão desfavorecido, sem direito à fala, e criou para sua literatura o conceito de *escrevivência*:

A gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo das palavras, das histórias que habitavam em nossa casa e adjacências. Dos fatos contados à meia-voz, dos relatos da noite, segredos, histórias que as crianças não podiam ouvir. Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos. O meu corpo por inteiro recebia palavras, sons, murmúrios, vozes entrecortadas de gozo ou dor dependendo do enredo das histórias. De olhos cerrados eu construía as faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro. No corpo da noite. Na origem da minha escrita ouço os gritos, os chamados das vizinhas debruçadas sobre as janelas, ou nos vãos das portas contando em voz alta umas para outras as suas mazelas, assim como as suas alegrias. Como ouvi conversas de mulheres! Falar e ouvir entre nós, era talvez a única defesa, o único remédio que possuíamos. Venho de uma família em que as mulheres, mesmo não estando totalmente livres de uma dominação machista, primeira a dos patrões, depois a dos homens seus familiares, raramente se permitiam fragilizar. Como “cabeça” da família, elas construíam um mundo próprio, muitas vezes distantes e independentes de seus homens e mormente para apoiá-los depois (EVARISTO, 2005, p. 2-3).

A autora revela, por meio do fragmento acima, que suas narrativas têm como trajetória inicial a sua própria vivência, as situações que testemunhou no decorrer de sua vida. Podemos perceber que, partindo dessas histórias, trazendo aos seus leitores tais fatos, Conceição acaba por atuar de forma crucial na enunciação dos grupos subalternos.

Quando declara que as mulheres de sua convivência raramente se permitiam se fragilizar, é possível fazer um paralelo com o artigo de Bell Hooks *Vivendo de amor*, traduzido por Maísa Mendonça e publicado no *Portal Geledés*<sup>6</sup>. A autora, assim como Evaristo, relata que:

A prática de se reprimir os sentimentos como estratégia de sobrevivência continuou a ser um aspecto da vida dos negros, mesmo depois da escravidão. Como o racismo e a supremacia dos brancos não foram eliminadas com a abolição da escravatura, os negros tiveram que manter certas barreiras emocionais. E, de uma maneira geral, muitos negros passaram a acreditar que a capacidade de se conter emoções era uma característica positiva. No decorrer dos anos, a habilidade de esconder e mascarar os sentimentos passou a ser considerada como sinal de uma personalidade forte. Mostrar os sentimentos era uma bobagem (HOOKS, 2017, s/p).

Assim uma das heranças do período escravocrata seria a impossibilidade de demonstrar sentimentos. Cremos já não se fazer necessário especificar, aqui, que as mulheres negras sofrem duplamente devido ao racismo e ao machismo, logo, elas criaram estratégias de sobrevivência ao mundo que as rodeia.

Desse modo, as emoções, reprimidas, passaram a não ter importância, ou seja, a suposta força sentimental das mulheres negras advém da necessidade de sobreviverem em meio à brutalidade imposta desde a escravidão. O estereótipo de que as mulheres negras são mais fortes, ou até mesmo insensíveis, foi forjado.

Com efeito, os relatos das mulheres negras devem servir de base para desmascarmos determinados comportamentos e, dessa forma, desconstruirmos os estereótipos criados ao longo dos anos.

Sempre que abordamos as histórias dos afrodescendentes, percebemos que os negros só estão em uma posição de subordinação devido há anos de mentiras ideológicas dos brancos, que visaram sempre calar suas vozes e atitudes. Contudo, esse quadro vem

---

<sup>6</sup> Fundado em 30 de abril de 1988, *Geledés* instituto da mulher negra é uma organização da sociedade civil que se posiciona em defesa da mulher e dos negros. Posiciona-se também contra todas as demais formas de discriminação que limitam a plena cidadania. Dados extraído do próprio portal, cujo endereço eletrônico é [www.geledes.org.br](http://www.geledes.org.br).

sendo revertido com políticas públicas de inclusão como as cotas raciais nas universidades e com o auxílio da poderosa literatura de escritores negros engajados.

As teorias e discursos racistas foram introjetados pelos negros (as) e, no artigo intitulado *Intelectuais negras*, Bell Hooks (1995) deixa clara a preocupação de muitas mulheres negras diante da intelectualidade:

O medo do isolamento da comunidade ou a sensação de que a vida não é bem vivida se não em comunidade, foi identificada como uma barreira impeditiva para negras optarem de corpo e alma pelo trabalho intelectual (p. 471).

Tal receio provém do discurso perpassado em suas comunidades de que ao se dedicarem aos estudos elas estariam se isolando de suas famílias e de seus pares.

Evaristo e a própria Hooks provam o contrário: a forma que as autoras encontraram de trazer suas comunidades para o primeiro plano foi por meio da escrita. Entretanto, algumas mulheres negras, acuadas pelo medo do isolamento comunitário, ainda hesitam a se dedicar aos estudos, mesmo se tiverem condições para isso.

De fato, tal receio foi transmitido a essas mulheres no decorrer de suas vidas. A elas foi dito que a dedicação aos estudos as deixaria frias, as faria esquecer os seus:

Muitas negras, entre elas eu, descreviam experiências de infância em que o anseio por ler, contemplar e falar sobre uma mais ampla gama de ideia era desestimulado, considerado uma atividade frívola ou que nos absorvendo com tanta intensidade nos tornaríamos egoístas, frias, destituídas de sentimentos e alienadas da comunidade. Na infância, se eu não pusesse os trabalhos domésticos acima dos prazeres de ler e pensar, os adultos ameaçavam me punir queimando meus livros, proibindo-me de ler. Embora isso jamais tenha ocorrido, incutiu em minha consciência o senso de que era de algum modo não apenas errado preferir ficar sozinha lendo, pensando e escrevendo, mas também meio perigoso para meu bem estar e um gesto de insensibilidade para com o bem estar dos outros (HOOKS, 1995, p. 470-1).

Desse modo, Hooks ilustra a resistência encontrada por Conceição em sua comunidade. O preconceito sofrido por Hooks por conta de seu interesse pelos estudos também é vivenciado por Evaristo, que precisou migrar para o Rio de Janeiro a fim de

encontrar oportunidade de trabalho como professora, entretanto, Evaristo tem na mãe uma incentivadora.

Além disso, Hooks (1995) ressalta:

A subordinação sexista na vida intelectual negra continua a obscurecer e desvalorizar a obra das intelectuais negras. (...) As intelectuais negras que não são famosas (e nem todos os escritores são intelectuais) continuam praticamente invisíveis nessa sociedade. Essa invisibilidade, e ao mesmo tempo em função do racismo e sexismo e da exploração de classe institucionalizados, é um reflexo da realidade de que grande número de negras não escolhem o trabalho intelectual como sua vocação (p. 467).

O mundo ainda é regido por alguns que se interessam, por questões de poder, em manter as mulheres e, principalmente, as negras em um patamar abaixo. Tudo o que foi possível para diminuir a sua capacidade de pensar, de se envolver com a cultura e a educação foi feito. Sendo assim, criou-se uma maior dificuldade de subversão ao padrão imposto:

A socialização sexista inicial que ensina as negras e na verdade a maioria das mulheres que o trabalho mental tem de ser secundário aos afazeres domésticos, ao cuidado dos filhos, ou a um monte de outras atividades servis tornou difícil para elas fazer do trabalho intelectual uma prioridade essencial (HOOKS, 1995, p. 471).

A sociedade, a família e comunidade acabaram por não facilitar a inserção da mulher negra como intelectual, mas, mesmo assim, algumas subverteram os padrões impostos. Atualmente, essas mulheres vêm tornando visível para as demais, que se sentem impedidas de realizarem tal sonho que, ao contrário do que se propaga, a intelectualidade pode vir a auxiliar não só o seu entendimento de mundo, mas também ajudar a sua comunidade a ser reconhecida e ter o devido valor reconhecido.

Para Hooks:

Quando o trabalho intelectual surge de uma preocupação com a mudança social e política radical, quando esse trabalho é dirigido para as necessidades das pessoas, nos põe numa solidariedade e comunidade maiores, enaltecendo fundamentalmente a vida (HOOKS, 1995, p. 478).



A autora conseguiu, através de sua intelectualidade, ser solidária aos seus, tentando demonstrar que o discurso proferido de modo a impedir que as mulheres negras busquem os estudos, não é real, pelo contrário, é por meio dos estudos que elas poderão, de alguma forma, ajudar suas comunidades.

Com efeito, Conceição Evaristo (2005) declara:

Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação (s/p).

É fato que, se há bem pouco tempo escrever era negado à mulher branca, para as mulheres negras tal atitude ainda se faz problemática, visto que se as mesmas vierem a se conscientizar do poder de sua escrita, conseguirão se contrapor às crueldades e discriminações impostas.

Carole Boyce Davies entende que “a mulher afrodescendente utiliza-se da linguagem para reapropriar-se do mundo que a rodeia” (1994, p. 4, *apud* PIMENTEL, 2011, p. 27). Tais esclarecimentos, dados por intelectuais que se propuseram a subverter os padrões vigentes precisam ser transmitido às demais gerações de mulheres negras, de maneira a incentiva-las a buscar o trabalho intelectual como forma de protesto e transformação de suas realidades.

Para Bell Hooks o que falta para o florescimento de intelectuais negras é a confiança, antes negada, de uma crença essencial nelas mesmas e no valor que possui os seus trabalhos. Essa crença vem sendo impedida pelas representações misóginas e racistas. Desse modo, cabe às intelectuais negras orientar o modo como a sociedade as vê, desconstruindo a desvalorização dos seus trabalhos intelectuais.

A autora afirma também, como dito anteriormente, que a política do patriarcado torna a situação dos intelectuais negros diferente da situação das mulheres. Eles, embora enfrentem o racismo, não precisam enfrentar o preconceito de gênero.

Através do descrito, é possível afirmar que surge socialmente a necessidade de desconstruir a ideia difundida há anos da falta de qualificação intelectual das negras. Além disso, é preciso desmistificar a ideia absurda de que a mulher que opta por ser intelectual estará abandonando sua comunidade.

Dessa forma, poderão surgir outras intelectuais com o intuito de transformar suas realidades e a dos seus, de forma a garantir o devido e merecido reconhecimento às mulheres negras.

## 2.1 A questão da subcidadania como busca de desvelamento da desigualdade social brasileira

*“A desigualdade entre classes está baseada em princípios que envolvem não-reconhecimento. Ou seja, princípios que adquirem eficácia a partir de regras opacas e aparentemente impessoais, que de forma subpolítica e subliminar, condenam classes sociais inteiras ao não reconhecimento e à baixa auto-estima e, a partir disso, à legitimação de um acesso diferencial a bens e serviços escassos” (SOUZA, 2003, p. 76).*

A presente subseção desta dissertação se valerá, principalmente, dos conceitos e formulações do sociólogo e professor titular da *Universidade Federal de Juiz de Fora* Jessé Souza, presentes no livro *A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica* (2003).

A singularidade da formação da sociedade brasileira pode vir a ser esclarecida em decorrência do tipo peculiar de colonização portuguesa que aqui se instituiu:

Como o dado estrutural mais importante dessa singularidade foi a constituição de uma sociedade escravocrata de tipo bastante peculiar, nada mais natural que a forma específica da escravidão que se constituiu no Brasil seja a chave fundamental para a compreensão da singularidade social e cultural brasileira. Acredito, no entanto, que Freyre na realidade possui duas visões da sociedade colonial brasileira a partir precisamente de duas visões que me parecem conflitantes acerca da particular forma de escravidão que se teria implantado entre nós. Em Freyre, a visão sobre a especificidade da escravidão brasileira alterna entre uma ênfase no tema do sadomasoquismo e uma concentração no tema da mestiçagem. O tema do sadomasoquismo está ligado ao tema da “escravidão mulçumana”. A estratégia do domínio, que é a substância do que ele irá chamar de escravidão muçulmana, permite uma expansão e durabilidade da conquista inigualáveis, na medida em que associa o acesso a bens materiais e ideais muito concretos à identificação do dominado com os valores do opressor. A conquista pode assim abdicar da vigilância e do emprego sistemático da violência para a garantia de domínio e passar a contar crescentemente com um elemento volitivo internalizado e desejado pelo próprio oprimido. O Brasil colônia estava cheio de exemplos desse tipo de política. Isso permitia não só que fossem usados aqui capitães-do-mato e feitores negros ou mulatos. Também possibilitava a povoação de enormes massas territoriais sem que a dominância do elemento conquistador fosse posta seriamente em perigo (SOUZA, 2003, p. 105-6).

Tal tipo de política, possibilitava aos escravos uma real possibilidade de mobilidade social. Aqueles escolhidos para trabalharem contra os seus iguais, e em contrapartida a favor dos senhores, poderiam vir a se tornar detentores de algum poder, pelo menos, em meio aos seus semelhantes.

De acordo com o autor:

Essa astuciosa estratégia de domínio se, no pólo negativo, implica subordinação e sistemática reprodução social de baixa auto-estima nos grupos dominados, no pólo positivo, abre uma possibilidade efetiva de mobilidade social (SOUZA, 2003, p. 106).

A sociedade brasileira foi fundamentada, pelos portugueses, no particularismo de uma sociedade patriarcal, uma vez que “o chefe da família e senhor de terras e escravos era autoridade absoluta nos seus domínios” (SOUZA, 2003, p. 104). A proteção patriarcal era condicionada às vontades e inclinações emocionais do patriarca. Outra singularidade presente no processo de escravidão brasileiro foi a inclusão pelos portugueses de uma imitação, adaptada aos seus moldes, da poligamia maometana com intuito de aumentar a população. Dessa forma, condicionava-se que:

Os filhos dos senhores e escravos, desde que assumissem os valores do ‘pai’, ou seja, se eles se identificassem com ele, tinham a possibilidade de ocupar os postos intermediários em sociedade tão marcadamente bipolar (SOUZA, 2003, p. 121).

Tal dado, esclarece a ascensão social de alguns mestiços. O domínio social da classe privilegiada foi exercido por meio do uso da violência. Essa foi, muitas vezes, imposta entre os próprios negros que, ao serem submetidos à ordem do senhor de escravos (em busca de sua ascensão social), criaram rivalidades entre os seus: “uma espessa rede de intrigas, invejas, ódios e afetos contraditórios é percebida como congênita a esse tipo de organização social” (SOUZA, 2003, p. 115).

Aos escravos foi ensinado desejar ter o poder do senhor, e alguns conseguiram, através do modelo aqui adotado, chegar bem perto desse ideal. Para se manterem no patamar próximo aos seus senhores, aos escravos foi exigido agir sempre com violência contra os seus semelhantes, afinal essa era a forma de agir do senhor com qualquer pessoa presente em seu mundo. A conduta desumana, esteve sempre presente no tratamento que o senhor mantinha em todos os tipos de relações estabelecidas com as outras pessoas:

Foi sádica a relação do homem português com índias e negras. Era sádica a relação do senhor com suas próprias mulheres brancas, as bonecas para reprodução (...). Era sádica, finalmente, a relação do senhor com os próprios filhos, os seres que mais apanhavam e sofriam depois dos escravos (SOUZA, 2003, p. 117).

De acordo com a leitura de Jessé Souza, podemos constatar que o senhor de terras e escravos agia como se fosse um hiperindivíduo, um bárbaro sem qualquer noção internalizada de limites em relação aos seus impulsos primários, e:

A consequência política e social dessa tirania privada, quando se transmite da esfera da família e da atividade sexual para a esfera pública das relações políticas e sociais, se tornam evidentes na dialética de mandonismo e autoritarismo de um lado, no lado das elites mais precisamente, e no populismo e messianismo das massas, por outro. Dialética essa que iria, mais tarde, assumir formas múltiplas e mais concretas nas oposições entre doutores e analfabetos, grupos e classes mais europeizadas e as massas ameríndia e africanas e assim por diante (SOUZA, 2003, p. 119).

Podemos concluir, por meio do livro de Jessé Souza, que as desigualdades sociais, tão abruptas, presentes no Brasil, são frutos do nosso processo de colonização. Fomos, assim como no tratamento inferior dado aos negros, condicionados a julgar, a ter como belo aquilo ditado pelos burgueses. Fomos manipulados, e para reverter tais concepções de padrões sociais, será necessário conscientizarmo-nos das mazelas impostas. A estratégia mais valiosa para reversão de tais padrões são as artes no geral como, por exemplo, a literatura de Conceição Evaristo que, ao trazer à tona reflexões antes omitidas, busca a transformação dos imaginários da sociedade.

De acordo com Jessé de Souza (2003) estamos cotidianamente em contato

com:

Distinções hierárquicas e princípios classificatórios não percebidos enquanto tais. A localização e explicitação desses princípios pode nos ajudar a identificar os mecanismos operantes, de forma opaca e implícita, na distinção social entre classes e grupos sociais distintos em sociedades determinadas. Ela pode nos ajudar a identificar os ‘operadores simbólicos’ que permitam a cada um de nós na vida cotidiana hierarquizar e classificar as pessoas como mais ou menos, como dignas de nosso apreço ou de nosso desprezo. Pode também nos esclarecer de que modo disfarçado e intransparente instituições aparentemente neutras implicam, na verdade, na imposição subliminar de critérios particulares e contingentes com seus beneficiários e vítimas muito concretas (p. 38-9).

A *Rede Globo*, assim como outros meios de comunicação em massa presentes em nosso país, se enquadra em uma dessas instituições que sem que a população perceba, dita padrões aos brasileiros que há bastante tempo seguem os ideais e regras ditados pela emissora. De modo geral, aquilo que a *Rede Globo* determina como belo é aceito pela população sem qualquer contestação. Já é fato que a emissora funciona de acordo com as regras priorizadas pela elite brasileira, e tal elite, vem há bastante tempo manipulando a população, através da emissora mencionada, e impondo suas regras sem que a população, no geral, se dê conta.

No artigo *Rede Globo de Televisão e cultura: representação das favelas brasileiras através do programa ‘Esquenta!’* ” de Ana Carolina Ferreira de Souza, publicado nos anais do XIII Simposio Internacional de Pensamiento Filosófico Latinoamericano, em Cuba, lemos que:

A emissora Globo, em função do seu objetivo de manter uma programação elitizada, sustenta um conjunto simbólico voltado para a valorização da classe dominante e a constante marginalização das populações de morros e favelas e suas manifestações culturais (SOUZA, 2012, p. 7).

Os aspectos valorizados pela emissora em suas programações são “aspectos culturais de uma minoria elitista, enquanto marginaliza ou ignora movimentos culturais autênticos das favelas” (SOUZA, 2012, p. 2). Nesse aspecto, aqui destacado, percebemos mais uma vez a manipulação imposta, por uma minoria, à população no geral, sem que a maior parcela dessa população perceba. Em matéria do *Portal Geledés* denominada “New York Times diz que a Globo é a TV que ilude o Brasil”, por Vanessa Bárbara, destaca-se claramente o papel manipulador e controlador que a emissora exerce sobre as camadas populares do nosso país:

Um artigo publicado no jornal New York Times, e reproduzido por aqui no site UOL, é de causar constrangimento a todo brasileiro mais crítico. Nele, Vanessa Bárbara revela com contundente precisão o quanto a TV Globo historicamente interfere no cotidiano de um país que figura entre os de mais baixa qualificação de ensino do planeta. Lembrar que William Bonner comparou o telespectador médio de TV do país com Homer Simpson chega a ser obrigatório (incapaz de entender notícias complexas). A revista “The Economist” publicou um artigo sobre a Rede Globo, a maior emissora do Brasil. Ela relatou que “91 milhões de pessoas, pouco menos da metade da população, a assistem todo dia: o tipo de audiência que, nos Estados Unidos, só se tem uma vez por ano, e apenas para a emissora detentora dos direitos naquele ano de transmitir a partida do Super Bowl, a final do futebol americano”. Esse número pode parecer exagerado, mas basta andar por uma quadra para que pareça conservador. Em todo lugar aonde vou há um televisor ligado, geralmente na Globo, e todo mundo a está assistindo hipnoticamente. Por ser a maior empresa de mídia da América Latina, a Globo pode exercer influência considerável sobre nossa política. Um exemplo: há dois anos, em um leve pedido de desculpas, o grupo Globo confessou ter apoiado a ditadura militar do Brasil entre 1964 e 1985. “À luz da História, contudo”, o grupo disse, “não há por que não reconhecer, hoje, explicitamente, que o apoio foi um erro, assim como equivocadas foram outras decisões editoriais do período que decorreram desse desacerto original (BÁRBARA, 2015, s\p).

Da mesma forma que apoiou os militares durante o período da Ditadura Militar, a mídia novamente ficou ao lado dos corruptos e manipulou a população no que diz respeito ao *impeachment* da presidenta, Dilma Rousseff, em um novo golpe jurídico-parlamentar-midiático. Mais uma vez, como respaldo às nossas argumentações utilizaremos

uma matéria divulgada no *Portal Geledés*<sup>7</sup> denominada *Narrativa do Impeachment foi construída pela mídia brasileira*, por Ivana Bentes (2016):

A tempestade midiática foi calibrada e modulada, sua velocidade e intensidade foi gerida, sendo desacelerada a partir do dia 13 de maio de 2016, com Dilma já afastada pelo rito do impeachment. No dia da posse de Michel Temer como interino, a narrativa midiática em um passe de mágica se transformou, e já o editorial de O Globo profetiza em suas páginas o retorno a uma súbita normalidade: “Otimismo com o novo tom do Planalto” (...) no dia em que a presidenta do Brasil estava sendo julgada e fazia sua defesa durante 14 horas seguidas, respondendo sobre atos fiscais, economia, política, relações internacionais, programas sociais, a Rede Globo ensinava a cozinhar e fritar ovo e na sequência exibiu o filme “A fada do dente”, como se não tivessem “nada a ver” com todo o processo. Uma decisão não simplesmente “comercial”, pois interromperam sua programação e transmitiram em pleno domingo a sessão que admitiu o impeachment de Dilma na Câmara dos Deputados, dando voz aos homens mais raivosos e retrógrados do parlamento. Já a fala de defesa da Presidenta no Senado foi simplesmente ignorada pelo canal aberto com mais incidência na opinião pública, em um momento histórico e decisivo para o Brasil (s/p).

O governo da presidenta eleita Dilma Rousseff manteve o padrão do governo Luís Inácio Lula da Silva no que diz respeito ao reconhecimento da real necessidade de políticas públicas em prol das camadas mais populares da nossa sociedade. Dessa forma, fica evidente a necessidade de a elite buscar o golpe, aliada à mídia (quarto poder), com objetivo de desarticular as políticas públicas implantadas em favor das minorias. Na reportagem do jornal *El País* (online)<sup>8</sup> em 26/10/16, por Luiz Ruffato (2016), vale destacar o trecho abaixo:

A elite brasileira nunca assimilou a ideia de ter de compartilhar as cadeiras das universidades com estudantes de classe média baixa que a alcançavam por meio de bolsas para alunos do ensino público ou por meio de cotas raciais. A elite brasileira nunca aceitou ter de compartilhar o espaço dos aeroportos — que viraram, segundo ela, extensão das rodovias —; nunca admitiu ter que conviver com pobres e afrodescendentes em shoppings e restaurantes e parques e ruas. A

---

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.geledes.org.br/ivana-bentes-narrativa-do-impeachment-foi-construida-pela-midia-brasileira/#gs.WIfE03Y> Consultado em: 22 out. 2016.

<sup>8</sup> Disponível em: [http://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/24/opinion/1477341060\\_648136.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/24/opinion/1477341060_648136.html) Consultado em: 30 out. 2016.



elite brasileira derrubou a presidenta Dilma Rousseff porque não perdoa quem não saiba usar os talheres na sequência correta, não perdoa quem não sabe se portar em sociedade, não perdoa quem não tem berço, quem não tem nome de família, não perdoa quem não tenha todos os dentes — a elite brasileira considera que pobre é mal necessário, que deve existir apenas para servi-la e bajulá-la. E isso em todos os níveis: a elite brasileira não tolera quem entra pela porta dos fundos, seja na política, seja nas hostes literárias, seja no meio empresarial. Desses, ela quer distância! (s/p)

Cabe destacar que dois anos após se desculpar pelo apoio dado à Ditadura Militar, por receio de que as reformas de base, em prol das camadas populares, anunciadas por João Goulart fossem realizadas, a *Rede Globo* mais uma vez apoia outro golpe elitista. Dessa vez, o argumento utilizado não foi o de uma invasão comunista, mas o de combate à corrupção. Fica claro que, novamente, a elite burguesa brasileira manipula as informações por receio de que as políticas públicas implantadas pelo governo de esquerda promovam a ascensão das minorias de forma a concorrerem com o espaço antes destinado apenas aos seus.

Retomando o passado, de forma a contextualizar a maneira como a submissão dos grupos de classes sociais subalternas vem sendo imposta, desde o período colonial brasileiro, destacamos que, com a abolição da escravatura, o negro no Brasil foi lançado à própria sorte. Não existiu qualquer preocupação dos senhores, Igreja, Estado, com o destino dos recém-libertos. Naquele momento, a empreitada brasileira em busca de desenvolvimento, não se configurava em nada com o almejado pelos negros libertos “faltava-lhes vontade de se ocupar com as funções consideradas degradantes que lhe lembravam o passado” (SOUZA, 2003, p. 154). Trabalhar submetido à ordem de alguém, sem qualquer tipo concreto de liberdade, para os recém-libertos, era o mesmo que continuar escravo. Nesse contexto, configura-se o destino social dos ex-escravos, visto que “o abandono dos escravos libertos pelos antigos donos e pela sociedade como um todo, estava,

de certo modo, prefigurando o destino da marginalidade social e da pobreza econômica” (SOUZA, 2003, p. 155).

A nova ordem social voltada ao trabalho assalariado nas indústrias não era almejada pelos negros libertos, eles “não eram suficientemente industriais nem poupadores e, acima de tudo, faltava-lhes o agulhão da ânsia pela riqueza” (SOUZA, 2003, p. 154-5). Seu desejo era o de rejeitar qualquer tipo de trabalho que os fizessem lembrar o período da escravidão:

A ânsia em libertar-se das condições humilhantes da vida anterior, tornava-o, inclusive, especialmente vulnerável a um tipo de comportamento reativo e ressentido em relação às demandas da nova ordem. Assim, o liberto tendia a confundir as obrigações do contrato de trabalho e não distinguia a venda da força de trabalho da venda dos direitos substantivos à noção de pessoa jurídica livre. Ademais, a recusa de certo tipo de serviço, a inconstância no trabalho, a indisciplina contra a supervisão, o fascínio por ocupações “nobilitantes”, tudo conspirava para o insucesso nas novas relações de vida e para a confirmação do preconceito (SOUZA, 2003, p 155-6).

Libertos, sem trabalho, sem amparo legal das instituições da época, só restou aos negros ocuparem a posição de marginalizados socialmente. Cabe destacar que a elite não necessitou da mão de obra dos recém-libertos, enquanto assalariados, devido à inserção em nosso país de imigrantes que supriam os ex-escravos nas atividades industriais. No relacionamento familiar, os negros:

Não chegam a se constituir como uma unidade capaz de exercer as suas virtualidades principais de modelação da personalidade básica e controle de comportamentos egoísticos. Existe, neste tema central da ausência da unidade familiar como instância moral e social básica, uma continuidade com a política escravocrata que sempre procurou impedir qualquer forma organizada familiar ou comunitária da parte dos escravos (SOUZA, 2003, p. 156).

Tal característica, mais uma vez provém do tratamento a que foram submetidos durante o período da escravidão. Os negros foram condicionados a não se

organizar em grupo com intuito de não se unirem de forma a tentar subverter o poder dos senhores de escravos.

Desde o Brasil-Colônia, a população brasileira vem sendo manipulada pelas elites e condicionada a permanecer em uma posição de subordinação. Os preconceitos, sejam eles de cor ou sociais, foram naturalizados de forma a manter o poder econômico nas mãos de uma minoria burguesa que manipula os subalternos tão eficazmente e há tanto tempo que a transgressão de tais padrões dificilmente é percebida como uma necessidade, uma vez que a desigualdade foi introjetada na população como um fato irreversível.

Almejamos, a partir da percepção da realidade vivenciada pelas minorias, pelo desvelamento dos fatores elitistas que condicionam a divisão entre ricos e pobres em nosso país, contribuirmos para conscientização acadêmica dessas mazelas, afinal:

Torna-se imediatamente compreensível que a proteção de minorias e culturas minoritárias passa a ser objetivo político incontornável. A assimilação a uma cultura hegemônica com a conseqüente imagem de inferioridade que é inculcada em relação aos grupos subjugados é uma violência (...) Compreender uma outra cultura implica uma abertura em relação a ela que equivale, em alguma medida, a uma transformação, ainda que parcial, dos parâmetros de julgamentos da própria cultura hegemônica (SOUZA, 2003, p. 37).

Enquanto os governos de esquerda, representados pelo Partido dos Trabalhadores, estiveram no poder, tais distanciamentos de classe vinham sendo colocados em um plano de mudança, uma vez que foram implementadas políticas públicas de melhoria para os grupos mais atingidos pela pobreza. No artigo *A dimensão subjetiva da subcidadania: Considerações sobre a desigualdade social brasileira* de Luane Neves Santos, Alessivânia Márcia Assunção Mota e Marcus Vinícius de Oliveira Silva (2013), destacamos o que se segue:

No caso brasileiro, a desigualdade social apresenta-se historicamente como um grave problema, ainda que com um cenário promissor a partir das políticas públicas direcionadas para a área social que foram implementadas pelo governo Lula. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

(2010), na pesquisa sobre indicadores de desenvolvimento sustentável, o Brasil permanece com elevado índice de Gini (0,531 em 2008), que mede o grau de concentração na distribuição de rendimentos da população e varia de 0 (zero), situação de plena igualdade, a 1 (um), conjuntura de desigualdade máxima. Em condições reais, é muito difícil que o índice alcance esses valores extremos, porém, um índice em torno de 0,5 é compreendido como um valor expressivo de fortes desigualdades na distribuição de renda na região analisada. O que se observa, portanto, é que o crescimento econômico no País não reduziu a desigualdade social na mesma proporção. Dados do IBGE revelam, por exemplo, que, entre 1996 e 2006, o PIB *per capita* cresceu 11,2%, enquanto o índice de Gini diminuiu 7,1%. Outro fator importante nesse contexto são as diferenças regionais destacadas pelo indicador: maior no Centro-Oeste (0,558) e menor nas Regiões Norte e Sul (0,498) em 2008. Assim, fortes desigualdades na distribuição de renda implicam a consolidação da pobreza e situam-se entre os problemas mais graves do País. Estados como Piauí, Paraíba e Alagoas, que possuem os maiores índices de Gini do Brasil, por exemplo, apresentam proporções elevadas de famílias com rendimento mensal familiar *per capita* inferior a ½ salário mínimo: 44,1%, 42,2% e 47,6%, respectivamente (IBGE, 2010). A despeito da melhoria dos índices de desigualdade social, estes ainda permanecem muito altos e como um grande desafio à sociedade brasileira. Dados divulgados pela Fundação Getúlio Vargas na pesquisa intitulada *Desigualdade de Renda na Década* (Neri, 2011) destacam uma redução na pobreza de 50,64% entre dezembro de 2002 e 2010 e do índice que mede a desigualdade, que chegou ao mínimo em uma série histórica desde 1960. A taxa de crescimento na última década dos 50% mais pobres foi 577% mais alta que a dos 10% mais ricos (SANTOS et al, 2013, p. 702).

Com o atual golpe dado pelas elites, fica difícil crer em uma continuidade em favor das minorias, como vinha ocorrendo nesses treze anos de governos petistas. O poder do nosso país, mais uma vez, está nas mãos daqueles que se interessam em manter os pobres cada vez mais subalternos por receio de terem seu poder diminuído. A elite golpista não estava contente com a possibilidade real de ascensão das classes sociais menosprezadas. Precisamos mais do que nunca atentar para que as conquistas realizadas no governo anterior não sejam desfeitas em um piscar de olhos. Um grande exemplo dessa intenção é a PEC 241, que congela os gastos públicos pelos próximos 20 anos. Em entrevista concedida ao *Portal Geledés*<sup>9</sup>, denominada “PEC 241 é condenação de morte para milhares de brasileiros”, por Rodrigo Martins da *Carta Capital*, o ex-ministro da saúde do governo Lula, José Gomes Temporão, afirma que:

---

<sup>9</sup> Matéria completa disponível em: <http://www.geledes.org.br/pec-241-e-condenacao-de-morte-para-milhares-de-brasileiros/#gs.WBGkXTs,%20consultado%20em%202020\10\16.null> . Consultado em: 27 mar. 2017.

O país renuncia ao seu futuro ao sacrificar a saúde e a educação no ajuste fiscal. Se existe um problema macroeconômico a ser enfrentado, do ponto de vista dos gastos públicos, há outros caminhos. Mas este governo não parece disposto a enfrentar a questão da reforma tributária. Temos uma estrutura tributária regressiva no Brasil, que penaliza os trabalhadores assalariados e a classe média, enquanto os ricos permanecem com os seus privilégios intocados (...) Deveriam ficar de fora do ajuste fiscal as áreas de saúde, educação, ciência e tecnologia, pois delas dependem o futuro do País, o nosso projeto de desenvolvimento (...) Estamos falando de mortes. Essa decisão do Congresso é uma condenação de morte para milhares de brasileiros que terão a saúde impactada por essa medida irresponsável. Estamos falando de fechamento de leitos hospitalares, de encerramento de serviços de saúde, de demissões de profissionais, de redução do acesso, de aumento da demora no atendimento (...) A PEC 241 ameaça uma cláusula pétrea da Constituição de 1988, que é o direito à saúde. E a responsabilidade intransferível do que vier a acontecer é deste governo e dos congressistas que aprovarem este disparate (TEMPORÃO, 2016, s/p).<sup>10</sup>

Com a PEC 241, os maiores afetados serão os pobres. Políticas públicas em favor dos menos favorecidos não são aceitas pelas elites, entretanto, políticas que visam o corte de seus poucos benefícios, como por exemplo *Bolsa Família*, verbas para construção de moradias populares e direitos trabalhistas, são almeçadas por esse grupo que, junto ao governo do presidente em exercício Michel Temer, vem destruir qualquer tentativa de reparação.

Fica evidente que, tanto no caso do preconceito de cor quanto no do preconceito de classes, o que determinou tais fenômenos, no caso particular brasileiro, foi o nosso processo de colonização marcado, como já relatado, por características singulares que resultaram na constituição de uma sociedade tão preconceituosa quanto a nossa. Foi construído um “extraordinário contexto de obscurecimento das causas das desigualdades, seja para os privilegiados, seja também, e muito especialmente, para as vítimas deste processo” (SOUZA, 2003, p. 188).

Através da exposição de tais singularidades, torna-se pertinente buscarmos formas de superação aos paradigmas impostos. E cabe à estética artística no geral, através de sua força utópica, continuar a impulsionar essa transformação. Conceição Evaristo já vem

---

<sup>10</sup> Entrevista consultada no *Portal Geledés*, denominada *Pec 241 é (...)*, por Rodrigo Martins, na qual se afirma que Temporão disse o citado.

desempenhando o brilhante papel de desvelar a realidade cotidiana desses grupos excluídos em busca da conscientização acerca de sua realidade socioeconômica. Não podemos continuar a permitir que a elite brasileira se mantenha em um patamar acima da maioria da população através da manipulação midiática e golpes de estado.

### 3. Os três elementos da tragédia: um olhar contemporâneo

*“A tragédia é a imitação de uma ação elevada e completa, dotada de extensão, numa linguagem embelezada por formas diferentes em cada uma das suas partes, que se serve da ação e não da narração e que por meio da compaixão e do temor, provoca a purificação de tais paixões” (ARISTÓTELES, 1458b).*

O presente capítulo pretende especificar alguns dos elementos da tragédia, que estão presentes em contos do livro *Olhos d'água* (2014). Almeja-se, dessa forma, situar algumas das narrativas de Evaristo como textos em que a tragédia grega é aludida, seja na forma ou no conteúdo.

Como ponto de partida recuperamos o trecho do artigo *A tragédia grega como elemento constitutivo da formação integral do homem grego: uma análise segundo Jean-Pierre Vernant* de Deucyr João Breitenbach (2013):

Comumente, entre nós, modernos, a palavra “tragédia” é aplicada para designar um acontecimento funesto ou sinistro. Encontra-se a palavra “tragédia” em todos os meios de comunicação. Não raramente, a designação “tragédia” evoca eventos que, de certa forma, nos lembram de algo ruim, caracterizado por fatalidade, irracionalidade, formas diversas de violência à dignidade humana e planetária. A atualidade do trágico é tão forte que não se pode pensá-lo fora de nós. O trágico se faz mais presente do que nunca, basta analisar a própria compreensão de morte, quando não em seus limites normais de velhice, ou mesmo física e biológica, diante de acontecimentos inesperados, a expressão utilizada para tal acontecimento é sempre “tragédia” (p. 146).

O termo “tragédia” é extremamente comum, no vocabulário cotidiano do brasileiro moderno. A violência está por toda a parte e seu desenrolar, frequentemente, vem associado ao termo trágico. “Tragédia se tornou em nossa cultura, um nome comum para esse tipo de experiência (...) um desastre numa mina, uma família destruída pelo fogo, uma carreira arruinada, uma violenta colisão na estrada”. Com o uso exacerbado do termo, é notável que “os homens educados no que constitui agora a tradição acadêmica fiquem

impacientes e mesmo desdenhosos em relação ao que veem como usos imprecisos e vulgares da palavra “tragédia”, na fala comum e nos jornais” (WILLIANS, 2002, p. 30).

Com efeito, notamos, baseado no artigo do filósofo tcheco Karel Kosik (2015), *O século de grete Samsa*: sobre a possibilidade ou a impossibilidade do trágico no nosso tempo, que existe uma argumentação sobre um suposto impedimento do trágico em nosso tempo:

Quero falar de duas situações que a meu ver dificultam e até excluem, no nosso tempo, a possibilidade do trágico. Vivemos numa época pós-heroica. Isso não significa que no século XX não se realizem ações heroicas; significa apenas que tudo que se faz de bom, grande, corajoso e heroico, tudo de belo e poético, é arrastado na correnteza da banalização e da desindividualização, perdendo sua originalidade e sua força. O poder que influencia fortemente a opinião pública e amesquinha todas as coisas é a alma de lacaio. O lacaio não conhece heróis. Ele não é, sobretudo, capaz de reconhecê-los. O que caracteriza sua visão de mundo consiste no fato de que ela reduz tudo à escala da banalidade. (...) um segundo empecilho no caminho do trágico, no nosso tempo, está na banalização e na domesticação da morte. A morte perdeu o poder que tinha de abalar profundamente os seres humanos e é digerida com certa rapidez no dia-a-dia. A morte do outro, do próximo, não ameaça nos desestruturar: ela é cotidiana, superficial, pouco significativa (s/p).

Karel Kosik (2015) nos remete ao olhar banalizado frente às mazelas que acontecem cotidianamente em nosso planeta, e defende que tal banalização nos afasta da experiência trágica. No entanto, o objetivo aqui, com base nas argumentações teóricas já apresentadas no capítulo anterior, as quais tratam do surgimento dos preconceitos, sejam eles de cor ou gênero social, e amparados por uma literatura engajada como a de Conceição Evaristo, buscar formas de recondução do olhar de banalização da vida, do mundo, e da humanidade. Dessa forma, converteremos o olhar banalizado, para um olhar de compaixão e de solidariedade, principalmente, em relação aos grupos subalternos em nossa sociedade. Sendo assim, defendemos que em consequência dessa reversão de sentimentos, do banal à compaixão, teremos um retorno às condições humanas que compõe o trágico. Cabe ressaltar que “não estamos procurando um novo e universal sentido de tragédia. Estamos procurando a estrutura da tragédia em nossa própria cultura” (WILLIANS, 2002, p. 90).



Entretanto, a origem exata do termo tragédia (tragos-bode, em grego e oídê-canto) está diretamente ligada aos gregos, “ter inventado a tragédia é um belo feito e este feito pertence aos gregos” (ROMILLY, 2008, p. 7). Para Jacqueline de Romilly, é através das obras gregas que o trágico se traduz com força maior, visto que foi aí que ele “apareceu na sua nudez primeira” (p. 7). Ainda citando a mesma autora, vale a pena destacar o trecho que se segue:

A tragédia grega apresentava, na linguagem diretamente acessível da emoção, uma reflexão sobre o homem. É, sem dúvida, por isto que, em todas as épocas de crise, como a nossa, sentimos a necessidade de voltar a esta forma inicial do gênero. Atacam-se os estudos gregos, mas, um pouco por todo o mundo, representam-se as tragédias de Ésquilo, de Sófocles e de Eurípides, visto que é nelas que esta reflexão sobre o homem brilha com a sua força primeira (ROMILLY, 2008, p. 7).

Os três nomes apresentados Ésquilo, Sófocles e Eurípides, os precursores da tragédia na Grécia, são lembrados sempre que se fala em tragédia:

As peças sobrevivem: ou seja, trinta e duas peças de um conjunto de cerca de trezentas, escritas por Ésquilo, Sófocles e Eurípides, e nenhuma escrita pelo grande número de outros trágicos conhecidos de nomes. E no entanto o que sobrevive tem um poder extraordinário, mesmo que desigual: umas oito ou dez peças estão entre os maiores dramas do mundo. A excepcional façanha deve ser ressaltada, mas como uma façanha. O que para nós é uma fonte (de certa forma, a expressão é correta, já que aqui nasceu o drama europeu) era para os gregos realização: uma forma madura atingindo cada ponto de uma cultura madura. Em alguns, mas não em todos os subsequentes, essa grande realização influenciou o desenvolvimento trágico, em todos os seus estágios – de uma percepção geral à imitação consciente (WILLIAMS, 2002, p. 35).

Nossa análise se concentrará em destacar elementos que compõe o trágico no cenário das ficções de Conceição Evaristo. Baseados na fundamentação teórica do primeiro capítulo, e aliados a uma literatura que tem o poder de nos transportar ao mundo dos excluídos socialmente, pretendemos converter a banalização do olhar em relação aos nossos semelhantes em uma consciência plena:

Os homens já estão metamorfoseados e acham que a ‘normalidade’ é a banalidade, a superficialidade, a pequenez. Não têm mais disponibilidade ou vontade para sair

dessa situação degradante; nem a morte tem força para arrancá-los dela (KOSIK, 2015, s/p).

O intento aqui é, reverter tais padrões. De acordo com Jacqueline de Romilly:

De Ésquilo a Sófocles e a Eurípides a tragédia grega transformou-se e renovou-se profundamente. A visão do mundo mudou, os meios literários mudaram, o gosto, o tom, as ideias, tudo mudou. No entanto, a forma literária manteve-se a mesma; e o espírito que a animava permaneceu igualmente o mesmo. Ora, este espírito revelou-se suficientemente característico para que, em consequência, todo o teatro que bebesse da mesma inspiração fosse chamado “trágico” e também para que qualquer desgraça ou qualquer situação que apresentasse uma certa analogia com os dados destas peças fosse mesmo qualificada como “trágica” (ROMILLY, 2008, p. 157).

A ideia base deste capítulo é revelar características em comum entre os contos do livro *Olhos d'água* (2014) e a tragédia, em narrativas que denunciam as desgraças vivenciadas, na atualidade, pelas populações das classes sociais menos favorecidas. Vale destacar que:

Começar uma discussão sobre tragédia moderna com a moderna experiência que a maioria de nós designa como trágica e tentar relacionar isso à literatura e às teorias trágicas pode provocar um literal assombro, ou mais simples e convencional brado de acusação de incompetência. Somos levados a entender que a palavra está sendo empregada de maneira incorreta, de modo simplista ou talvez de forma viciosa. E nesse momento é natural hesitar. Numa sociedade até certo ponto cultivada, é compreensível que fiquemos incomodados quanto a usar uma palavra ou descrição incorreta. Mas fica claro, à medida que escutamos, que o que está em jogo não é somente uma palavra. Tragédia, nós dizemos, não é meramente morte e sofrimento e, com certeza não é acidente. Tampouco, de modo simples, qualquer reação à morte ou ao sofrimento. Ela é, antes, um tipo específico de acontecimento e de reação que são genuinamente trágicos e que a longa tradição incorpora. Confundir essa tradição com outras formas de acontecimento e de reação é simplesmente uma demonstração de ignorância (WILLIAMS, 2002, p. 30-1).

Sendo assim, salientamos que o foco da análise dos contos buscará apontar a presença da regra das três unidades da tragédia: unidade de espaço, unidade de tempo e unidade de ação; posteriormente, serão apontados outros elementos constituintes da tragédia presentes em contos de Conceição Evaristo.

### 3.1 A presença da regra das três unidades

De acordo com Ana Maria Valente, das muitas versões traduzidas direta e indiretamente da *Poética* de Aristóteles, a única que contempla a chamada “Lei das três unidades” (de Ação, de Tempo e de Lugar) é a tradução italiana de Castelvetro (1570), a qual será utilizada aqui, através da tradução da autora mencionada acima.

Sobre a unidade de tempo, abordada na *Poética*, podemos entender que a extensão da tragédia não deve passar de 24 horas ou um pouco mais. “Esforça-se o mais possível para durar uma só revolução do Sol ou demorar um pouco mais” (ARISTÓTELES, 1449b 15), ou seja, a tragédia não deve se estender por um tempo superior a um dia.

Sobre a Ação, “numa só pessoa concentra-se uma infinidade de acontecimentos” (ARISTÓTELES, 1451a 20). Ainda de acordo com Aristóteles: “A tragédia é a imitação de uma ação completa que forma um todo e tem uma certa extensão” (ARISTÓTELES, 1450b 25). Ela deve, dessa forma, possuir início, meio e fim. Para Aristóteles faz-se necessário que os enredos não comecem nem acabem ao acaso. Em *Poética* lemos:

Duração: Os enredos bem estruturados não devem começar nem acabar ao acaso(...)Sendo composta de algumas partes, precisará não somente de as ter ordenadas, mas também de ter uma dimensão que não seja ao acaso: a beleza reside na dimensão e na ordem(...)é necessário que tenham uma dimensão que possa ser abrangida por um só olhar, também em relação aos enredos será necessária uma duração determinada, fácil de recordar (...) O limite conveniente de extensão é que seja tal que reúna, de acordo com o princípio da verossimilhança e da necessidade, a sequência dos acontecimentos, mudando da infelicidade para a felicidade e vice-versa (ARISTÓTELES, 1451a 35-5).

As narrativas de Conceição Evaristo são ficções, as quais podem ser facilmente detectadas no cotidiano de muitos brasileiros. As trágicas histórias são verossímeis. Na verdade, algumas, de acordo com a própria autora, são acontecimentos que lhe foram narrados e que posteriormente, viraram textos.

A verossimilhança é um forte componente das narrativas de Evaristo e, de fato, provocam no leitor temor seguido de compaixão por aqueles que são retratados pela autora.

De acordo com Aristóteles:

A tragédia não é a imitação dos homens mas das ações e da vida (tanto a felicidade quanto a infelicidade estão na ação, e a sua finalidade é uma ação e não uma qualidade: os homens são classificados pelo seu caráter, mas é pelas suas ações que são infelizes ou o contrário). Aliás, eles não atuam para imitar os caracteres mas os caracteres é que são abrangidos pelas ações. Assim, os acontecimentos e o enredo são o objetivo da tragédia e o objetivo é o mais importante de tudo. Além disso, não haveria tragédia sem ação, mas poderia haver sem caracteres. As tragédias da maior parte dos poetas modernos não têm caracteres... (ARISTÓTELES, 1450a 15-20)

Finalmente, a respeito da última unidade: lugar, esse deve ser bem delimitado, e toda a ação de tragédia deve se passar em um mesmo local.

Antônio Sérgio Carlos Morais em artigo intitulado: *A dramatização do mínimo essencial do mito de Antígona* declara a respeito da regra das três unidades Aristotélicas, que:

Ainda que dois outros passos da Poética (2004: 1449b 12-16; 1459b 24-27) nos permitam inferir supostas leis de unidade de tempo e de espaço, apenas a unidade de ação é enunciada de forma taxativa (2004: 141a 30-35). A famosa lei das três unidades só virá a ser elaborada pelos comentadores italianos de Aristóteles, ao longo do séc. XVI. A fixação da unidade de tempo em 24 horas deve-se a Agnolo Segni (1549); a de lugar, que surge como consequência da de tempo, deve-se a V. Maggi (1550). Lodovico Castelvetro acabaria por reunir as três (ação, tempo e espaço), em 1570 (MORAIS, 2016, p. 68).

A análise aqui apresentada levará em conta o pontuado por Lodovico Castelvetro, ou seja, serão demarcadas nos contos as unidades de ação, de tempo e de lugar.

Dado o exposto a respeito da regra das três unidades, podemos dizer que no conto da obra aqui analisada, “A gente combinamos de não morrer”, evidencia-se, claramente a presença dessas três unidades descritas, visto que, no conto, o tempo dura cerca de um dia: “Apenas estou sabendo que daqui a pouco, questão de um dia e meio, não estarei

mais. Nem eu nem ele. Acabo com ele, mas isto não resolve. Outros acabarão comigo” (EVARISTO, 2014, p. 106).

A ação centra-se no personagem principal Dorvi, e em torno dessa ação gira todo o enredo. Devido ao seu envolvimento com o tráfico de drogas e uma dívida não paga, Dorvi está jurado de morte pelo seu fornecedor.

Dorvi está complicado. Não tem culpa. Ou tem? Conseguiu estabelecer um ponto, arriscou a pele e mantém o próprio negócio, mas confiou na pessoa errada. E agora o pessoal da Baependi, o tal fornecedor, quer a paga. Disseram que se Dorvi levou um banho, eles é que não vão se banhar na mesma água (EVARISTO, 2014, p. 105).

O findar de sua vida não passará despercebido por nenhum personagem e os leitores manterão o foco e a atenção na sua provável morte. “Que merda, selamos a própria morte (...) Nosso trato de vida virou às avessas. Morremos nós, apesar de que a gente combinamos de não morrer” (EVARISTO, 2014, p. 106). Este é o problema central do conto.

Quanto à unidade de espaço, este se restringe à favela, onde vivem todos os personagens. Assim, através do apresentado, podemos dizer que o conto contempla, deste modo, as três unidades trágicas.

No que diz respeito ao conto “Maria”, é possível, como no conto anteriormente destacado, afirmar a presença marcante da regra das três unidades. Percebemos, claramente, que o lugar de ocorrência da trágica história restringe-se a um coletivo urbano: “Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado” (EVARISTO, 2014, p. 42). A ação concentra-se na personagem principal Maria “A tragédia retira a sua força desta concentração da atenção numa única ação” (ROMILLY, 2008, p. 22).

Por fim, a unidade de tempo dura no máximo algumas horas, ou seja, menos de um dia. Sendo assim, percebe-se no conto a presença das três unidades da tragédia.

Tudo foi tão rápido, tão breve, Maria tinha saudades de seu ex-homem. Por que estavam fazendo isso com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado” (EVARISTO, 2014, p. 42).

Sobre “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, através do contexto da narrativa notamos que o desenrolar do mesmo se dá em questão de horas: do momento em que Zaíta acorda e sente falta da sua figurinha-flor, ao momento em que sai sem rumo pelos becos da favela em busca da irmã Naíta. O trágico acontecimento dura minutos:

Em meio ao tiroteio, a menina ia. Balas, balas e balas desabrochavam como flores malditas, ervas daninhas suspensas no ar. Algumas fizeram círculo no corpo da menina. Daí um minuto tudo acabou. Homens armados sumiram pelos becos silenciosos, cegos e mudos. Cinco ou seis corpos, como o de Zaíta, jaziam no chão (EVARISTO, 2014, p. 76).

O espaço destinado aos acontecimentos se restringe ao ambiente em que os mesmos vivem, a favela, e a ação concentra-se na personagem Zaíta, que sai sem rumo pelos becos da favela em busca de sua figurinha favorita. Deste modo, podemos dizer que o conto em questão também atende à regra das três unidades trágicas.

No que se refere ao conto “Di Lixão”, também é perceptível aos leitores a presença marcante das unidades da tragédia. Os acontecimentos do conto em questão dura horas, da madrugada até às 9h, “Di Lixão abriu os olhos sob a madrugada clara que já se tornava dia” (EVARISTO, 2014, p. 77).

Já eram sete horas da manhã. Um transeunte passou e teve a impressão de que o garoto estava morto. Um filete de sangue escorria de sua boca entreaberta. Às nove horas o rabeção da polícia veio recolher o cadáver (EVARISTO, 2014, p. 80).

Sua ação concentra-se no personagem Di Lixão, que espera a morte no meio da calçada “sabia porém que ia morrer. Mas isto também, como a morte da mãe, pouca importância tinha. Onde estava o desgraçado do outro? Só não queria morrer tão sozinho”; e por fim, o espaço destinado ao desenrolar dos acontecimentos do conto é a calçada, o

“quarto-marquise” (EVARISTO, 2014, p. 79; p. 77) de Di Lixão. Logo, o conto aqui tratado pode ser classificado como um conto em que a doutrina das três unidades da tragédia está presente.

Por fim, no que tange às regras das três unidades, o conto “Lumbiá” também se adequa a essa estrutura. Os acontecimentos da narrativa se dão em um dia “o dia caminhava para seis da tarde, vinte e três de dezembro. O menino aguardava ali desde as nove da manhã” (EVARISTO, 2014, p. 85).

O espaço destinado ao evento é delimitado: a loja Casarão iluminado e sua entrada, onde Lumbiá ficou aguardando a oportunidade de entrar para visitar o presépio; e, por fim, a ação concentra-se no protagonista do conto: Lumbiá. Não há dispersão para outros eventos, ficamos envolvidos com a possibilidade de o garoto conseguir visitar o presépio sem ser enxotado pelos seguranças da loja.

## Outros elementos da tragédia

Em se tratando da personagem Bica, de “A gente combinamos de não morrer”, notamos a violência como um estigma social, no momento em que ela se refere à morte do irmão, Idago, como algo normal, como parte do destino. Percebemos, no fragmento transcrito, uma ação trágica e nela o “poder do mal e do destino cego; ou, mais especificamente, na contribuição mais característica de Schopenhauer, uma inevitável normalidade do sofrimento” (WILLIANS, 2002, p. 60).

Idago sabia, falou, dançou. Morreu. Feriu o código de honra, a palavra dada. A palavra que não se escreve, pois escrita está na palma e na alma de cada um. É preciso trazer sempre a mão aberta. O jogo é limpo. Traiu, caiu. Idago mereceu. Aliás era traidor desde menino. Um bundão safado (EVARISTO, 2014, p. 102).

A violência, nesse trecho, se justifica pela ideia, deturpada, de justiça. É através da criação dessa “normalidade” que Bica consegue seguir adiante com sua vida, ela necessita criar essa ideia para poder suportar as condições adversas presentes em seu cotidiano.

Acostumada ao sofrimento em função da vida que leva, a personagem, acaba por considerar que o irmão mereceu ser assassinado: “É preciso trazer sempre a mão aberta. O jogo é limpo. Traiu, caiu. Idago mereceu” (EVARISTO, 2014, p. 102).

Bica trata tal fato terrível, cruel, como se fosse um fato corriqueiro, afinal faz parte de seu cotidiano e, similarmente, de sua concepção de justiça. Portanto, ela se livra da dor através da interpretação de uma realidade dura tida como justa.

Em alguns dos contos do livro *Olhos d'água* (2014), podemos perceber o sofrimento como algo inerente aos personagens apresentados; a morte está presente em suas vidas o tempo todo, eles a vivenciam minuto a minuto, sem cessar, como no trecho destacado abaixo:



O barulho seco de balas se misturava à algazarra infantil. As crianças obedeciam à recomendação de não brincarem longe de casa, mas às vezes se distraíam. E, então, não experimentavam somente as balas adocicadas, suaves, que derretiam na boca, mas ainda aquelas que lhes dissolviam a vida (EVARISTO, 2014, p. 76).

Através desse primeiro fragmento de texto, destacamos que as inocentes brincadeiras das crianças eram interrompidas devido à violência cotidiana imposta ao ambiente em que viviam.

A ambiguidade da palavra “bala” confere ao trecho um efeito ainda mais trágico. A quebra de expectativa causada pela associação do vocábulo a duas realidades tão distintas – a da inocência e a da violência – transmitem uma sensação perturbadora ao leitor, culminando em compaixão frente a uma realidade tão dura enfrentada por crianças: “daqueles que são atingidos pela desgraça sem o merecer devemos compartilhar a pena e ter compaixão” (ARISTÓTELES, 1386b 12-13).

A criança aqui é um Édipo moderno já que sofre as consequências de um destino que ela não escolhe para si, brinca em meio a um ambiente imerso em desgraça da qual não pode fugir; a bala incorpora o elemento trágico do terror e piedade e a dimensão infantil acaba por se misturar com o trágico em um mesmo espaço.

No fragmento, “daí um minuto tudo acabou. Homens armados sumiram pelos becos silenciosos, cegos e mudos. Cinco ou seis corpos, como o de Zaíta, jaziam no chão” (EVARISTO, 2014, p. 76), como em outros presentes no livro de contos analisado nesta dissertação, a personagem central morre, e nos leva a refletir que apesar da perda de uma vida, aqueles que ficaram terão de retomar as suas. Vale destacar que, especificamente para os grupos abordados pela autora, a banalização da violência faz com que a rotina seja retomada quase que instantaneamente, sugerindo que a linha entre a vida e a morte para esses grupos seja extremamente frágil. Para Willians (2008):

E o fato de que a vida realmente volte, afinal, e de que os seus sentidos sejam reafirmados e restabelecidos, depois de tanto sofrimento e depois de uma morte tão importante, é o que constitui, de modo muito frequente, a ação trágica (...) Mas, em uma cultura teoricamente limitada à experiência individual, não há mais o que dizer, quando um homem morre, a não ser o fato de que outros também irão morrer. A tragédia pode ser assim generalizada não como a reação à morte, mas como o fato, nu e cru, de que ela é irreparável (p. 81).

Seguidamente, em “o dente latejou fundo no profundo da boca. Dor de dente matava? Não sabia. Sabia porém que ia morrer. Mas isto também, como a morte da mãe, pouca importância tinha” (EVARISTO, 2014, p. 76). Percebemos que Di Lixão perde a vontade de lutar pela vida e “renuncia não só à vida, mas ao desejo de viver. Os heróis da tragédia são purificados pelo sofrimento, no sentido de que a vontade de viver, que anteriormente era inerente a eles, vem a morrer” (WILLIAMS, 2002, p. 61).

O personagem está tão cansado de sofrer que a morte parece um alívio, traz conforto, calma. Para Di Lixão, então, o sofrimento chegou tão ao extremo que a morte parece mais vantajosa que a própria vida, ele renuncia à vida aspirando com profunda intensidade colocar um ponto final no seu solitário padecimento.

Com o fragmento “lá fora a sonata seca continua explodindo balas. Neste momento, corpos caídos no chão, devem estar esvaindo em sangue” (EVARISTO, 2014, p. 109), podemos constatar que a violência é totalmente banalizada, os tiros são classificados como música, e comparados a uma melodia. O barulho das balas se faz tão constante ao ambiente da favela, que se transformou num concerto aos ouvidos dos moradores.

Muitos outros trechos do livro de contos *Olhos d'água* (2014) podem ser destacados com a mesma presença da banalização da vida permeada pela violência, entretanto, a nossa intenção aqui é classificá-los como narrativas em que o sofrimento tornou-se parte das pessoas que o experimentam.

Conceição Evaristo descreve tais fatos de forma realista, gerando em nós, leitores, uma profunda compaixão por esses indivíduos. De fato, ao aproximar de seus

leitores uma realidade de profundo sofrimento, transportando-nos ao mundo dos seus, a autora realiza, com muita eficácia, uma escrita na qual os elementos trágicos estruturam a narrativa. Assim, Conceição Evaristo nos apresenta um universo social em que os componentes da narrativa trágica são parte estrutural da vida.

Os acontecimentos vivenciados pelo grupo destacado nas narrativas de Evaristo não podem ser classificados como incidente, pelo contrário, eles se tornaram componente desses grupos, fazem parte de seus destinos. E, em busca de como sobreviver a tanto sofrimento, os personagens, moradores de favela, criaram noções deturpadas de justiça, as quais acabam sendo tão violentas quanto os próprios eventos rotineiros a que são submetidos.

Retomando os casos descritos acima, podemos verificar o infortúnio de que são vítimas os personagens, tal como nos explica Raymond Willians (2002):

O maior infortúnio, não como uma exceção, não como algo causado por circunstâncias raras ou personagens monstruosas, mas como algo que surge sem dificuldades e por si só das ações e do caráter dos homens, com efeito quase como se fosse essencial a eles, o que os coloca numa posição terrivelmente próxima a nós (p. 60).

Os personagens dos contos aqui analisados correspondem a representações de pessoas reais, seres humanos comuns que vivenciam situações violentas, não por escolha, mas simplesmente por estarem em um meio social desprivilegiado.

Os personagens se tornam, para o leitor, devido às circunstâncias de suas vidas, dignos de compaixão. E como a compaixão quase sempre vem acompanhada do sentimento do temor pelo que está por vir, os leitores são, dessa maneira, levados à catarse.

Sendo assim, em se tratando do conto “Maria”, o sentimento de compaixão pela personagem principal emerge no leitor, principalmente quando a personagem atingida pelo sofrimento de que foi vítima sem qualquer motivo, destina seus pensamentos aos filhos. “Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos (...) Será que os meninos iriam

gostar de melão?” (EVARISTO, 2014, p. 42). Como não ter piedade de uma personagem que, envolta por uma terrível dor física, se sente aflita em cuidar dos filhos? Sua preocupação é única e exclusivamente com suas crianças.

Da mesma forma, outro personagem também nos inspira esse sentimento: Naíta, do conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”. Ao se deparar com a irmã gêmea morta por uma bala perdida, a personagem “gritou entre o desespero, a dor, o espanto e o medo: — Zaíta, você esqueceu de guardar os brinquedos!” (EVARISTO, 2014, p. 76).

A pequena personagem se desespera tanto que parece não crer no que está realmente acontecendo, e assim, Naíta, tão habituada a ludibriar a dor, parece não perceber que sua irmã gêmea morreu. Seu foco de atenção se desvia do momento atual que está vivenciando e se dirige ao banal. Naíta questiona a irmã morta a respeito dos miseráveis brinquedos espalhados pelo chão do barraco, distraindo a dor, sem demonstrar qualquer sentimento, naquele instante, pela trágica morte da irmã.

O menino Lumbiá, do conto que leva o mesmo nome, gera, igualmente, em nós, leitores, o sentimento de compaixão, conforme o trecho que segue:

Em meio às verdades-mentiras que tinha inventado, Lumbiá ia se descobrindo realmente triste, tão triste, profundamente magoado, atormentado em seu peitocoração menino (EVARISTO, 2014, p. 83).

Nesse conto, somos tomados pela compaixão ao entrarmos em contato com a realidade de um menino humilde que vende produtos no sinal de trânsito. Lumbiá se vê imerso nas mentiras construídas para sensibilizar os compradores, e percebe então, quão miserável e infeliz é sua vida.

As histórias por ele narradas, tais como: a da surra dada pela mãe, a da mercadoria que estava ficando encalhada ou a do dinheiro, fruto do seu trabalho, confiscado por um menino maior; na verdade, não são invenção, mas mera reprodução de uma realidade

comum nos grandes centros. Desse modo, o leitor é levado a sentir além de uma grande empatia, uma certa culpa pelo final trágico destinado ao protagonista.

Seguidamente somos levados à sensação de temor ao perceber que o menino, mesmo doente, febril, resolveu arriscar-se para ter um momento ao lado da imagem do menino Jesus, com a qual se identificava: “já tinha feito várias tentativas, sendo sempre expulso pelo segurança. Ia arriscar-se novamente. Em dado momento aproximou-se devagar. Ninguém na porta. Mordeu os lábios, pisou leve e, apressado, entrou” (EVARISTO, 2014, p. 85). Somos levados a temer que algo ruim aconteça ao personagem, que ele seja pego pelo segurança da loja. Dessa forma, Conceição Evaristo proporciona aos seus leitores, através da criação de um personagem tão real, momentos de aflição e temor de que o pior aconteça à criança. O menino, ao final do conto, por pura inocência e desespero, ao tentar fugir do segurança da loja com a imagem do menino Jesus, acaba sendo morto por um carro “O sinal! O carro! Lumbiá! Pivete! Criança! Erê, Jesus menino. Amassados, massacrados, quebrados! Deus-menino, Lumbiá morre!” (EVARISTO, 2014, p. 86).

Torna-se inevitável pensarmos em quantos “Lumbiás” morrem todos os dias por puro preconceito, em quantos são proibidos de frequentar os mesmos locais reservados somente às pessoas “bem vestidas”, ou seja, pertencentes a determinadas classes sociais. Conceição Evaristo, de forma impactante, nos leva a refletir sobre nossos posicionamentos frente aos menos favorecidos de nossas cidades, a olhá-los com ternura, compaixão, empatia e solidariedade porque percebemos que, afinal, não são diferentes de nós.

A personagem Ana Davenga do conto homônimo, nos leva similarmente aos sentimentos de compaixão e temor. Ao lermos a respeito da invasão de sua casa, percebemos o seu desespero em ter o filho, ainda na barriga, assassinado:

Uma metralhadora apontou para dentro de casa, bem na direção da cama, na mira de Ana Davenga. Ela se encolheu levando a mão na barriga, protegendo o filho, pequena semente, quase sonho ainda (EVARISTO, 2014, p. 30).

Como não ter compaixão por uma mãe agoniada na iminência de ter sua vida e a do filho retiradas de maneira estúpida pelos policiais que invadiram seu barraco? Em Aristóteles lemos que:

O temor e a compaixão podem, realmente, ser despertados pelo espetáculo e também pela própria estruturação dos acontecimentos, o que é preferível e próprio de um poeta superior. É necessário que o enredo seja estruturado de tal maneira que quem ouvir a sequência dos acontecimentos, mesmo sem os ver, se arrepie de temor e sinta compaixão pelo que aconteceu (ARISTÓTELES, 1453b 14).

E são esses sentimentos, exatamente, que Conceição Evaristo desperta em seus leitores a partir das histórias mencionadas acima: Naíta, Lumbiá, Maria e Ana Davenga.

Retomando a análise do conto “A gente combinamos de não morrer”, o personagem Dorvi, ao prever, em função das escolhas que fez no decorrer de sua trajetória de vida, o que estava para acontecer, permanece em estado de alerta:

Penso no risco que estou correndo. Risco não, tudo já é certo. A solução está definida. O destino traçado. Não há recuo. Não estou aflito. Não estou desesperado. Não estou calmo. Não estou inocente ou culpado. Apenas estou sabendo que daqui a pouco, questão um dia e meio, não estarei aqui (EVARISTO, 2014, p. 106).

O personagem se sente aflito, desesperado e abalado devido ao risco de sua morte iminente: ele apresenta um misto de sentimentos, que sequer consegue descrever, em função do que, provavelmente, acontecerá.

Em Aristóteles (1452b 20) encontramos a definição desse sentimento que se configura como *pathos*: “traduzido por sofrimento, termo técnico que descreve um incidente dramático. É uma ação que envolve sofrimento físico e/ou psicológico, chegando ou não ao extremo da morte”. Tal descrição corresponde perfeitamente ao estado em que se encontra o personagem Dorvi.

Do mesmo modo, a personagem principal do conto “Maria” vivencia um sofrimento físico, psicológico cuja consequência será a morte. Maria é protagonista de uma ação que se inicia pela agressão verbal (tortura psicológica), que ocorre através de palavrões a ela dirigidos por um dos passageiros do coletivo. Tal violência chega ao extremo e culmina com a agressão física e morte da personagem, cujo direito à vida é retirado pelo julgamento equivocado de um dos passageiros do ônibus, que declara que ela estaria envolvida no assalto ao coletivo. “Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos (...) Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado (EVARISTO, 2014, p. 42).

Outro conceito que encontramos na *Poética* de Aristóteles está presente na narrativa de Evaristo. Trata-se da palavra *phobos*: “é uma aflição ou perturbação resultante de se imaginar que suceda uma desgraça destrutiva ou dolorosa (...) e que esses acontecimentos não pareçam distantes, mas próximos e imediatos” (ARISTÓTELES, 1452b 20). Ana, protagonista de “Ana Davenga”, sobrevive em estado constante de vigilância e espera pelo sofrimento, ou seja, a personagem vive pressentindo e antecipando o mal que sempre está a ponto de acontecer em sua frágil vida:

O peito de Ana doía de temor. Todos estavam ali, menos o dela. Os homens rodeavam Ana. E as mulheres, como se estivessem formando pares para uma dança, rodeavam seus companheiros, parando atrás de seu homem certo. Ana olhou todos e não percebeu tristeza alguma. O que seria aquilo? Estariam guardando uma dor profunda e apenas mascarando o sofrimento para que ela não sofresse? (EVARISTO, 2014, p. 22-3).

Para Ana, antecipar o sofrimento era uma estratégia de sobrevivência, como o aristotélico *phobos*. Tal atitude seria como um instinto de sobrevivência, algo inseparável dos grupos sociais fragilizados. Prever o mal possibilita ao indivíduo criar estratégias para reagir ao mundo que o circunda. Em função dessa atitude, até mesmo os momentos felizes, muitas vezes, são atravessados pela sensação de angústia. No fragmento a seguir, a

protagonista, após passar por um período de sofrimento devido às vozes e ao barulho que ouviu no entorno de seu barraco, descobre que, na verdade, a movimentação era apenas a preparação da comemoração de seu aniversário: “Ana estava feliz. Só Davenga mesmo para fazer aquilo. E ela, tão viciada na dor, fizera dos momentos que antecederam a alegria maior um profundo sofrimento” (EVARISTO, 2014, p. 29).

Por ironia do destino, após a comemoração do aniversário, a casa de Ana é invadida por policiais e o pressentimento de sua morte e de seu filho se concretiza tal como na narrativa trágica: “Na favela, os companheiros de Davenga choravam a morte do chefe e de Ana, que morrera ali na cama, metralhada, protegendo com as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga” (EVARISTO, 2014, p. 30).

Retomando o conto “A gente combinamos de não morrer”, pode-se perceber que a personagem Dona Esterlinda tem uma séria preocupação com sua redenção perante Deus: “Que Deus me perdoe! Será que minha alma vai padecer no fogo do inferno?” (EVARISTO, 2014, p. 105). Dona Esterlinda se sente amedrontada em ter de pagar pelos erros que cometeu, nesse caso, um aborto. Ao julgar o aborto como um pecado, a sociedade faz a personagem sofrer por antecedência pelo fim de sua vida. Diante disso, ela teme ir para o inferno. Para Willians (2002):

A ideia da “completa redenção da humanidade” tem um prognóstico definitivo de resolução e ordem, mas no mundo real a sua perspectiva é inevitavelmente trágica. Ela nasce em meio ao terror e à piedade: na percepção radical de que a humanidade de alguns homens é negada e que tem como consequência a negação da própria ideia de humanidade. Ela nasce do sofrimento verdadeiro de homens reais assim expostos e de todas as consequências desse sofrimento: degeneração, embrutecimento, medo, inveja, rancor. Ela nasce de uma experiência do mal que se torna mais intolerável pela convicção de que ele não é inevitável, mas que resulta de ações e escolhas específicas. E se ela é, conseqüentemente trágica nas suas origens – na existência de uma desordem que não pode senão comover e causar perplexidade –, é igualmente trágica na sua ação, no sentido que o seu ímpeto combate, nem contra meras instituições ou estruturas sociais, mas contra outros homens (p. 107).



No conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, ao destacarmos a mãe solteira de quatro filhos, com um filho envolvido no tráfico de drogas e sua filha menor assassinada em meio a um tiroteio na favela, sabe-se que tal fato é realidade vivenciada dia a após dia em muitas comunidades de nosso país. Pode-se subentender, então, que:

É impossível olhar para essa história real e ainda ativa sem uma ampla sensação de tragédia: não apenas porque a desordem é tão difundida e intolerável que, por meio de ação e reação ela forçosamente se imiscui em nossas vidas, onde quer que estejamos, mas também porque, em qualquer avaliação provável, compreendemos tão pouco o processo que continuamente contribuímos para a desordem. Não se trata, simplesmente, de que acabamos envolvidos nessa crise geral, mas de que já temos uma participação ativa nessa crise, por meio daquilo que fazemos ou deixamos de fazer (WILLIANS, 2002, p. 110).

O cotidiano dessas famílias é assombrado por uma desordem total. As mães precisam sair cedo para o trabalho e têm de deixar os filhos, mesmo pequenos, sozinhos em casa ou sob o cuidado de crianças mais velhas ou vizinhos. Dessa forma, o que eles farão no decorrer do dia é uma incógnita. No caso descrito aqui, o filho mais velho optou por envolver-se precocemente com o tráfico, a filha pequena saiu pelos becos sem rumo, em busca de sua figurinha e acabou sendo atingida por uma bala perdida. Essa é a realidade de muitas mães que se veem diante dessa situação, sem opção, pois mesmo sabendo que seus filhos correm riscos na favela, elas precisam trabalhar para proporcionar a eles o mínimo. E, na maioria das vezes, o trabalho dessas mulheres consiste em criar os filhos de suas patroas.

## **A possibilidade de retorno a estruturas/arquétipos que compõe o trágico em um contexto social de exclusão**

*“Há a tragédia social: homens arruinados pelo poder e pela fome; uma civilização destruída ou destruindo-se a si mesma. Há então, igualmente, a tragédia pessoal: homens e mulheres que sofrem e que são destruídos nos seus relacionamentos mais íntimos; o indivíduo conhecendo o seu destino, num universo marcado pela insensibilidade, no qual a morte e um isolamento espiritual extremo são formas do mesmo sofrimento e heroísmo”  
(WILLIANS, 2002, p. 161)*

Almeja-se, conforme vimos demonstrando, a possibilidade de se retomar o trágico em nossa atualidade, por meio do cenário das narrativas de Conceição Evaristo. Nesse momento, o foco estará alicerçado no convívio social estabelecido pelos personagens habitantes de favelas com o outro lado da cidade. A relação que se estabelece é entre o morro e o centro, a qual demarca qual o tipo de interação que se dá entre os moradores da periferia e os do centro.

Defendemos aqui que, ao desvelarmos as imposições, da distinção entre centro e periferia, que acabam por enquadrar esta última em sub-humanos, estamos contribuindo, assim como Conceição Evaristo em suas narrativas, para o reconhecimento da tragédia na contemporaneidade. Sendo assim, ao substituir o lugar comum das desigualdades por consciência plena das injustiças impostas, somos levados à empatia, à compaixão, ao temor, tal como no tecido trágico. Nesse sentido, Jessé Souza (2003) declara que:

Essa hierarquia valorativa implícita e ancorada institucionalmente de forma invisível enquanto tal é que define quem é ou não “gente”, sempre segundo seus critérios contingentes e culturalmente determinados e, por consequência, quem é ou não cidadão, na medida em que a eficácia da regra da igualdade, que constitui a noção de cidadania, precisa estar efetivamente internalizada e incorporada pré-reflexivamente, também nesta dimensão subpolítica da opacidade cotidiana, pra ter validade efetiva (p. 180).

O ser cidadão atualmente está atrelado à ideia de posição social, visto que os indivíduos pertencentes às classes sociais mais humildes são tidos como sub-humanos. E tal fato vem sendo internalizado pela sociedade através de mensagens subliminares presentes cotidianamente e “a aceitação da situação de precariedade como legítima e justa, fecha o círculo do que gostaria de chamar de ‘naturalização da desigualdade’, mesmo de uma desigualdade abissal como a da sociedade brasileira” (SOUZA, 2003, p 179). Fomos formados para lidarmos de forma natural com os diferentes tipos de desigualdades que nos cerca cotidianamente, e a verdade é que:

Em sociedades periféricas como a brasileira, o “habitus precário”, que implica a existência de redes invisíveis e objetivas que desqualificam os indivíduos e grupos sociais precarizados como subprodutos e subcidadãos, e isso sob a forma de uma evidência social inofismável, tanto para os privilegiados como para as próprias vítimas da precariedade, é um fenômeno de massa e justifica minha tese de que o que diferencia substancialmente esses dois tipos de sociedade é a produção social de uma “ralé estrutural” nas sociedades periféricas (SOUZA, 2003, p. 176-7).

A presença dessa rede invisível de desqualificação de grupos de indivíduos é responsável por condenar os milhares de habitantes de sociedades periféricas, como a brasileira, a uma vida marginal, devido a sua abrangência.

Enquanto a generalização de um “habitus precário” nas sociedades avançadas é um fenômeno circunscrito e limitado, a sua generalização como fenômeno de massas em sociedades periféricas, como a brasileira, é suficiente para condenar cerca de 1/3 de uma população de 170 milhões de pessoas a uma vida marginal nas dimensões existencial, econômica e política” (SOUZA, 2003, p. 178)<sup>11</sup>.

Com efeito, almejamos contrapor o argumento “de que nossa época moderna é hostil ao trágico, (...) e em seu lugar institui o grotesco” (KOSIK, 2015, s/p). Ao tornarmos visível aquilo que é obliterado pelo poder das elites, saímos do lugar comum e nos tornamos

---

<sup>11</sup> A população brasileira em 2016 é de 206.799.833 milhões de pessoas de acordo com o IBGE. Para maiores informações acesse: <http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao>. Consultado em: 08 dez. 2016.

agentes no processo de desmitificação social, em busca de um exercício pleno de cidadania comum a todos os brasileiros. Dessa forma, substituímos o grotesco por sentimentos reais de compaixão e solidariedade em relação aos grupos condenados socialmente à marginalidade.

No conto “Os amores de Kimbá” o enredo apresenta a submissão do personagem principal da narrativa, morador de uma favela situada no Rio de Janeiro, a um suposto amigo rico, morador do centro do Rio de Janeiro. Kimbá se vale da prostituição como forma de inserção no mundo dos ricos “o sexo se erige na única área livre de exercícios e aptidões humanas” (SOUZA, 2003, p. 157). Kimbá, por fazer parte de um grupo excluído de praticamente tudo, menos da atividade sexual, decide empregá-la, ainda que sem muita vontade, como forma de atrair a atenção do grupo a que almeja, como maneira de se integrar aos que normalmente o excluem “tinha vergonha e desejos por todo o corpo. Estava assentado, parado, duro, de tempo em tempo cruzava e descruzava as pernas. O amigo veio caminhando lentamente em sua direção. Abriu a camisa e a calça dele beijando-lhe avidamente o membro ereto. Kimbá se assustou” (EVARISTO, 2014, p. 90) e, ao chegar em seu barraco, Kimbá:

Não sabia, porém, se estava feliz ou infeliz. Já tinha ouvido falar de pessoas que transavam juntas, mas pensava que fosse caso de cinema. Não sabia porque tinha feito aquilo. A mulher tinha o corpo bonito. Cheirava a perfumes e a sabonete. E o amigo? O que deu no amigo? (...) Será que o amigo era? Será que era? E agora, o que ele ia fazer? Gostava tanto dele (...) Será que o homem ia dar em cima dele? (EVARISTO, 2014, p. 91).

Mesmo estranhando o interesse do amigo por si, Kimbá resolveu continuar se submetendo a estar com ele e com Beth, afinal ambos representavam sua possibilidade de ascensão ao mundo dos ricos “Era tentador. Deixar a favela. Deixar a miséria. Deixar a família” (EVARISTO, 2014, p 92). A proposta para deixar o seu mundo, dos excluídos, já havia sido feita por Gustavo e por Beth, entretanto, mesmo apaixonado por Beth ele não

poderia abrir mão de estar com Gustavo, afinal, “Beth tinha dinheiro. O amigo, dinheiro e fama” (EVARISTO, 2014, p. 94).

A família de Kimbá constitui um exemplo na narrativa da consequência da libertação dos escravos sem qualquer possibilidade de integração ou ascensão social. O seu irmão mais velho, Raimundo, pelo qual Kimbá sentia compaixão, vivia bêbado. Veja o que diz Jessé de Souza (2003):

A sucessão de insucessos sociais e pessoais montam um contexto no qual o alcoolismo se converte no sucedâneo do suicídio, quando o protesto contra a adversidade, percebida como fatalidade natural e até justa e inevitável, se vira contra a própria pessoa (p. 157).

O vício no álcool, nesse contexto, representa a tentativa de autodestruição em função de tantos insucessos e falta de oportunidades. O álcool o desvia da realidade: ele pode, enquanto bêbado, se esquecer do fardo que carrega cotidianamente.

Sua avó e irmãs não têm como ajudar no sustento da casa: “nesse quadro de desorganização, os velhos e inválidos se transformam em carga pesadíssima” (SOUZA, 2003, p. 157). A Kimbá, restaram os serviços pré-determinados ao seu grupo social, nesse caso, o trabalho em um supermercado, que ele detestava, como tudo que fazia parte de sua vida, “Kimbá jogou a água e sabão no chão esfregando violentamente a sujeira como se estivesse com raiva. Estava mesmo. Estava cansado do dia a dia no supermercado...” (EVARISTO, 2014, 92). Sua mãe e tias “passaram a vida se gastando nos tanques e nas cozinhas das madames” (EVARISTO, 2014, p. 92). No contexto social da família de Kimbá, pode-se dizer que as mulheres ainda possuem uma maior possibilidade de acesso ao mercado de trabalho quando comparadas aos homens “pelo quase monopólio dos serviços domésticos, única área onde a competição com o imigrante não era significativa. Essa circunstância ajuda a explicar a “matrifocalidade” da família negra e pobre brasileira” (SOUZA, 2003, p. 157).

Kimbá se distancia cada vez mais de seus familiares, na busca por reconhecimento no mundo dos amigos ricos. Essa relação de distanciamento que ele possui em relação a seus familiares é explicada por Souza (2003) como consequência do tipo de organização familiar em que vivia: “A vida familiar desorganizada, aliada à pobreza, era responsável por um tipo de individuação ultra-egoísta e predatória (...) que mina, por dentro, qualquer vínculo de solidariedade, desde o mais básico na família...” (p. 158). O personagem tenta a qualquer custo se ver livre do meio em que nasceu:

Cá em baixo sentiu dor e alívio. Tinha conseguido sair do barraco. Deixar tudo para trás. Todos os dias pensava que não conseguiria. Detestava a pobreza, a falta de conforto, a fossa exalando o cheiro de merda. Detestava o rosto lavado no tanque, o café no copo vazio que antes fora de geleia de mocotó, o pão comprado ali mesmo na tendinha. Detestava a voz alta e forte da mãe, e as rezas de vó Lidumira, os cuidados das tias e os olhares curiosos das irmãs (EVARISTO, 2014, p. 89).

Os sentimentos que o personagem direciona a tudo que faz parte da sua vida no morro são de raiva, de ódio a uma vida mesquinha, pequena, a qual ele é submetido em função da sua posição social:

O ódio não é, de modo algum, uma reação automática à miséria e ao sofrimento; ninguém reage com ódio a uma doença incurável ou a um terremoto, ou, no que concerne ao assunto, a condições sociais que parecem ser imutáveis. O ódio aparece apenas onde há razão para supor que as condições poderiam ser mudadas, mas não são (ARENDETT, 2001, p 47).

Em determinados trechos da narrativa, Kimbá demonstra ter consciência de que o preconceito de cor não possui qualquer valor real, como no trecho em que ele demonstra abertamente o orgulho em ter a aparência física que possui.

Levantou, e de pé sentiu melhor o seu corpo. Era alto. Espichando o braço, ultrapassava o telhado. Ficou uns segundos gozando o prazer que seu tamanho lhe dava. Sabia-se alto. Sabia-se forte. Sabia-se bonito. As mulheres gostavam dele e os homens também (EVARISTO, 2014, p. 88).

O personagem deixa claro que se orgulha de ser negro e a sua insatisfação advém da miséria em que vive, não da cor da pele que possui. Ao final do conto, percebemos que por pertencer a uma classe social desprivilegiada, considera-se que Kimbá poderia facilmente se matar: “A decisão seria, portanto, de Kimbá, que não tinha nada a perder. Só a vida. Era só ele querer. Já que não estava dando para viver, por que não procurar a morte?” (EVARISTO, 2014, p. 94). Nesse fragmento destacado, podemos ver claramente que a relação estabelecida entre a classe média alta e o morro era restrita à prostituição, afinal, já que não era possível satisfazerem-se sexualmente em trio, o melhor era simplesmente não viver e Kimbá, nesse momento, é declarado como aquele que não possui nenhum valor, aquele que não tem nada a perder.

Assim, houve entre eles “acordos e consensos sociais mudos e subliminares, mas, por isso mesmo tanto mais eficazes, que articulam, como que por meio de fios invisíveis, solidariedades e preconceitos profundos e invisíveis” (SOUZA, 2003, p. 175). Beth e Gustavo amam Kimbá, entretanto, na hora de decidir sobre a sua morte, o consideram o único que não teria nada a perder, apenas a vida, algo sem valor no mundo marginalizado de Kimbá.

Destacando o conto “Maria”, podemos perceber, já nas primeiras linhas de sua narrativa, que a protagonista se sente inferior à patroa, a ponto de aceitar os seus restos com satisfação “levava para casa os restos (...) Estava feliz, apesar do cansaço” (EVARISTO, 2014, p. 39). Para Jessé Souza (2003), “a classe trabalhadora se vê através dos olhos da classe dominante, isto é, reduzida à sua força de trabalho, pior, à pura atividade muscular” (p. 61). Maria, assim como muitas outras mulheres pertencentes a classes sociais desprivilegiadas, consegue estabelecer uma relação com o mundo dos ricos através de sua força de trabalho. Ela transita diariamente de sua favela ao centro, testemunhando

cotidianamente as exorbitantes diferenças de recursos que são destinados ao centro em detrimento da periferia.

O conto “Di-Lixão”, nos traz a história de um garoto que resolveu culpar a mãe pela situação degradante de vida que ambos levavam:

Não gostava mesmo da mãe. Nenhuma falta ela fazia. Não aguentava a falação dela. Di, vai para a escola! Di, não fala com meus homens! Di, eu nasci aqui, você nasceu aqui, mas dá um jeito de mudar o seu caminho! Puta safada que vivia querendo ensinar a vida para ele. Depois, pouco adiantava. Zona por zona, ficava ali mesmo. Lá fora, o outro mundo também era uma zona. Sabia quem tinha matado a mãe. E daí? O que ele tinha com isso? (EVARISTO, 2014, p. 78).

O protagonista parece não se dar conta de que o meio social em que ele e a mãe nasceram não facilita em nada a saída deles de lá, visto que:

Há o medo profundo de que o reconhecimento da humanidade de outros seja a negação da nossa própria humanidade, no modo como nos foi dado a conhecer, ao longo de toda a nossa vida (...) E há o terror, frequentemente justificado, do que poderia acontecer quando os homens que foram tratados como menos do que homens tiverem o poder para agir, porque haverá, obviamente, vingança e destruição insensata, depois do amargor e da desfiguração da opressão (WILLIAMS, 2002, p. 107)

A mãe de Di Lixão, provavelmente, não obteve acesso a nenhum outro meio de trabalho, fora a prostituição; afinal, nascida e criada em um prostíbulo, sua humanidade foi desde muito cedo negada. Membro de um grupo desprovido de quase tudo, Di Lixão opta por revoltar-se contra a mãe e atribui a ela a culpa de sua vida marginal, tornando, nesse caso, a vítima da desigualdade social a culpada pela própria marginalidade. O protagonista não consegue atribuir à mãe nenhum valor pessoal e fala a respeito dela como se estivesse falando de um animal:

É que, na dimensão infra e ultrajurídica do respeito social objetivo compartilhado socialmente, o valor do brasileiro pobre não-europeizado é comparável a que se confere a um animal doméstico, o que caracteriza objetivamente seu status sub-humano. Existe, em países periféricos como o Brasil, toda uma classe de pessoas excluídas e desclassificadas... (SOUZA, 2003, p. 174).



A literatura, ao nos possibilitar conscientização dessas mazelas impostas pelo sistema dominante, nos faz refletir sobre possibilidade de transformar esses valores e preconceitos presentes em nossa memória coletiva.

Sobre a questão da subcidadania, outro conto que merece ser abordado é “Lumbiá”, no que tange às medidas que provavelmente serão adotadas pelas autoridades ao atropelamento do personagem principal. Como se trata de um menino de rua, atropelado por um carro, fica evidente a diferença social entre a vítima e o responsável pelo acidente:

Se um brasileiro de classe média atropela um brasileiro pobre da “ralé” as chances de que a lei seja efetivamente aplicada é baixíssima. Isso não significa que as pessoas não se importem com o ocorrido. O procedimento policial é aberto e segue os trâmites burocráticos, mas o resultado é, na imensa maioria dos casos, simples absolvição ou penas dignas de mera contravenção (SOUZA, 2003, p. 174).

Lumbiá é um garoto pobre, excluído e desclassificado, um sub-humano na visão das sociedades periféricas como a nossa. Nesse ponto, podemos dizer que a situação do protagonista, como se tornou, rotineira, perde a caracterização de algo trágico para ser declarada como algo banal. Quando Conceição Evaristo narra tal evento de maneira verossímil nos transporta de fato ao mundo dos excluídos, sua escrita nos proporciona uma desnaturalização e nos leva a uma experiência de empatia que retoma a natureza trágica do evento: ele deixa de passar despercebido aos nossos olhos e nos transforma, almejando nos comover e nos sensibilizar em busca de justiça social para esses grupos.

No conto “Maria”, podemos perceber na violência exercida pelos passageiros do coletivo contra a personagem que:

Na ausência de formas de regulação externa de conduta (...) a violência se erige em conduta aceita e legítima, sendo percebida como único modo de restabelecer a integridade do agravado (...) Aqui, os conflitos tendem a tomar a forma total de lutas de extermínio, pela impossibilidade de negociação que poderia limitá-lo a proporções parciais. Deste modo, não é apenas a pobreza material e a escassez que se constitui como fator explicativo básico do horizonte moral do dependente, mas especialmente a sua pobreza espiritual em sentido amplo, que transforma a violência no único código legítimo (SOUZA, 2003, p. 124).

Indignados com o assalto e supondo que Maria estava envolvida no acontecido, nada mais justo para aqueles acostumados a lidar com violência na obtenção de benefícios individuais do que passar por cima da personagem e resolver a questão “aqui as reputações se expressam em frases do tipo “fulano não leva desaforo para casa” (SOUZA, 2003, p. 124).

No conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, a questão da necessidade das pessoas de possuírem algum poder para, dessa forma, se sentirem aceitas ou mesmo superiores, é destacada:

O irmão de Zaíta, o que não estava no exército, mas queria seguir carreira, buscava outra forma e local de poder. Tinha um querer bem forte dentro do peito. Queria uma vida que valesse a pena. Uma vida farta, um caminho menos árduo e o bolso não vazio. O pai dele e do irmão mais velho gastava seu pouco tempo de vida comendo poeira de tijolos, areia, cimento e cal nas construções civis. O pai das gêmeas, que durante anos morou com sua mãe, trabalhava muito e nunca trazia o bolso cheio. O moço via mulheres, homens e até mesmo crianças, ainda meio adormecidos, saírem para o trabalho e voltarem pobres como foram, acumulados de cansaço apenas. Queria, pois, arrumar a vida de outra forma. Havia alguns que trabalhavam de outro modo e ficavam ricos. Era só insistir, só ter coragem. Só dominar o medo e ir adiante (EVARISTO, 2014, p. 73-4).

A falta de uma real possibilidade de ascensão social, já que a classificação social é baseada “crescentemente na valorização burguesa e capitalista do mérito e desempenho pessoal”, leva o grupo marginalizado a ter como única forma de ascensão o tráfico, e mesmo que esse poder provenha de uma forma tão perigosa, para o personagem, é melhor tê-lo a viver dia após dia cansado de tanto trabalhar para acumular apenas o cansaço (SOUZA, 2003, p. 143).

É bem demarcada a relação morro/centro, em alguns fragmentos das narrativas de Conceição Evaristo no livro de contos analisado nesta dissertação. As relações entre os habitantes moradores de lados opostos é demarcada, em sua maioria, por: puro interesse, como no caso do personagem Kimbá; pelo uso da mão de obra assalariada, em sua maioria a das mulheres enquanto empregadas doméstica, como as personagens Maria “havia

tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos” e Natalina “Ela gostava de trabalhar ali. Era tudo muito tranquilo, ficava sozinha tomando conta do apartamento. Cozinhava, passava, lavava, mas só para si (EVARISTO, 2014, p. 39; p. 46). E, na maioria das vezes, com uso extremo de violência como no trecho que se segue, do conto “Ana Davenga”:

Já estavam para explodir um no outro, quando a porta abriu violentamente e dois policiais entraram de armas em punho. Mandaram que Davenga se vestisse rápido e não bancasse o engraçadinho, porque o barraco estava cercado. Outro policial do lado de fora empurrou a janela de madeira. Uma metralhadora apontou para dentro de casa, bem na direção da cama, na mira de Ana Davenga. Ela se encolheu levando a mão na barriga, protegendo o filho, pequena semente, quase sonho ainda (EVARISTO, 2014, p. 30).

Há também as relações de violência entre os moradores da favela e os do centro, e o poder instituído:

O homem não deu trabalho algum. Pressentiu a arma que Davenga nem tinha sacado ainda. E quando isto aconteceu, o próprio deputado já tinha adiantado o serviço entregando tudo. Davenga olhou a rua. Tudo ermo, tudo escuro. Madrugada e frio. Mandou que o homem abrisse o carro e pediu as chaves. O deputado tremia, as chaves tilintavam em suas mãos. Davenga mordeu o lábio, contendo o riso. Olhou o político bem no fundo dos olhos, mandou então que ele tirasse a roupa e foi recolhendo tudo (EVARISTO, 2014, p. 25).

Merece destaque também a prostituição sexual, que aparece nos quatro contos: “Os amores de Kimbá”, “Duzu-Querença”, “Quantos filhos Natalina teve?” e em “Di-Lixão”. Kimbá, como já destacado anteriormente, para transitar do morro ao centro se submete a ter relações sexuais com seu amigo Gustavo e com Beth “Ele não podia esquecer isto. Tinha de transar no meio dos dois e ter cuidado, muito cuidado” (EVARISTO, 2014, p. 93); em Duzu, para viver na cidade a menina precisou se prostituir “Dona Esmeraldina arrumou um quarto para Duzu, que passou a receber homens também. Criou fregueses e fama” (EVARISTO, 2014, p. 34); a personagem Natalina se submete a ter relações com o patrão a pedido da patroa “O patrão ficava no quarto dele, de noite levantava e ia buscar

Natalina no quarto de empregada. Não falavam nada, naqueles encontros de prazer comedido” (EVARISTO, 2014, p. 47); e por fim, a mãe do personagem Di-Lixão “Di, não fala com meus homens! Di, eu nasci aqui, você nasceu aqui, mas dá um jeito de mudar o seu caminho!” (EVARISTO, 2014, p. 78).

Assim, para conseguirem se manter afastados da periferia, uma das relações que os personagens do morro conseguem estabelecer com os habitantes do centro é a prostituição, uma das poucas formas de possibilidade de pertencimento ao centro para esse grupo: “Fora os serviços domésticos, o único, acesso fácil às mulheres era a baixa prostituição. Era difícil, mesmo as mulatas ‘mais bonitas’, se alçarem à alta prostituição, já que, também neste campo, mulatas e negras ‘valem menos’ ” (SOUZA, 2003, p. 157).

Nos contos do livro *Olhos d’água* (2014), em que a relação centro/periferia é narrada, podemos notar que, apesar de todo o contexto diferente de vida e acesso a serviços tão diferenciados, a distância geográfica que separa os habitantes é, em sua maioria, muito curta. Basta descer o morro e já estão no centro:

Embora segregados, alijados das possibilidades que o sistema social oferece, esses grupos se organizam e sobrevivem de maneira peculiar na sociedade. Apesar de segregados das melhores condições de vida (educação, saúde, habitação etc.), criam e recriam seus espaços sociais e seus referenciais culturais como expressão de suas vidas, seus valores, seu modo de compreender e viver o mundo. Nessa direção, os espaços sociais periféricos constroem suas formas de vida e expressões culturais a seu tempo, daqueles lugares. Todavia, a sociedade não possui mais espaço para se dividir de maneira tão estruturada e estrutural. Assim, centro e periferia não necessariamente correspondem a lugares físicos/geográficos próximos ou distantes das regiões de maior possibilidade de acesso a bens e serviços proporcionados pelo sistema, mas espaços de inclusão, integração, exclusão, segregação que se entrecruzam e interpenetram geográfica, cultural, política e socialmente, guardando, para si, suas condições e especificidades. Ao observarmos a forma pela qual as grandes cidades se organizam no Brasil e em muitos lugares do mundo, podemos ter um vislumbre da questão, pois, na proporção em que as cidades crescem, antigos espaços de segregação vão sendo alcançados pelo avanço capitalista e acabam por ser integrados geograficamente às grandes cidades, embora isso não modifique necessariamente a sua condição de segregação social (PAULA, 2011, p. 116).

No conto “A gente combinamos de não morrer”, pode-se perceber a rica relação que a personagem Bica estabelece com a escrita: “Gosto de ver as palavras plenas de sentido ou carregadas de vazio (...) outro dia, tarde da noite, ouvi um escritor dizer que ficava perplexo diante da fome do mundo” (EVARISTO, 2014, p. 108). Mesmo pertencendo ao grupo com acesso à educação muito limitado, Bica busca o letramento, se interessa em ouvir escritores de forma a se enriquecer culturalmente e poder agir, através da conscientização que a educação fornece em relação às mazelas sociais, como uma cidadã participativa, buscando maneiras de modificar o quadro social enfrentado diariamente pelos seus. Outra personagem que possui consciência da transformação social que a educação oferece é a menina Querença:

Era preciso reinventar a vida, encontrar novos caminhos. Não sabia como. Estava estudando, ensinava as crianças menores da favela, participava do grupo de jovens da associação de Moradores e do Grêmio da escola (EVARISTO, 2014, p. 36-7).

Mesmo não possuindo uma ideia muito engenhosa a respeito de como atuar de forma a transformar sua realidade, a menina Duzu tem consciência de que somente os estudos fornecerão tal respaldo.

Na cidade em que os contos narrados se passam, Rio de Janeiro, o centro se mistura, geograficamente, à periferia. Eles estão separados por metros de distância. De forma que os moradores periféricos, vislumbrem, todos os dias, o acesso negado a eles.

É quase impossível para a população brasileira perceber as diferenças sociais enquanto imposição de uma elite minoritária, que manipula a mídia, de forma a convencer os habitantes de nosso país de que eles são os responsáveis pelas dificuldades que passam, levando-os a não sentirem compaixão por essa população de excluídos do estado de direito. Como dito, anteriormente, é exatamente a conscientização dessas manipulações que excluem

o banal, modificando o olhar indiferente sobre nossos semelhantes, fazendo emergir em nós, a experiência do trágico.

Temos de enxergar não apenas que o sofrimento pode ser evitado, mas também que ele não é evitado. E não apenas que o sofrimento nos esmaga, mas também que ele não tem, necessariamente, de nos esmagar. As palavras de Brecht são a expressão precisa deste novo sentido de tragédia: Os sofrimentos desse homem me horrorizam, porque eles não são necessários. Esse sentimento estende-se até uma posição comum: a nova consciência trágica de todos aqueles que, horrorizados com o presente, estão, por essa razão, firmemente comprometidos com um futuro diferente: com a luta contra o sofrimento aprendida no sofrimento: uma exposição total que é também um envolvimento total. Sob o peso do fracasso, em uma tragédia que poderia ter sido evitada mas que não o foi, essa estrutura de sentimentos luta agora para se formar (WILLIANS, 2002, p. 262-3).

Para finalizar o presente capítulo, vale a pena recuperar a citação abaixo:

Tragédias importantes, ao que tudo indica, não ocorrem nem em períodos de real estabilidade, nem em períodos de conflito aberto e decisivo. O seu cenário histórico mais usual é o período que precede à substancial derrocada e transformação de uma importante cultura. A sua condição é a verdadeira tensão entre o velho e o novo: entre crenças herdadas e incorporadas em instituições e reações, e contradições e possibilidades vivenciadas de forma nova e viva (WILLIANS, 2002, p. 79).

O cenário da favela onde se desenrolam as narrativas de *Olhos d`água* (2014), as quais analisamos a presença das regras das três unidades da tragédia e de categorias do trágico, expressa um momento em que os grupos menos favorecidos clamam por mudanças estruturais significativas.

#### 4. O CONTO: A AUTENTICIDADE DE OLHOS D'ÁGUA

Neste capítulo, almeja-se contribuir com a análise de alguns dos contos de *Olhos D'água* (2014), considerando, principalmente: 1) uma possível intertextualidade com as obras de Helena Parente Cunha e Cecília Meireles; 2) o uso do monólogo interior; 3) o papel da televisão; 4) a violência física, simbólica, moral, sexual e contra a infância, descritas nos contos; 5) a possibilidade de uma escrita autoficcional; 6) a questão dos nomes próprios e da identidade; e, finalmente 7) os tabus sociais.

Uma possível intertextualidade com os textos de Helena Parente Cunha e Cecília Meireles

O conceito de intertextualidade tem sido abordado tradicionalmente, sobretudo nos estudos concernentes à composição de textos literários. Tal abordagem se dá, na medida em que, nos diferentes estilos de época da Literatura verifica-se o diálogo entre textos como uma forma de se refratar o discurso original na composição de um novo enunciado linguístico (FERREIRA, 2017, p. 1).

Helena Parente Cunha é reconhecida mundialmente pela escrita voltada à percepção das mulheres atuantes na sociedade. Uma escrita em que, pela primeira vez, a mulher aparece como autora, em uma sociedade firmada por preceitos falocêntricos<sup>12</sup>. Conceição Evaristo, ao aproximar-se da produção de Helena Parente Cunha, retoma uma conquista das mulheres em geral e nos faz perceber e questionar, em se tratando da mulher negra, elas tiveram êxito? Será que essas mulheres conseguiram o mesmo espaço e reconhecimento das mulheres brancas? Depois de algumas conquistas, como, por exemplo, o reconhecimento da literatura de autoria feminina, por que a necessidade de se criar a literatura afro-feminina? Os questionamentos são respondidos pela constatação da discriminação e baixa representatividade da mulher negra na sociedade e estão descritos no

---

<sup>12</sup> O falo geralmente é confundido com o órgão sexual masculino. O fato é que o falo, ao qual Lacan se refere, é quem detém o poder. Em sua época, quem detinha o falo era o homem devido à sociedade concentrar-se em mãos masculinas (informação extraída do artigo *Helena Parente e a Mulher no Espelho*, de Poliana Pereira Dantas). Em <http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/2384403.pdf>. Consultado em: 30 mar. 2017.

Capítulo 1 desta dissertação. Infelizmente, as mulheres negras ainda necessitam de maior reconhecimento e espaço. Entretanto, a literatura afro-feminina vem demonstrando ser uma real possibilidade de reversão à invisibilidade imposta a estas.

O conto “Beijo na face” é uma narrativa na qual a personagem principal Salinda sofre a dura realidade de muitas outras mulheres: ser vigiada pelo próprio cônjuge, que sente o direito, através de sua suposta posição de sexo superior enraizada pelo machismo, de controlar os passos da esposa:

Estava sendo observada em todos os seus movimentos. A vigilância sobre os seus passos pretendia, se possível, abarcar até seus pensamentos. Ela, que até então fora sempre distraída, teve de aprender a prestar atenção a tudo e em todos. A mulher ou homem que estivesse assentado ao seu lado no ônibus poderia ser o detetive particular que o seu marido tinha contratado para segui-la (EVARISTO, 2014, p. 52).

Salinda passa a viver em estado constante de alerta. O que era uma suspeita se tornou um fato real:

Confirmou, porém, que estava sendo seguida, quando, numa noite, o marido, julgando que ela estivesse dormindo, falava alto na sala ao lado e sem querer ela ouviu todo teor da conversa. Ele pedia notícias de todos os passos dela (EVARISTO, 2014, p. 53).

Aos poucos, o marido, além de vigiar todos os passos da mulher, passa a ameaçá-la de forma cruel: tomar seus filhos, matá-la ou suicidar-se, culpando-a. O tempo em que o marido estava presente em sua vida tornou-se um total desespero. Ela vivia em estado constante de temor.

Como fuga dessa angústia, que o esposo ocasionava a sua vida, a personagem aprende a se amar. Ela encontra o verdadeiro prazer da vida em sua própria existência: “Salinda, no quarto destinado a ela, podia se dar, receber, se ter e ser para ela mesma e para mais alguém. Tia Vandu era guardiã do novo e secreto amor de Salinda” (EVARISTO, 2014, p. 53). A personagem, ao se descobrir passível de mudança, através da observação de sua



outra face no espelho, ao perceber que poderia viver de outra forma sem ter de se submeter ao abuso de poder do marido, passa a viver entre a realidade de ameaças que a circunda e a possível existência sem a perversidade do marido. Vejamos:

Tentando se equilibrar sobre a dor e o susto, Salinda contemplou-se no espelho. Sabia que ali encontraria a sua igual, bastava um gesto contemplativo de si mesma. E no lugar de sua face, viu a da outra. Do outro lado, como se verdade fosse, o nítido rosto da amiga surgiu para afirmar a força de um amor entre duas iguais. Mulheres, ambas se pareciam. Altas, negras e com dezenas de *dreads* a lhes enfeitar a cabeça. Ambas ave fêmeas, ousadas mergulhadoras na própria profundidade (EVARISTO, 2014, p. 57).

É exatamente no trecho citado que podemos subentender uma aproximação com os escritos de Helena Parente Cunha, que também descreve, em seu livro *Mulher no Espelho* (1985), uma esposa que, na tentativa de desprender-se da vida de imposição do marido e anteriormente do pai, começa a se descobrir no espelho. Nas duas narrativas, o espelho aparece associado a uma busca de identidade:

Agora estamos paradas, uma olhando para a outra [...] Os espelhos multiplicam as imagens até ao infinito. Mas nosso remorso nos une [...] Meu rosto no espelho é o dela. Ela sou eu. Eu sou ela. Ombros envergados olhar arriado. O cruzamento eu-com-ela fechou-se no estreito eu-comigo. Somos apenas uma. Somos eu (CUNHA, 1985, p. 171).

Ambas buscam romper com a submissão através da descoberta de sua outra face. Nos dois casos, uma face submissa se contrapõe à outra que busca subverter a opressão através da tomada de consciência das personagens das torturas impostas pelo sexo dominante. No entanto, as duas, ao tentar subverter a vida de submissão, se sentem culpadas: “o perfil da mulher brasileira de hoje se desenha a partir da busca da identidade, em meio ao conflito entre o paradigma falocêntrico e o desejo de superar o jugo, porém debaixo de inevitável culpa” (CUNHA, 2003, p. 121).

Culturalmente, o machismo está tão entranhado na sociedade, que, muitas vezes, a submissão da mulher é naturalizada. Ela, ao tentar subverter esse paradigma, culpa-

se, acreditando não ter esse direito por ter sido criada em uma sociedade patriarcal. Dessa forma, tal atitude deturpada acaba por impedir o direito de escolha e, conseqüentemente, legitima a submissão feminina. A projeção da imagem no espelho vem representando uma possível subversão dessa realidade injusta. Tanto em *Mulher no Espelho* (1985) como em “Beijo na face”, a personagem, através de um processo de conscientização, busca romper os laços de total dominação a elas impostos por um outro que as impede de desfrutar da vida de forma intensa, de maneira a serem donas dos próprios desejos.

Outro exemplo que contempla a busca de identidade através do espelho é o conto “Luamanda”. Conceição Evaristo estabelece uma relação de intertextualidade com o poema “Retrato”<sup>13</sup>, de Cecília Meireles. Mas, dessa vez, sua personagem ao invés da culpa pelo possível desvio daquilo que seria o padrão estabelecido socialmente, Luamanda, se mostra satisfeita, não se envergonha:

Não, ela não se envergonhava de seu narcisismo. Era com ele que ela compunha e recompunha toda a sua dignidade. Encarou novamente o espelho e se lembrou de um poema, em que uma mulher contemplando a sua imagem refletida, perguntava angustiada onde é que ela deixara a sua imagem refletida, perguntava angustiada onde é que ela deixara a sua outra face, a antiga, pois não se reconhecia naquela que estava sendo apresentada (EVARISTO, 2014, p. 63).

No poema “Retrato”, o eu lírico reage de maneira angustiante diante da efemeridade do tempo, do inevitável envelhecimento. As mudanças, processadas pela

---

<sup>13</sup> *Retrato* (Cecília Meireles)

Eu não tinha este rosto de hoje,  
assim calmo, assim triste, assim magro,  
nem estes olhos tão vazios,  
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,  
tão paradas e frias e mortas;  
eu não tinha este coração  
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,  
tão simples, tão certa, tão fácil:  
Em que espelho ficou perdida  
a minha face?

O poema foi publicado pela primeira vez no livro *Viagem* no ano de 1937. Para maiores detalhes: MEIRELES, Cecília. **Antologia poética**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 18.

passagem do tempo, causam tristeza, amargura e sensação de incapacidade diante da fugacidade da vida “Eu não tinha estas mãos tão sem força / tão paradas e frias e mortas” (MEIRELES, 2001, p. 18). Luamanda, ao contrário, se orgulha de seu envelhecimento, uma vez que encara esse processo como experiência de vida, como superação de um percurso atribulado: “É, estava inteirinha, apesar de tantos trombolhões e acidentes de percurso em sua vida-estrada” (EVARISTO, 2014, p. 59). Cecília Meireles foi a primeira voz feminina de grande expressão na literatura brasileira, tendo mais de cinquenta obras publicadas, o que torna sua menção, assim como a de Helena Parente Cunha, muito importante ao anseio de Evaristo, que é trazer a voz da mulher (negra) à tona.

Evaristo traz duas personagens que retratam a necessidade de corromper o modelo desigual imposto pela sociedade machista. Em “Beijo na Face”, Salinda vislumbra a independência através de sua projeção no espelho. A personagem deseja se libertar do marido opressor: “Tentando se equilibrar sobre a dor e o susto, Salinda contemplou-se no espelho” (EVARISTO, 2014, p. 57). Já em “Luamanda”, a protagonista subverte esse padrão ao aceitar seu envelhecimento como algo natural e possível de gerar orgulho: “Pouquíssimos fios de cabelos brancos avançavam buscando criar um território próprio em sua cabeça. Escolheu esses fios, puxou-os querendo destacá-los entre os demais. Imaginou-se com os cabelos brancos sobre o rosto negro” (EVARISTO, 2014, p. 64).

## O monólogo interior

Segundo Vítor Manuel de Aguiar Silva, em *Teoria da Literatura*, tal procedimento foi utilizado literariamente pela primeira vez por Édouard Dujardin, escritor francês que publicou, em 1887, *Les lauriers sont coupés* (A exibição do pensamento e da linguagem). Silva e Aguiar (1976, s/p) descreve-o da seguinte forma:

É um monólogo não pronunciado, que se desenrola na interioridade da personagem – e há determinados estados psicofisiológicos particularmente favoráveis à eclosão do monólogo interior: *rêverie*, insônias, cansaço, etc. –, que não tem outro auditor que não seja a própria personagem e que se apresenta sob uma forma desordenada e até caótica – sintaxe extremamente frouxa, pontuação escassa ou nula, grande liberdade, sob todos os pontos de vista, no uso do léxico, etc. –, sem qualquer intervenção do narrador e fluindo à medida que as ideias e as imagens, ora insólitas ora triviais, ora incongruentes ora verossímeis, vão aparecendo, se vão atraindo ou repelindo na consciência da personagem. O monólogo interior é, pois, uma técnica adequada à representação dos conteúdos e processos da consciência – e não apenas dos conteúdos mais próximos do inconsciente, como afirma Dujardin –, diferenciando-se do monólogo tradicional, direto ou indireto, pelo fato de captar os conteúdos psíquicos no seu estado incoativo, na confusão e na desordem que caracterizam o fluxo da consciência, sem a intervenção disciplinadora e esclarecedora do narrador.

Retomando a vida de Dorvi, e tratando do monólogo interior, ele tem consciência de que sua escolha, caminho de vida, determina seu próprio destino: “O destino traçado. Não há recuo. Não estou aflito. Não estou desesperado” (EVARISTO, 2014, p. 106).

Com efeito, transcreveremos alguns dos monólogos dos personagens, sendo o primeiro a ser destacado o do personagem Dorvi: “Quero a morte lenta e calma. Quero boiar no fundo do mar. Quero o fundo do mar-amor, onde deve reinar calmaria” (EVARISTO, 2014, p. 104). O próximo monólogo, também de Dorvi, inicia-se com o nome dado ao conto:

E a gente combinamos de não morrer. Que merda, selamos agora a própria morte. E o meu putinho e a diletta minha, onde estão? Bica é menina esperta. É mulher de muita visão. Penso no risco que estou correndo. Risco não, tudo já é certo. A solução está definida. O destino traçado. Não há recuo. Não estou aflito. Não estou desesperado. Não estou calmo. Não estou inocente ou culpado. Apenas estou sabendo que daqui a pouco, questão de um dia e meio, não estarei mais. Nem eu,

nem ele. Acabo com ele, mas isto não resolve. Outros acabarão comigo. Nosso trato de vida virou às avessas. Morremos nós, apesar de que a gente combinamos de não morrer (EVARISTO, 2014, p. 106).

Dorvi conversa consigo próprio a respeito das escolhas de vida que fez e de suas consequências. Relembra do trato feito junto ao amigo e percebe que o mesmo virou às avessas.

Seguidamente, o enfoque será dado aos monólogos da personagem Bica. Vejamos: “Não sei por que o medo, pensou Bica. Se ao menos o medo me fizesse recuar, pelo contrário, avanço mais e mais na mesma proporção desse medo” (EVARISTO, 2014, p. 100). Logo abaixo, mais um trecho de um monólogo de Bica:

A casa de Neo caiu. Aprontou, dançou! Mais um, que não será o último, outros virão. Ele, Dorvi, Idago, Crispim, Antônia, Cleuza, Lidinha, Biunda, Neide, Adão e eu tínhamos (alguns já se foram) a mesma idade. Um ano e às vezes só meses variavam o tempo entre a data de nascimento de um e de outro. Alguns morreram também em datas bem próximas. Apalpo o meu corpo, aqui estou eu. Entre as mulheres quase todas ficaram menstruadas juntas, pela primeira vez. Brincávamos que íamos misturar as nossas regras e selarmos a nossa irmandade como o nosso íntimo sangue. Os meninos não sei que juras fizeram. Ah, sei! Dorvi repetia sempre que entre eles havia o pacto de não morrer. Entretanto Dorvi sumiu e Neo também. De Neo já temos notícia. Dançou ao som da música da escopeta de Dorvi. E Dorvi? Nem a mãe dele sabe, nem eu que sou sua mulher, só adivinho só. O que dizer para o nosso filho à medida que ele crescer. Quero outro futuro para ele. Será que ainda há dor por vir? E Dorvi? Não sei (EVARISTO, 2014, p. 107).

Bica se habituou tanto ao tiroteio que o barulho das balas representa para ela uma música. Em outro trecho do conto, ela faz a mesma relação entre o barulho dos tiros e a música: “Lá fora a sonata seca continua explodindo balas” (EVARISTO, 2014, p. 109). A violência é tão banalizada que os tiros são como músicas. É bastante marcante em seu monólogo o fato de, ao falar da dor, ela usar o nome do pai do seu filho: “Será que ainda há dor por vir? E Dorvi?” (EVARISTO, 2014, p. 107). Em “há dor por vir”, vemos representado o nome de Dorvi, enfatizando o sofrimento que a personagem já carrega no próprio nome.

E, para finalizar a análise desse conto, será agora destacado a personagem Dona Esterlinda. Seus monólogos funcionam como fuga da triste realidade que a cerca. Ela

frustra-se com finais de novelas, buscando nestas um final feliz para os personagens que se assemelham a ela, já que em sua vida não o encontrará. Vejamos: “O que mais gosto na televisão é de novela. Acho a maior bobeira futebol, política, carnaval e show...” (EVARISTO, 2014, p. 101). No trecho a seguir, observamos novamente o monólogo de Dona Esterlinda: “A babá Lidiâne, da novela das oito, acabou sozinha. Não gostei do final. Assisti outra novela em que a babá casou com o filho do patrão. Bonito, tudo muito bonito. Chorei de emoção” (EVARISTO, 2014, p. 104-5).

Ratificando o fragmento anterior, constatamos que Bica representa uma personagem que reconhece a alienação da mãe perante às telenovelas e é desejosa de uma vida melhor para si e o filho: “deve haver uma maneira de não morrer tão cedo e de viver uma vida menos cruel” (EVARISTO, 2014, p. 108). Nesse trecho, a antítese “viver e morrer” aproxima a vida e a morte, que andam lado a lado todo tempo. Segundo Maria Júlia Kovács (1992):

Não podemos viver a vida toda sob a esmagadora “presença” da morte. Existem várias possibilidades de ocultamento, tanto culturais, quanto psicológicas. Entre estas últimas podem ser destacados os mecanismos de defesa: negação, repressão, intelectualização, deslocamento. As defesas ao mesmo tempo que nos protegem do medo da morte, podem nos restringir. Há momentos em que o sujeito fica tão acuado que parece não viver. E esse não-viver, pode ser equivalente a morrer. Então surge uma situação paradoxal, em que a pessoa “está” morta, mas “esqueceu” de morrer: temos a chamada morte em vida. Com isso estamos brincando com as palavras vida e morte e com o seu entrelaçamento, mas que verdades profundas essas brincadeiras nos trazem! (p. 2-3).

O monólogo interior é bem marcante no conto “Maria”. A autora utiliza-se dessa estrutura como forma de levar o leitor a conhecer os sentimentos de Maria: “Será que os meninos iriam gostar do melão?” (EVARISTO, 2014, p. 40); “Que coisa! Faca a laser corta até a vida!” (EVARISTO, 2014, p. 40); e, mais adiante, ela se pergunta novamente: “Será que os meninos iriam gostar do melão?” (EVARISTO, 2014, p. 42). Os monólogos de Maria falam de sua dor, de sua vida muito sofrida, difícil. De sua verdade interior diante do

mundo que a circunda. Maria, sem nenhum dos seus filhos, num momento de muito sofrimento, impossibilitada de dizer o que estava sentindo, começa a falar consigo mesma. Esse falar é cheio de dor, sofrimento, carregado de sua triste e sofrida vida.

Outro conto no qual percebemos uma forte presença do monólogo interior é o “Duzu-Querença”. Os monólogos da protagonista falam das fantasias criadas por ela de forma a amenizar os sofrimentos acumulados no decorrer de sua vida. Afinal, Duzu agarrou-se “nas raias do delírio para viver o tempo de seus últimos dias [...] Duzu estava feliz. Havia se agarrado aos delírios, entorpecendo a dor” (EVARISTO, 2014, p. 35). A protagonista transforma o delírio em resiliência, de forma a amenizar as condições duras que vivenciou no decorrer de sua humilde vida. Dessa forma, ela lida com a realidade de forma a se manter em um estado de harmonia interior, apesar das adversidades. Esse estado psicológico é garantido através da fuga da realidade pelo delírio. Em suas fantasias, ela pode ser a estrela:

Quem disse que estrela era só para fadas! Estrela era para ela, Duzu. Estrela era para Tático, para Angélico. Estrela era para a menina Querença, moradia nova, bendito ayê, onde ancestrais e vitais sonhos haveriam de florescer e acontecer (EVARISTO, 2014, p. 36).

Em sua imaginação, os seus se transformam em celebridades, contrapondo-se ao real. Na fantasia, Duzu pode, além de se desligar da realidade, ser quem almejar. De maneira geral, todos os monólogos presentes nos contos analisados representam a impossibilidade de se dizer, comum ao funcionamento da linguagem desse grupo retratado, que, na maioria das vezes, é também marcado pelo isolamento social, outra característica que remete diretamente ao monólogo interior.

## O papel da televisão

De acordo com o artigo *Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político*, de Fernando Antônio Azevedo (2006):

Historicamente algumas das características mais notáveis do nosso sistema de mídia permanecem imutáveis: o monopólio familiar e a propriedade cruzada nos meios de comunicação de massa, a pequena diversidade externa do ponto de vista político e o viés conservador, a baixa circulação dos jornais associada ao baixo número de leitores e, como consequência, no campo da grande imprensa, um jornalismo orientado prioritariamente para as elites e permeável à influência dos públicos fortes. Deve-se lembrar ainda o surgimento tardio da imprensa e dos jornais comerciais em nosso país e a centralidade e hegemonia da televisão em nosso sistema de mídia (p. 89).

O papel manipulador da mídia, focado mais diretamente na televisão, é abordado em “A gente combinamos de não morrer”. Dona Esterlinda, mãe de Bica, é totalmente alienada pelas telenovelas, que permitem a ela se distanciar da realidade circundante: “É tão bom ver novela. Não gosto de ver os crimes, roubos e nem noticiários de guerra. Novela me alivia, é minha cachaça” (EVARISTO, 2014, p. 102). Essa é a maneira que ela encontra de escapar do mundo, da vida cruel que é obrigada a levar. As novelas permitem a Esterlinda viver uma realidade melhor, através do escapismo, da fantasia.

Para Silva e Santos (2016), no artigo *O impacto e a influência da mídia sobre a produção da subjetividade* percebemos que a televisão é muito eficaz no que tange a “inculcar ideias”, com a intenção de fazer com que o mundo que nos cerca se pareça com o que vemos nas telas da televisão e capas de revistas. Como agente formador de opiniões e criador-reprodutor de cultura, a mídia insere-se na realidade dos homens de forma a defender e posicionar-se ao lado do que é mais lucrativo aos seus olhos. Porém, através das perspectivas de vida dos personagens de destaque do conto, Bica, Dorvi e Dona Esterlinda, é perceptível como embora estando num mesmo ambiente, vivendo uma mesma vida, ainda é possível buscar novas formas de reagir. Dona Esterlinda deixou-se envolver pela ilusão



das telenovelas, enquanto Dorvi se refugiou no tráfico e Bica almeja sua transformação social através dos estudos.

Outro ponto abordado no conto “A gente combinamos de não morrer” diz respeito à maneira como a mídia vem expondo as notícias trágicas do mundo dos excluídos: “Mataram a mulher, puseram o corpo na lixeira e atearam fogo!” (EVARISTO, 2014, p. 100). Tal ponto de vista sobre a banalização da violência e da morte perpetrado pela mídia é mencionado por Glissant (2014):

Nos habituamos ao fluxo contínuo desses mortos, que não se contam mais e que na verdade tentamos esconder, desses gritos impotentes. É como se no mundo não houvesse mais do que três tipos de pessoas: os que decidem, os que sofrem, os que olham e esquecem. Os que sofrem, você os ignora, quase sempre. Quer dizer que não os levamos em conta, eles desaparecem sub-repticiamente, nas estatísticas e na opinião geral. Mesmo quando estão diante dos olhos (p. 31).

A mídia, muitas vezes, simplifica a angústia presente na vida dos excluídos socialmente, o que acaba por desencadear a mesma banalização. Aqueles que se regem através da perspectiva da televisão, acabam por também visualizar de uma forma simplista a dor de muitos. Bica e Dona Esterlinda falam de sua insatisfação com a mídia. Segundo Bica:

Outro dia, tarde da noite, ouvi um escritor dizer que ficava perplexo diante da fome do mundo. Perplexo! Eu pedi para ele ter a bondade, a caridade cristã e que incluísse ali todos os tipos de fome, inclusive a minha, que pode ser diferente da fome dos meus (EVARISTO, 2014, p. 108).

Bica declara sua indignação com a simplificação do escritor. Já Dona Esterlinda declara: “bobagem também reportagem, campanha contra a fome, contra o verde, contra a vida” (EVARISTO, 2014, p. 101), embaralhando em sua mente, a luta contra a fome e a defesa do verde e da vida.

Outro conto no qual aparece o papel manipulador dos noticiários é “Ana Davenga”. Vejamos: “os noticiários depois lamentavam a morte de um dos policiais em

serviço” (EVARISTO, 2014, p. 30). Será que as pessoas vão saber que Ana estava sem reação, imóvel em sua cama tentando proteger o filho ainda em seu ventre? Mais uma vez, de forma brilhante, Evaristo nos mostra a realidade do outro, dos desfavorecidos, nos fazendo refletir sobre a manipulação midiática a respeito dos sentimentos daqueles que estão à margem da sociedade.

#### 4.1 Violência e opressão em *Olhos d'água*

As configurações de violência que serão retratadas são as seguintes: a violência psicológica/moral, a violência física, a violência sexual e a violência simbólica (conceito de Pierre Bourdieu publicado na obra *La Reproduction*, 1970). Acerca da violência simbólica, Lima e Duarte (2009), no artigo *Gênero e Violência na Literatura afro-brasileira*, discutem a análise de Bourdieu, dizendo que:

Nunca concordei inteiramente com a afirmação de Bourdieu, de que a violência simbólica se 'constrói através de um poder não nomeado', que 'dissimula as relações de força'. Ora, tal poder tem nome, e ele é machismo. E as relações de poder, do macho sobre a fêmea, estão bem visíveis nas relações sociais de gênero. Também questiono sua explicação simplista de que a dominação masculina se perpetua porque as mulheres naturalmente a aceitam. Ao invés de buscar a explicação da conduta agressiva no próprio agressor, e o porquê das categorias sociais estarem tão assimiladas ao masculino, parece mais fácil vitimizar, mais uma vez, a vítima (p. 229).

Concordamos com o exposto no artigo e ressaltamos que muito da violência representada nos contos de Evaristo se enquadram na questão do machismo ainda reinante em nossa sociedade e em questões referentes a um indivíduo se sentir superior ao outro por motivo de raça, gênero, classe social e religião. Resumindo, sentem-se superiores aos outros, porque a sociedade os autoriza. Uma personagem que deve ser destacada no que diz respeito a tal violência é, sem dúvidas, a Maria Agonia do conto "Ana Davenga" que, por puro machismo, foi brutalmente assassinada por Davenga. Vejamos o trecho a seguir:

Um dia ele se encheu. Propôs que ela subisse o morro e ficasse com ele. Corresse com ele todos os perigos. Deixasse a bíblia, deixasse tudo. Maria Agonia reagiu. Vê só se ela crente, filha de pastor, instruída, iria deixar tudo e morar com um marginal, com um bandido? Davenga se revoltou [...] Não havia de ser nada. Tinha alguém que faria o serviço para ele. Dias depois, a seguinte manchete aparecia nos jornais: "Filha de pastor apareceu nua e toda perfurada de balas. Tinha o hábito de visitar os presídios para levar a palavra de Deus" (EVARISTO, 2014, p. 27-8).

Davenga, pautado em sua suposição de superioridade de sexo, decide matar Maria Agonia. Ao optar em não viver com o homem, sem saber, Maria decretava sua morte. Sendo rejeitado pela mulher, não se conteve, precisou dar fim à vida dela, visto que de acordo com sua visão sexista, apenas os homens têm o direito de rejeitar uma mulher. Por não aceitar tal decisão por parte de Maria, Davenga sem a menor preocupação decide que Maria Agonia tem que ser morta, afinal ela ferira o seu ego.

Outro conto no qual será destacada a configuração da violência é “Duzu-Querença”. No fragmento a seguir se percebe o descaso em função da classe social e do privilégio de classe: “Um homem passou e olhou para a mendiga, com uma expressão de asco. Ela lhe devolveu um olhar de zombaria. O homem apressou o passo, temendo que ela se levantasse e viesse lhe atrapalhar o caminho” (EVARISTO, 2014, p. 31).

Maria, personagem principal do conto que leva o mesmo nome, também é vítima do mesmo tipo de violência quando sua patroa doa para os filhos de Maria os restos de comida que não serviam para os seus familiares e amigos: “Havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos” (EVARISTO, 2014, p. 39). Maria se sente grata e feliz em poder levar os restos da patroa para casa e, no trajeto para casa, vai pensando na felicidade dos seus filhos em receber o que foi considerado lixo para o outro.

No que se refere à personagem Natalina do conto “Quantos filhos Natalina teve?”, ela foi submetida a engravidar do patrão, a pedido da patroa, visto que o casal não conseguia ter filhos: “Não entendeu porque aquela mulher se desesperava e se envergonhava tanto por não ter um filho. Tudo certo. Deitaria com o patrão, sem paga alguma, tantas vezes fosse preciso. Deitaria com ele até a outra se engravidar” (EVARISTO, 2014, p. 47). Natalina, devido a sua posição subordinada em relação aos patrões, resolve atender ao pedido deles, entretanto, “tinha vergonha de si mesma e deles” (EVARISTO, 2014, p. 48).

Sobre a personagem Salinda, do conto “Beijo na face”, constata-se que ela também se torna uma vítima da violência simbólica.

As ameaças feitas pelo marido, as mais diversificadas e cruéis, foram surgindo. Tomar as crianças, matá-la ou suicidar-se deixando uma carta culpando-a. Salinda, por isso, vinha há anos adiando um rompimento definitivo com ele. Tinha medo, sentia-se acuada...” (EVARISTO, 2014, p. 53).

Diferentemente dos casos descritos até agora no conto “Os amores de Kimbá”, a vítima da violência simbólica é um homem. Kimbá, por sua condição social desfavorecida, é submetido a ter relações sexuais com seu amigo Gustavo, mesmo sem vontade:

Kimbá estava gostando de Beth. Tinha vergonha deste sentimento. Não sabia como ajeitar a mulher dentro e fora do peito. Não poderia dizer para ninguém, muito menos para Gustavo [...] Não seria ele que iria estragar tudo dizendo que estava gostando da moça. Havia o pior ainda. Ele era de um mundo que diziam não ser o deles. Gustavo também era das “altas”, como dizia ele próprio às vezes, quando se referia às desavenças que tinha com os pais. Ele não podia esquecer isto. Tinha de transar no meio dos dois e ter cuidado, muito cuidado (EVARISTO, 2014, p. 93).

O personagem principal do conto é subordinado a viver uma relação à três, sem vontade, devido à posição social que ocupa. Como tem um padrão de vida inferior ao dos amigos, é constrangido a obedecer-lhes para não correr o risco de perder a suposta amizade.

Seguidamente, vamos tratar sobre a violência psicológica, ou seja, aquela que fere a moral do ofendido, afeta o sujeito moralmente através de palavras violentas, causando desonra. Tal violência não deixa marcas físicas e muitas vezes não é relatada, pois a vítima não tem como comprovar o fato ocorrido.

Um conto que representa tal tipo de violência é “Beijo na face”. Salinda, ao ser submetida ao cárcere doméstico passa a viver em constante estado de alerta, temendo sempre o que está por vir: “Mas por que o marido estava demorando tanto? Ela começava a

se atormentar. O que estava por trás daquela ausência tão silenciosa? O que tinha acontecido? O que estava por acontecer?” (EVARISTO, 2014, p. 55). Salinda vive em constante estado de desespero, com o coração angustiado devido ao fato de o marido torturá-la psicologicamente com ameaças de tomar seus filhos e até se suicidar, culpando-a. A protagonista não possui qualquer sequela física que possa auxiliar em uma denúncia contra o marido. Tal fato acaba por dificultar a tomada de decisão da vítima, que se sente acuada e sem amparo. Dessa forma, ela se sente forçada a continuar com o marido.

No que diz respeito à violência sexual, citamos a entrevista do *Portal Geledés: A violência sexual precisa ser contextualizada*, por Jarrid Araes (2017). Por meio dessa leitura podemos constatar que as causas de tal violência estão intimamente relacionadas com a cultura machista perpetuada pelo mundo:

O machismo não é um caso isolado e não está restrito ao estuprador desconhecido que aborda a vítima em um beco escuro. Pelo contrário, segundo dados apresentados pela Plan Brasil na recente campanha *Quanto Custa a Violência Sexual Contra Meninas?*, a maior parte dos estupros são praticados por pessoas próximas às vítimas: seus pais, irmãos, amigos, vizinhos, colegas de trabalho e até seus parceiros. São homens tipicamente comuns, que ninguém catalogaria como psicopatas, que convivem em sociedade, têm amigos e família, trabalham, estudam e podem até possuir boas atitudes em outras esferas. Isso acontece porque o corpo feminino ainda é relacionado a valores inferiores e muitas vezes é apresentado como uma propriedade masculina, como um objeto do qual os homens podem usufruir, mesmo que não haja consentimento (s/p).

A possibilidade de transgressão desses padrões sociais sexistas está na educação, para a qual pode contribuir uma literatura de denúncia dessa violência psicológica, como é o caso da escrita de Conceição Evaristo que traz à tona de forma crua tais fatos. Através de uma discussão sobre os seus contos em sala de aula, é possível levar os alunos a refletirem sobre esses atos e angariarem um futuro diferente, com novos valores. Afinal, esses padrões vêm sendo perpetuados de pais para filhos ao longo dos anos.

Nesse contexto, destacamos a personagem Natalina do conto “Quantos filhos Natalina teve?”: “Fugiu. Guardou tudo só pra ela. A quem dizer? O que fazer? Só que

guardou mais do que o ódio de ter sido violentada”. Nesse pequeno trecho, podemos perceber a revolta da protagonista ao ter sido violentada sexualmente e não ter a quem pedir ajuda, “a quem dizer?”. Será que em nossa sociedade machista, ao pedir ajuda, a mulher se sente acolhida? Protegida? “O que fazer?” (EVARISTO, 2014, p. 50). Será que há algo a se fazer após um estupro?

Sobre a violência física, essa é sem dúvida a mais facilmente detectada. Afinal, ela literalmente faz sangrar, violenta a vítima de forma a ser constatável por qualquer pessoa. Um conto em que tal violência aparece é “Maria”. Na verdade, nessa narrativa temos a presença clara de três configurações de violência: a violência psicológica, a violência simbólica e a violência física. Maria, a protagonista, quando insultada pelos passageiros do ônibus, é vítima da violência moral, conforme se destaca no trecho a seguir:

Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões (EVARISTO, 2014, p. 41-2).

Ao ser submetida, a ouvir tais xingamentos, a personagem, sem dúvida, teve seu psiquismo afetado de forma dura. No insulto posterior, alguns dos passageiros do coletivo partem da violência moral para a violência física. O passageiro do ônibus se sente no direito de agredir a mulher: “Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem lascando um tapa no rosto da mulher” (EVARISTO, 2014, p. 42). É como se a violência já não bastasse: “Alguém gritou: Lincha, Lincha, Lincha! [...] uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria” (EVARISTO, 2014, p. 42).

No primeiro fragmento destacado, percebemos claramente o machismo do homem que ofende Maria, que a julga sem realmente saber se a suposição era real. Através de seu pré-julgamento, ele se sente no direito de ofendê-la verbalmente, chamando-a de

“negra atrevida”. Alguns passageiros decidem linchar a protagonista devido à suposta participação no assalto que ocorreu no ônibus.

Infelizmente, em nossa sociedade, a violência punitiva ainda vigora. Muitos partem para a agressão física sem ao menos tentar dialogar, nem sequer saber o que se passa, como no caso de Maria. Os passageiros do coletivo se unem para linchar a personagem devido a uma suposição de um dos passageiros. No início do conto, é perceptível que, ao levar para os filhos os restos da patroa, Maria é vítima da violência simbólica: “havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos” (EVARISTO, 2014, p. 39). Ou seja, Maria levava para seus filhos o excesso da patroa, o que seria destinado à lixeira. Já que a patroa se sente superior à empregada por questão social, *status*, ela pode destinar aquilo que é tido como lixo para os filhos da Maria e ainda sentir que fez uma gentileza à empregada.

Prosseguindo com a análise, notamos que, com o intuito de ajudar a mulher, o motorista do coletivo chega a parar o ônibus na tentativa de acalmar os passageiros. Entretanto, já era tarde:

Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos [...] Quando o ônibus esvaziou, quando chegou à polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado. Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho (EVARISTO, 2014, p. 42).

Nada mais podia ser feito pela vida da protagonista. Ela foi brutalmente assassinada por uma suposição de participação no assalto do coletivo. Maria morreu sem ter a oportunidade de se explicar, de dizer que tudo não passou de um grande equívoco. Ela não teve a chance de dizer que não fazia parte do assalto, nem a possibilidade de transmitir o recado do pai para o seu filho. No caso em questão, a violência chegou realmente ao extremo, retirando da personagem o direito de viver e cuidar dos três filhos. A autora utiliza-se de uma descrição minuciosa (e ao mesmo tempo crua e brutal), como forma de denúncia da barbaridade e injustiça imposta à personagem e a outras tantas “Marias” no cotidiano das



grandes cidades. Conceição Evaristo nos apresenta, portanto, a dura realidade dos grupos subalternos. A autora dá voz àqueles que já há tanto tempo foram impedidos de falar.

A violência sexual é retratada em dois dos quinze contos do livro. As personagens Natalina, de “Quantos filhos Natalina teve?”, e Duzu, do conto “Duzu-Querença”, são vítimas dessa violência. Os trechos que comprovam isso serão descritos abaixo:

O homem desceu do carro puxou-a violentamente jogou-a no chão; depois desamarrou suas mãos e ordenou que lhe fizesse carinho. Natalina, entre o ódio e o pavor, obedecia a tudo. Na hora, quase na hora do gozo, o homem arrancou a venda dos olhos dela [...] Ele gozou feito cavalo enfurecido em cima dela (EVARISTO, 2014, p. 50).

Duzu voltava sempre. Vinha num entrar-entrando cheio de medo, desejo e desespero. Um dia o homem estava deitado nu e sozinho. Pegou a menina e jogou na cama. Duzu não sabia ainda o ritmo do corpo, mas, rápida e instintivamente, aprendeu a dançar (EVARISTO, 2014, p. 33).

Nas duas narrativas, as personagens são vítimas de violência sexual. Essa prática leva a mulher a se sentir humilhada, como um objeto manipulado pelos homens, quando e como quiserem. No caso de Duzu, torna-se ainda mais grave devido ao fato de a vítima ser ainda uma criança inocente, que sequer tinha consciência do que estava acontecendo no momento do estupro.

Infelizmente, muitos se aproveitam da força física para controlar e abusar das mulheres como se tal fato fosse normal. É perceptível também que, devido à cultura, algumas mães criam seus filhos homens para continuarem propagando tal violência, ao invés de aproveitarem a maternidade para subverterem o fato. Precisamos, urgentemente, conscientizar a sociedade e colocar um fim nessas atitudes. Ao trazer esse tipo de realidade para seu público leitor, Conceição Evaristo, favorece a busca real de denúncias a respeito desses fatos.

## **A infância e a violência**

Ao introduzir o presente subtítulo, o primeiro nome relacionado ao livro em questão que virá à cabeça de muitos leitores é Zaíta. A personagem sofre diversos tipos de violência no decorrer do conto, chegando ao extremo da violência física. Ela tem sua vida retirada precocemente e de forma estúpida. Já no início do conto, a personagem em questão é vítima da violência psicológica por parte da mãe que a cria sob constantes ameaças. Sem ter acesso a conversas com a mãe pelo medo que sente em dialogar com ela, Zaíta, ao contrário do esperado socialmente, não se sente segura, nem vê possibilidade de se abrir com a sua genitora: “Não poderia falar com a mãe. Sabia no que daria a reclamação. A mãe ficaria com raiva e bateria nas duas. Depois rasgaria todas as outras figurinhas” (EVARISTO, 2014, p. 71). A solução que a mãe de Zaíta encontrava quando tinha problemas com as filhas era surrá-las. A mãe impõe tanto terror às filhas, que Zaíta sente medo até mesmo de dirigir seu olhar para ela: “a mãe ainda arrumava os poucos mantimentos no velho armário de madeira. Zaíta teve medo de olhar para ela” (EVARISTO, 2014, p. 73). Nesse ponto percebemos, claramente, a presença da violência simbólica.

Benícia, mãe de Zaíta, chega a agir com crueldade ao destruir a boneca predileta das filhas: “Apanhou a boneca negra, a mais bonitinha, a que faltava um braço, e arrancou o outro, depois a cabeça e as pernas. Em poucos minutos a boneca estava destruída; cabelos arrancados e olhos vazados” (EVARISTO, 2014, p. 75). Benícia parece descontar toda a frustração e indignação com a vida medíocre que leva nas filhas menores. Não saber lidar com a vida miserável em que vive é que a transforma em mãe cruel.

Por fim, a personagem principal tem a vida retirada precocemente por uma bala perdida. Esse fato é algo bastante próximo à realidade dos moradores das favelas

brasileiras. Muitos perdem filhos, netos, amigos, ainda crianças, devido à violência cotidiana. Conceição Evaristo, ao trazer à tona essa verdade, leva aqueles que estão distantes desses espaços a refletir a respeito dessa triste maneira de existência e, quem sabe, a buscar meios de transformar a realidade social que os circunda.

Um dos irmãos de Zaíta traçou desde muito novo o seu caminho no tráfico ele teve a infância violada através do trabalho como “aviãozinho”:

Desde pequeno ele vinha acumulando experiências. Novo, criança ainda, a mãe nem desconfiava e ele já traçava o seu caminho. Corria ágil pelos becos, assobiava uma música infantil, som indicativo de que os homens estavam chegando (EVARISTO, 2014, p. 74).

A única possibilidade de obter algum dinheiro, vista pelo irmão das gêmeas, foi o envolvimento com o tráfico de drogas.

Outro personagem que merece destaque é o menino Dorvi de “A gente combinamos de não morrer”. O referido personagem optou por revoltar-se e envolveu-se no tráfico prematuramente:

Eu tinha treze anos. No meio do tiroteio, esporrei, gozei. E juro que não era de medo, foi de prazer. Uma alegria tomava conta de meu corpo inteiro. Senti quando o meu pau cresceu ereto, firme, duro feito a arma que eu segurava nas mãos. Atirei, gozei, atirei, gozei, gozei... Gozo dor e alegria, feito outro momento de gozo que me aconteceu na infância. Eu estava com seis para sete anos e arranquei com as minhas próprias mãos, um dentinho de leite que dançava em minha boca. Minha mãe me chamou de homem. Cuspi sangue. Limpei a baba com as costas da mão, ainda tremendo um pouco, mas correspondi ao elogio. Eu era um homem (EVARISTO, 2014, p. 106-7).

A maturidade do personagem Dorvi aparece diretamente ligada à perda da inocência através da sexualidade precoce. É perceptível, pela citação “Minha mãe me chamou de homem”, que a própria mãe de Dorvi incentivara a maturidade precoce do filho. Ele já se sentia homem aos sete anos de idade. O sentir-se “homem” relaciona-se diretamente ao não demonstrar dor, ao ser capaz de agredir a si próprio e sentir orgulho e prazer nesse ato.

Outro trecho no qual aparece claramente essa necessidade de amadurecimento antecipado, devido à vida cotidiana violenta, diz respeito à Idago, irmão de Bica: “Afiml meu irmão já não era tão inocente. Estava com onze anos; eu tinha doze. Ele já sabia o alcance de suas palavras” (EVARISTO, 2014, p. 103). Nas famílias em que a violência não faz parte tão cotidianamente da vida, aos onze anos, o menino ou a menina ainda são considerados crianças. Sendo assim, Conceição Evaristo traz ao leitor uma visão de mundo própria das culturas desprivilegiadas, levando o leitor a sensibilizar-se com a situação de vida desses personagens.

Trazer para o primeiro plano a realidade de grupos menos favorecidos socialmente auxilia na visibilidade e entendimento da causa. Muitos profissionais da educação, que lidam diariamente com esses grupos, desconhecem a dura realidade que eles enfrentam. Conceição Evaristo, através da sua literatura, traz a oportunidade de oferecer, aos profissionais e alunos uma interação muito melhor, atrelada à vida dos educandos; uma interação que visa favorecer, de fato, um tipo de mudança social significativa e garantir uma escola com maior equidade entre os alunos e que não negligencie suas realidades.

Por fim, o último personagem a ser destacado no presente trabalho, no que tange ao terror da violência na infância, é a menina Duzu. Ela foi trazida à cidade ainda menina pelo pai que almejava dar à filha uma melhor condição de vida do que a experienciada por eles na roça. Entretanto, contrariando o desejado, a senhora que se comprometera a cuidar, dar trabalho e estudos à menina não passava de uma cafetina. Duzu foi violentada e explorada ao chegar na casa e teve que trabalhar, ainda criança, em troca de casa e comida: “Duzu trabalhava muito. Ajudava na lavagem e na passagem de roupa. Era ela também quem fazia a limpeza dos quartos” (EVARISTO, 2014, p. 32). O tempo que deveria ser destinado às brincadeiras e aos estudos, de forma a prepará-la adequadamente para a vida adulta, foi destinado a trabalhos domésticos.

Em um período posterior, a menina passou da condição de ser submetida à exploração física, à exploração sexual: “Houve aquele quarto em que o homem lhe fez um carinho no rosto e foi abaixando a mão lentamente... A moça mandou que ele parasse. Não estava vendo que ela era uma menina?” (EVARISTO, 2014, p. 33). A menina sequer entendeu o que se passava e devido à curiosidade, característica da infância, acabou por retornar ao quarto: “Um dia o homem estava deitado nu e sozinho. Pegou a menina e jogou na cama. Duzu não sabia ainda o ritmo do corpo, mas, rápida e instintivamente, aprendeu a dançar” (EVARISTO, 2014, p. 33). Nesse momento, a criança passa de faxineira sem salário a prostituta.

## 4.2 A autoficção: questões conceituais

Bica, protagonista do conto “A gente combinamos de não morrer”, faz uso da metalinguagem, atribuindo à literatura uma função social de mudança de vida, de destino. A literatura a liberta, transforma, faz com que ela sangre: “Eu aqui escrevo e relembro o verso que li um dia. ‘Escrever é uma maneira de sangrar’. Acrescento: e de muito sangrar, muito e muito...” (EVARISTO, 2014, p. 109). A personagem extravasa toda dor e revolta com a dura vida que leva através da escrita. Esse aspecto nos encaminha ao conceito de autoficção, que nesse ponto pode ser estendido à vida da própria Conceição Evaristo. De acordo com Jovita Noronha (2014), autoficção seria:

(...) ficção, de acontecimentos e fatos estritamente reais; se se quiser, autoficção, por ter confiado a linguagem de uma aventura à aventura da linguagem, fora da sabedoria e fora da sintaxe do romance, tradicional ou novo. Encontro, *files* de palavras, aliteraões, assonâncias, dissonâncias, escritas de antes ou de depois da literatura, concreta, como se diz da música (p. 23).

Este é o conceito de autoficção utilizado por Serge Doubrovsky em seu romance *Files*. Nesse sentido, “a palavra aparece então num contexto lúdico: uma palavra-valise, que jorrou da efervescência da escrita, imediatamente retransformada” (NORONHA, 2014, p. 23). Emergindo como um conceito promissor, o termo autoficção tem sido explorado por diferentes autores e estudiosos, cada um abordando-o sob seu ponto de vista. Lançaremos mão do conceito supracitado na tentativa em associarmos as narrativas das memórias de Conceição Evaristo com possíveis personagens cujas realidades ficcionais correspondem à história de vida da autora. Dessa forma, utilizaremos tal definição para criarmos uma analogia entre a vida da personagem Bica e da autora, uma vez que ambas se valem da literatura para superar o sofrimento, a sua condição precária, e utilizando-se da literatura como instrumento real de mudança de vida. Segundo Anna Martins Faedrich (2014):

Na autoficção, o autor **não** escreve sobre a sua vida seguindo, necessariamente, uma linha cronológica. Em contraponto com a autobiografia tradicional, a autoficção também não tenta dar conta de toda a história de vida de uma personalidade. A escrita autoficcional parte do fragmento, não exige início-meio-fim nem linearidade do discurso; o autor tem a liberdade para escrever, criar e recriar sobre um episódio ou uma experiência de sua vida, fazendo, assim, um pequeno recorte no tempo vivido (p. 24, grifo do autor).

A história da personagem “Bica” apresenta algumas características comuns à vida de Evaristo:

Rompe-se com o princípio de veracidade (pacto autobiográfico), mas também não se entra totalmente no princípio de invenção (pacto romanesco/ficcional). Mesclam-se os dois, resultando no contrato de leitura marcado pela ambiguidade, numa narrativa intersticial (FAEDRICH, 2014, p. 30).

De acordo com Noronha (2014), pode-se concluir que a autoficção ainda é um conceito controverso e ambíguo, porque é cada vez mais comum remetê-lo a práticas literárias antes difusas. Bica representa a mulher que sonha, luta e busca a mudança social através da educação. Interessa-se pela leitura e escrita, assim como Conceição Evaristo que se valeu da literatura como possibilidade de transformação da realidade.

Outro personagem com o qual podemos criar relação com a história de vida da escritora é Luamanda, cujo conto recebe a mesma designação. Através da narrativa podemos perceber que a protagonista sente satisfação em ser mulher, negra e mais velha: “imaginou-se com os cabelos brancos sobre o rosto negro. Seria bela como a velha Domingas lá das Gerais” (EVARISTO, 2014, p. 64). Luamanda sente orgulho de sua cor de pele, em ser mulher e de tudo o que já viveu, ansiando por cabelos brancos: “Pouquíssimos fios brancos avançavam buscando criar um território próprio em sua cabeça. Escolheu esses fios, puxou-os querendo destacá-los entre os demais” (EVARISTO, 2014, p. 63-4). Da mesma forma, Conceição Evaristo é uma mulher negra orgulhosa de quem é, da idade que tem:

(...) a autoficção parte de experiências vividas pelo autor, mas, ao narrá-las, o autor já não tem mais o domínio da escrita, nem daquilo que é falso ou verdadeiro, o

que é realidade e o que é ficção, o que foi inventado, imaginado e o que foi esquecido (FAEDRICH, 2014, p. 30).

Evaristo como afrodescendente dá voz a esses personagens que foram esquecidos, inferiorizados na sociedade brasileira. A autora fala de si mesma, de sua luta para conseguir estudar e ser reconhecida como escritora. Deste modo, a autora se propõe a:

Desnudar-se para se enxergar e se entender melhor. Escrever para aliviar. Fabular um sofrimento para elaborá-lo. Colocar na realidade das palavras uma experiência traumática para compartilhar o sofrimento e reestruturar o caos interno. Recorrer à literatura para recuperar a pele, brutalmente arrancada pela decepção com as pessoas, com a vida, com o mundo (FAEDRICH, 2014, p. 144).

Como forma de alívio as aflições e desgostos enfrentados ao longo da vida, Conceição Evaristo faz uso da literatura para libertar-se e curar-se. A escrita tem o poder de transformar o sofrimento, de penetrar na ferida e assim, tratá-la.



## A questão dos nomes

No artigo de Francisco Carlos de Lucena e Jorge dos Santos Lima, *Ser negro: um estudo de caso sobre identidade negra* (2009), a questão da identidade aparece de forma clara e precisa. Para os autores:

(...) as categorias sociais de auto-identificação são produzidas no âmbito das relações sociais e das disputas de poder (Elias & Scotson, 2000). Isso implica que a “identidade” resulta da manipulação de uma imagem positiva ou negativa do grupo. Com efeito, os processos identitários se baseiam no fato de que somos sempre o outro de alguém; o outro de um outro (Platão, 1972; Agier, 2001). Assim, a identidade individual ou coletiva se forma a partir de um olhar sobre o outro; ou a partir do olhar que o outro possui sobre nós. Isso coloca em foco questões relativas a conflitos e alianças, dando a “identidade” uma roupagem, de certa forma, contingente. Desse modo, as “identidades” não devem ser pensadas como categorias fixas no tempo e no espaço. Elas se elaboram através de complexas interações dos indivíduos com seu grupo e com o grupo de fora, configurando um espaço de encontro de subjetividades (DU BOIS, 1999 [1903] *apud* LUCENA e LIMA, 2009, p. 35).

Dessa forma, a identidade de um grupo menosprezado socialmente e tido como inferior, aos negros foi negada sua condição humana, precisa ser repensada, devolvida, construída. Se o outro nos olha como inferiores, nos menospreza através do olhar, possivelmente, nos sentiremos como se tais negatividades emanassem de nós mesmos e nos fossem constitutivas. Assim, podemos perceber o motivo pelo qual muitos negros têm dificuldade em se afirmar. Alguns sentem vergonha de sua cor de pele. Já o conto “Os amores de Kimbá” nos revela um personagem orgulhoso de si:

Sabia-se alto. Sabia-se forte. Sabia-se bonito. As mulheres gostavam dele e os homens também. Aliás, foi uma descoberta que lhe assustou muito. Uma situação perturbadora que ele lutava para esconder: os homens gostavam dele também (EVARISTO, 2014, p. 88).

O fragmento acima evidencia o engajamento da escritora na luta em mudar o paradigma de inferioridade imposto aos negros.

Alguns dos personagens de *Olhos d'água* (2014) demonstram uma falta de identidade tão marcante que nem seus próprios nomes de registro são citados, porque não são usuais ou importantes para o meio no qual os personagens se encontram. Como exemplo, temos o conto “Di lixão”. Quando o personagem menciona a mãe, além de falar de sua genitora com ira e ofensas, ele não menciona o nome dela. Quando se refere à mãe em um momento de muito sofrimento, contrariando o propagado socialmente, ao invés de ternura, o mesmo dirige ofensas àquela que o gerou:

Ainda bem que aquela puta tinha morrido! Ele sabia quem havia matado a mulher. Tinha visto tudo direitinho. Na polícia negou que estivesse por perto, que suspeitasse de alguém (EVARISTO, 2014, p. 78).

Di lixão, mais uma vez, contraria o socialmente normal. Ao invés de denunciar um crime que presenciou, ele se omite, chega a negar para os policiais que suspeitasse de alguém. O próprio personagem é tratado no decorrer do conto pelo apelido degradante dado a ele em função da mania de chutar os latões de lixo: “Tinha a mania de chutar os latões de lixo e por isso ganhara o apelido” (EVARISTO, 2014, p. 80). Sua mãe também se referia ao mesmo pelo apelido dado: “Di, vai para a escola! Di, não fala com meus homens! Di, eu nasci aqui, você nasceu aqui, mas dá um jeito de mudar o seu caminho!” (EVARISTO, 2014, p. 78). Através do trecho destacado, podemos perceber que a mãe, contrariamente ao que o discurso do filho nos conduz a pensar, tinha uma certa preocupação com ele. Ela o incentivava a estudar e almejava para ele um caminho diferente do seu.

A respeito da identidade no conto “A gente combinamos de não morrer” é relevante a questão dos personagens não possuírem sobrenome ou nome, sendo tratadas por apelidos, o que vem a contrastar com as novelas assistidas por dona Esterlinda, nas quais percebemos claramente que mesmo o bebê, quando filho de rico, desde “sempre” possui uma

identidade forte, estabelecida: “Na novela das oito, Lidiane era babá do menino Carlos Rodrigues Magnânimo” (EVARISTO, 2014, p. 101). A babá, como de se esperar, possui apenas o primeiro nome, sua identidade é “ferida”, negada, e o bebê é mencionado com nome e sobrenome.

É possível estabelecer uma relação entre essa questão e o texto *Poema tirado de uma notícia de jornal*<sup>14</sup>, de Manuel Bandeira. A personagem “João Gostoso” pertence a um grupo social desfavorecido, é feirante, reside em condições precárias, sua habitação não possui número sequer. Sua identificação é, na verdade, uma generalização seguida de um apelido, contrastando com o bar (Vinte de Novembro), o local de residência (Morro da Babilônia) e a própria lagoa (Rodrigo de Freitas), que possuem identidade definida. Desse modo, assim como nos contos de Conceição Evaristo, é evidenciada a ausência de uma identidade individual e estabelecida para os que estão à margem do tecido social.

Outro ponto relevante a ser analisado sobre o poema de Bandeira (1983) diz respeito à seleção da nomenclatura do bar frequentado por João Gostoso e seu local de residência. Vinte de novembro é a data estabelecida para a comemoração do dia da Consciência Negra. Por fim, João busca sua redenção e identificação através do suicídio. É a partir desse momento que ele ganha visibilidade, vira notícia de jornal e passa a ocupar o espaço do grupo social privilegiado, a zona sul do Rio de Janeiro.

Ainda sobre a questão dos nomes, no conto “Maria” percebemos que o título escolhido não foi aleatório. Maria é um nome popular no Brasil. Como na canção de Milton

---

<sup>14</sup> *Poema tirado de uma notícia de jornal*

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia num barracão sem número

Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro

Bebeu

Cantou

Dançou

Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado. Poema de Manuel Bandeira, publicado em 1966. Para maiores detalhes: BANDEIRA, Manuel. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983. p. 214.

Nascimento, *Maria, Maria*<sup>15</sup>, de 1978, a narrativa de Conceição Evaristo nos apresenta uma mulher guerreira, com dificuldades na vida e que mesmo assim não desanima. O trecho a seguir da música de Milton Nascimento descreve a personagem e muitas outras Marias: “É a dose mais forte e lenta/ De uma gente que ri/ Quando deve chorar/ E não vive, apenas aguenta/ Mas é preciso ter força/ É preciso ter raça/ É preciso ter gana sempre/ Quem traz no corpo a marca/ Maria, Maria/ Mistura a dor e a alegria” (SILVA, 2003, p. 7)<sup>16</sup>.

O fragmento “mistura dor e alegria” (SILVA, 2003, p. 7) se relaciona perfeitamente com o final trágico do conto, no qual Maria, ao ter sua vida encerrada de forma cruel, preocupa-se em transmitir o recado do “ex-homem” ao filho mais velho (EVARISTO, 2014, p. 42). Vejamos: “Tudo foi tão rápido, tão breve, Maria tinha saudades de seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado” (EVARISTO, 2014, p. 42). Nesse momento de dor, ela se sente feliz em ter um recado agradável para transmitir ao filho mais velho.

Ainda a respeito da música, o verso “e não vive, apenas aguenta” pode ser relacionado ao momento em que Maria anseia por uma vida diferente para seus filhos: “Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente” (EVARISTO, 2014, p. 40). Ela tem consciência de que sua vida não é adequada, que não vive de fato, apenas sobrevive, mas tem esperança de que seus filhos tenham mais oportunidades.

Outro conto presente no livro que chama a atenção para a questão dos nomes é “Ana Davenga”. Nesse caso específico, o sobrenome é acrescentado ao nome de Ana, demarcando uma suposta posse por parte do homem. Como se, ao manter um relacionamento

---

<sup>15</sup> Música: *Maria, Maria*. Milton compôs e gravou em 1976 e 1980 para o *Grupo Corpo*, de Belo Horizonte (MG), mas até 2002 não havia lançado em disco.

<sup>16</sup> SILVA, Carlos Alberto da. **A negritude através de Maria Maria de Milton Nascimento**. 2003. 120 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

com a mulher, o homem fosse o dono da mesma, a Ana do Davenga. Em nossa sociedade, perdura a visão machista de determinados homens em achar que a mulher é um tipo de propriedade: “Ana resolveu adotar o nome dele. Resolveu então que a partir daquele momento se chamaria Ana Davenga. Ela queria a marca do homem dela no seu corpo e no seu nome” (EVARISTO, 2014, p. 26-7).

No que diz respeito ao conto “Os amores de Kimbá”, já no início percebemos a falta de identidade dos meninos pela simplificação dos nomes: “As mães passavam o dia inteiro gritando para que os Zezinhos sossegassem. Antes, ele fora também Zezinho. Kimbá foi o apelido que um amigo rico, viajado por outras terras, lhe dera” (EVARISTO, 2014, p. 87). Ao se relacionar com um grupo diferente do seu, Kimbá perde o nome Zezinho, ganha uma nova identidade, diferente da propagada no meio social em que ele vive. O espaço no qual anteriormente Kimbá se relacionava, caracterizado pela falta de higiene e carência generalizadas, provoca um efeito de desumanização das personagens infantis. As crianças não possuem nomes, todas são chamadas de Zezinho, sugerindo que a ausência de condições mínimas de dignidade e sobrevivência rouba do indivíduo o direito a se diferenciar. Sendo assim, ao sair desse convívio, Zezinho ganha a identidade de Kimbá, e se transforma.

No conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, percebemos no decorrer da narrativa que as meninas gêmeas Zaíta e Naíta possuem dois irmãos, um deles seguiu carreira no exército e o outro estava envolvido com o tráfico de drogas, entretanto em nenhum momento o nome deles é mencionado: “Tinha trinta e quatro anos e quatro filhos. Os mais velhos já estavam homens. O primeiro estava no exército. Queria seguir carreira. O segundo também” (EVARISTO, 2014, p. 72); em outro trecho, o irmão é novamente mencionado sem nome “Um dia Zaíta viu que o irmão, o segundo, tinha os olhos aflitos” (EVARISTO, 2014, p. 74). Os irmãos de Zaíta são várias vezes mencionados no decorrer da

narrativa, entretanto são chamados: “o irmão”, “o moço”, “o segundo”... enfim, eles recebem denominações que não contemplam suas identidades.

## Tabus sociais

O conceito de tabus abordado aqui é o tratado no livro *Totem e Tabu: Um mito freudiano* (2010), por Caterina Koltai. De acordo com a autora, “tabu é um termo de origem polinésia que apresenta duas significações opostas, a de sagrado, por um lado, e de inquietante, perigoso, proibido e impuro, por outro [...] entendendo o tabu como algo que vai muito além da mera interdição religiosa ou moral” (KOLTAI, 2010, p. 31). Freud recorre a Wundt para descrever melhor o tema Tabu: “Para Wundt, o tabu representaria o primeiro e mais antigo código não escrito da humanidade, sendo mais antigo do que os deuses, de uma época anterior a qualquer forma de religião” (KOLTAI, 2010, p. 31). Nossos tabus sociais podem ser uma herança desse conceito de tabus primitivos. Ainda vale a pena destacar que:

Da comparação do tabu-entendido como interdito que, de tão antigo e rigoroso, tornou-se tão inquestionável que sua violação não só acarreta um castigo violento como transforma o infrator em tabu – com a neurose obsessiva, Freud conclui que em ambos os casos, a proibição se dirige aos mais intensos desejos do humano, razão pela qual persiste, no inconsciente, a tendência a transgredi-los (KOLTAI, 2010, p. 32).

Entretanto, Koltai (2010) alerta que “o tabu é uma formação social, cultural, por isso mesmo diferente da neurose, que se caracteriza, antes de mais nada, pela dominação dos componentes sexuais sobre os sociais” (p. 37-8). Com efeito, ainda persistem socialmente no Brasil regras, convenções impostas em sua maioria pelos homens (sexo dominante), que buscam reger a vida em sociedade. Os tabus sociais visam, quase sempre, a proibir mulheres, através de códigos sociais criados, de terem liberdade de escolha acerca de sua vida. Dessa forma, essas mulheres continuam submissas a regras estabelecidas, visto que sua violação acarreta um olhar punitivo por parte da sociedade no geral.

Conceição Evaristo aborda alguns dos mais gritantes tabus sociais brasileiros em seus contos. A partir desse ponto, destacaremos alguns trechos das narrativas da autora que contemplam essas regras sociais. No fragmento que se segue, a autora traz à tona de forma natural o relacionamento homossexual e a três:

Kimbá saiu daquele encontro de corpo leve. Não sabia, porém, se estava feliz ou infeliz. Já tinha ouvido falar de pessoas que transavam juntas, mas pensava que fosse caso de cinema. Não sabia porque tinha feito aquilo. A mulher tinha um corpo bonito. Cheirava a perfumes e sabonete. E o amigo? O que deu no amigo? Quando pensou que ele fosse penetrar na mulher, eis que o homem se levanta, vai atrás dele, abre a roupa dele e ainda por cima beija o membro dele! Será que o amigo era? Gostava tanto dele. Frequentava a casa dele, saía com ele às vezes. Conhecera algumas amigas e amigos dele. Nunca havia percebido nada. Será que o homem ia dar em cima dele? (EVARISTO, 2014, p. 91).

Dado o exposto, percebemos que a autora retrata em apenas um trecho dois fortes tabus sociais brasileiros. Tanto a homossexualidade quanto o relacionamento a três não são padrões em nossa sociedade, que tem por hábito julgar tudo o que transcende a normatividade sexual cristã.

A homossexualidade é um dos mais “fortes” tabus que perduram na sociedade brasileira contemporânea. Dados estatísticos da *Organização Não Governamental Grupo Gay da Bahia*<sup>17</sup> declara que, em 2013, 40% dos assassinatos de transexuais e travestis registrados em todo o mundo aconteceram no Brasil, sendo os estados de Pernambuco e São Paulo os locais em que tais crimes mais aconteceram. A partir desses dados estatísticos, notamos que nossa sociedade não é dissimulada só no quesito preconceito de cor, mas também no que tange ao preconceito sexual. Assassinam-se travestis com intuito de apagar, negar tal existência. De forma bem explícita, o tema da homossexualidade é novamente retratado no trecho a seguir do mesmo conto:

[...] Kimbá estava louco também. Tinha vergonha e desejos por todo o corpo. Estava assentado, parado, duro, de tempo em tempo cruzava e descruzava as

---

<sup>17</sup> Jornal *On line Terra*, 11 jan 2013. Disponível em: [www.noticiasterra.com.br/brasil/policial](http://www.noticiasterra.com.br/brasil/policial). Consultado em: 07 abr 2017.



pernas. O amigo veio caminhando lentamente em sua direção. Abriu a camisa e a calça dele beijando avidamente o membro ereto (EVARISTO, 2014, p. 90).

Da mesma forma, no conto “Luamanda”, o tema da homossexualidade é mencionado de forma natural no fragmento que se segue:

Depois, tempos depois, Luamanda experimentava o amor em braços semelhantes aos seus. Os bicos dos seios dela roçando em outros intumescidos bicos. No primeiro instante, sentiu falta do encaixe, do membro que complementava. Num ato de esquecimento, sua mão procurou algo ereto no corpo que estava diante do dela. Encontrou um falo ausente. Mas estava tão úmida, tão aquosa aquela superfície misteriosamente plana, tão aberta e igual a sua, que Luamanda afundou-se em um doce e feminil carinho. E quando se sentiu coberta por pele, poros e pelos semelhantes aos seus, quando a sua igual dançou com leveza a dança-amor com ela, saudade alguma sentiu, vazio algum existiu, pois todas as fendas de seu corpo foram fundidas nas femininas oferendas da outra (EVARISTO, 2014, p. 61).

Evaristo, de forma poética, descreve o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo, que comumente entre nós é visto como proibido, em função dos tabus que persistem em nossa sociedade. Ao retratar tal relacionamento de forma tão delicada, a autora contribui para que a imagem negativa desses relacionamentos possa vir gradativamente a se transformar.

Do mesmo modo, o conto “Lumbiá” similarmente retrata a homossexualidade sob a ótica de uma criança:

Feliz, Lumbiá e o amigo Gunga depois riam do beijo do homem e da mulher. Ele sabia também que não era só homem e mulher que se beijavam. Havia os casais, em que a dupla era formada por semelhantes. Esses casais não se beijavam em público. Às vezes faziam um carinho rápido nas mãos do outro. Raramente compravam rosas. As mulheres se aventuravam mais. Compravam e ofertavam para a amiga presente. Lumbiá gostava muito de aproximar dos casais semelhantes. Gostava da troca carinhosa que ele às vezes assistia entre esses pares. O beijo era depositado nas mãos, que escorregavam levemente na direção da palma da outra pessoa, ou substituindo pela leveza de uma flor-sorriso que se abria na intenção de um lábio a outro (EVARISTO, 2014, p. 82-3).

É relevante mencionar que devido ao olhar de uma criança inocente ainda não estar impregnado das maldades presentes em nossa sociedade, o garoto acha bonito os casais semelhantes.

Na entrevista “Os tabus da sexualidade”, concedida à *Revista de História*, em 19 de junho de 2013, o professor Yllan de Mattos, referindo-se à permanência de tabus históricos em nossa sociedade, declara que: “Hoje temos novas formas de expressão e protesto, mas as razões de insatisfação são cíclicas. Os discursos convivem num misto de repressão e liberalismo”. O professor recitou um poema de La Fontaine, do século XVII, intitulado *Epigrama*:

Amar, foder: uma união/ De prazeres que não separo./ A volúpia e os prazeres são/  
O que a alma possui de mais raro./ Caralho, cona e corações/ Juntam-se em doces  
efusões/ Que os crentes censuram, os loucos./ Reflete nisso, oh minha amada:/  
Amar sem foder é bem pouco,/ Foder sem amar não é nada”(MATTOS, 2013, s/p)

Com intuito de posteriormente esclarecer, para quem se espantou com os termos grosseiros, o professor os contextualiza e deixa bem claro como os tabus influenciam a percepção dos ouvintes:

É engraçado perceber como essas palavras eram corriqueiramente usadas e hoje, quando estamos, teoricamente, em uma sociedade mais avançada e liberal, provocam estranhamento. Uma aluna minha uma vez até saiu de sala depois de ouvir os versos do poeta (MATTOS, 2013, s/p).

Outro importante tabu é mencionado pela autora, no conto “Quantos filhos Natalina teve”. Vejamos:

(...) Sá Praxedes. A velha parteira cobraria um pouco, mas ficariam livres de tudo. Natalina segurou o temor em silêncio. Sá Praxedes, não! Ela morria de medo da velha. Diziam que ela comia meninos. Mulheres barrigudas entravam no barraco de Sá Praxedes, algumas, quando saíam, traziam nos braços as suas crianças, outras vinham de barriga, de braços e mãos vazias. Onde Sá Praxedes metia as crianças que ficavam lá dentro? Sá Praxedes, não. A mãe de Natalina e as outras mães sabiam que era só dizer que iam chamar a velha e os filhos obedeciam. Sá Praxedes comia crianças!” (EVARISTO, 2014, p. 44-5).

Nesse trecho, podemos perceber, além do aborto, a presença marcante do imaginário infantil. As crianças temiam a parteira, receando serem comidas pela mesma. Com efeito, o aborto consiste em um tabu responsável por mortes de milhares de mulheres

no Brasil, desejosas de interromper uma gravidez indesejada e que, legalmente não são amparadas. Muitas mulheres buscam em locais inapropriados o direito de escolha negado socialmente.

Natalina, personagem principal do conto “Quantos filhos Natalina teve?”, ainda criança, aos catorze anos, se sente revoltada e desesperada para se livrar da indesejada gravidez:

Natalina preparou os chás e tomou durante vários dias. Ela ficava em casa cuidando dos irmãos menores. Ia fazer catorze anos. Uma coisa estava lá dentro da barriga dela e ia crescer, crescer até um dia arrebentar no mundo. Não, ela não queria, precisava se ver livre daquilo (EVARISTO, 2014, p. 44).

A protagonista do conto, amparada pela mãe, recorre aos chás abortivos na tentativa de se ver livre da gravidez, visto que não tinham condições nem de se sustentarem adequadamente. A possibilidade de terem mais uma boca para alimentar se torna algo impensável. Nem a mãe, nem Natalina queriam uma criança a mais em casa. Sem amparo legal, ao invés de se dirigirem a um hospital, tentam a princípio utilizar chás. No que se refere ao forte tabu do aborto, ainda se tratando da personagem Natalina, destacamos o fragmento abaixo:

Fugiu. Guardou tudo só pra ela. A quem dizer? O que fazer? Só que guardou mais do que o ódio de ter sido violentada. Guardou mais que a coragem da vingança e da defesa. Guardou mais do que a satisfação de ter conseguido retomar a própria vida. Guardou a semente invasora daquele homem. Poucos meses depois, Natalina se descobriu grávida (EVARISTO, 2014, p. 50).

Nesse pequeno trecho, de forma crua e realista, Conceição Evaristo fala às claras sobre o estupro e deixa bem visível, a partir da sua narrativa, como deve ser cruel para uma mulher ser obrigada a gerar um filho concebido através de uma violência infligida a seu corpo. Natalina, como muitas outras mulheres, não denunciou o ocorrido. A ausência de denúncia prejudica a luta das mulheres e da sociedade brasileira pela legalização do aborto.

Com o aparato da narrativa de Evaristo, podemos nos envolver com as personagens e até mesmo sentir o desespero e frustrações com os acontecimentos inesperados que podem levá-las a sofrer por uma vida inteira. A personagem fictícia Natalina se assemelha a muitas outras brasileiras que, além de sofrerem abuso sexual, são obrigadas a sofrer as consequências de assumir um filho gerado.

Ainda nos deixamos “governar” por muitos tabus, muitos dos quais Evaristo aborda como forma de “protesto”, na busca por uma conscientização acerca da necessidade de mudar determinados valores e julgamentos. Nossa sociedade ainda é muito conservadora. Da mesma forma, no conto “A gente combinamos de não morrer”, no fragmento a seguir, Dona Esterlinda demonstra culpada pela religião, pedindo perdão a Deus, pelos abortos: “Filhos? Não sou boba, só dois. Cuspi para fora uns quatro ou cinco. Provoquei. Eu confesso, me confesso a Deus, meu zeloso guardador, bendito sois vós, que olhe por mim” (EVARISTO, 2014, p. 101). E mais à frente: “Que Deus me perdoe! Será que minha alma vai padecer no fogo do inferno?” (EVARISTO, 2014, p. 105).

Dona Esterlinda não se arrepende do aborto, mas teme ser castigada por Deus pelo ato que cometeu. Afinal, nossa sociedade é regida por essa culpa, pela condenação divina: “Num dado momento, o homem passa a se preocupar com o que acontecerá depois de sua morte. Ocorre o medo do julgamento da alma, com a sua ida para o inferno ou o paraíso” (KOVÁCS, 1992, p. 33). É exatamente em função dessa preocupação que a mãe de Bica sente-se incomodada, valendo-se da fé como suposta garantia de perdão e, através dela, poder imaginar-se um dia redimida e apta a desfrutar do paraíso no fim da vida. A religião pesa sobre a vida da mãe de Bica.

Assim como muitas outras mulheres, dona Esterlinda e Natalina arriscam suas vidas ao praticar o aborto clandestino. Sem amparo legal e sem a menor condição de criar mais um filho, dona Esterlinda se vale de meios populares para cessar à gestação indesejada,

enquanto Natalina, com seus catorze anos, não consegue, através de receitas populares dar fim à gravidez e é, dessa forma, obrigada a parir o filho malquisto.

Evaristo, ao trazer em suas narrativas essas questões, auxilia na quebra de alguns dos tabus existentes em nossa sociedade. Ela nos apresenta uma literatura “nova”, que realmente cumpre o papel de trazer os esquecidos para o primeiro plano. Dificilmente, tais reflexões deixariam o leitor desses textos indiferente. Evaristo vem auxiliando de forma brilhante nessa perspectiva com sua literatura.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao utilizar-se de elementos que compõem o trágico no cenário de suas ficções/verdades, Conceição Evaristo, de forma impactante, proporciona aos seus leitores uma aproximação emaranhada de emoções com os seus personagens, o que acaba por levar seus leitores à catarse.

A verossimilhança presente nos contos leva os leitores à realidade do outro, muitas vezes não imaginada em seu contexto diário. Dessa forma, a autora nos convida a refletir a respeito de nosso lugar no mundo enquanto cidadãos participativos e somos convocados a buscar formas de superação e auxílio a esses grupos.

A capacidade que Conceição Evaristo possui em lidar com a linguagem faz com que seus leitores sintam e vejam os grupos retratados pela autora, através do ponto de vista dos retratados. E tal fato nos leva a sensações ímpares que não nos deixa a menor dúvida em afirmar que a literatura de Evaristo evoca elementos trágicos para a atualidade. Ela retira a sensação de banalização do sofrimento humano, comum em nosso cotidiano e a substitui, principalmente, por compaixão.

Por meio das análises, concluímos que a escrita de Conceição Evaristo atua de forma brilhante na nova percepção do sujeito feminino negro e suas produções literárias. O leitor é submerso pela realidade dura e sofrida dos envolvidos na narrativa, o que se intensifica com a utilização do monólogo interior. Cada angústia, cada sofrimento, cada tentativa de fuga da realidade circundante, chega ao leitor de forma crua e transparente. Por esse motivo, aquele que lê é transportado a um estado de análise crítica e conscientização a respeito de um universo, até então, omitido, ignorado, obnubilado.

O desvelamento dessa realidade cotidiana vivenciada pela população afrodescendente habitante das favelas da cidade do Rio de Janeiro, revela a cidadania negada

ao grupo social dos menos favorecidos, resgatando a autoestima e dando voz aos desprivilegiados. Esse é o propósito da literatura de Conceição Evaristo: transformar-se em arma de denúncia e combate social à opressão imposta aos negros desde a escravidão. A obra de Conceição Evaristo se propõe, portanto, ao difícil, porém possível, papel de transformação da realidade social vivenciada, sobretudo, pelas mulheres negras em nosso país de forma a garantir seu lugar e reconhecimento devido.

Cabe-nos ressaltar, devido ao momento político que estamos vivendo no Brasil, que muitas das conquistas adquiridas durante os treze anos de governos de esquerda, como a implementação de ações afirmativas para promoção da igualdade racial no país correm um sério risco de serem deixadas de lado. Em 2003, o presidente Lula criou a *Secretaria Especial de Políticas da promoção da Igualdade Racial*, a Seppir. Ainda neste mesmo ano, no âmbito educacional foi sancionada a lei 10639/2003 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional incluindo no currículo a obrigatoriedade do ensino da temática *História e Cultura afro-brasileira* que antes era considerada opcional, ou que, na maioria das vezes, se resumia em uma “comemoração” única e descontextualizada no dia vinte de novembro, o dia da Consciência Negra. Outra conquista dos governos de esquerda, talvez a mais importante delas, é a lei 12.711/2012 que reserva 50% das vagas das universidades e dos institutos federais para estudantes oriundos, integralmente, do ensino médio público.

Todas as conquistas podem vir a se perder em pouco tempo. O governo em exercício, de Michel Temer, que se instaurou no poder por um golpe de estado, não se preocupa com políticas públicas que beneficiem os negros, indígenas e pobres desse país. Com o pretexto de enxugar os gastos públicos, o presidente golpista, anunciou que transformaria alguns ministérios em secretarias e que, os vincularia a outros ministérios.

Assim aconteceu com o Ministério da Cultura, que passou a estar vinculado ao ministério da Educação. Um retrocesso de valor inestimável. No entanto, devido às manifestações que condenaram a postura do presidente, este teve que voltar atrás e devolver à Cultura o status de Ministério. O mesmo não ocorreu com o Ministério das Mulheres, Igualdade Racial, Direitos Humanos e Juventude, que acabou sendo rebaixado ao status de Secretaria de Promoção de Igualdade Racial, subordinada ao Ministério da Justiça. Foi preciso que recebesse críticas sobre a falta de mulheres e negros no primeiro escalão do governo federal para que o presidente se posicionasse. Foi então, que ele nomeou a desembargadora aposentada Luislinda Valois, autora da primeira sentença de condenação por racismo no Brasil (1993), para comandar a Secretaria da Promoção da Igualdade Racial. Dessa forma, o governo ilegítimo golpista “resolveu” dois problemas em uma ação apenas. Chamou a atenção, entre suas primeiras ações, ao assumir o Palácio do Planalto, ainda como interino a demissão de um único garçom negro que trabalhava há oito anos na função.

Precisamos ficar atentos e buscar formas de resistência a esse atual governo de modo a garantirmos o exercício de uma real democracia que contemple, entre outras prioridades, a valorização da cultura do negro na sociedade brasileira. A sociedade precisa se conscientizar, através, quem sabe, da elaboração de narrativas de memórias que evoquem a escravidão. Assim, a literatura pode prestar um serviço à sociedade na medida em que resgata, através das obras literárias, as memórias a respeito de todas as atrocidades à quais as camadas mais populares da sociedade foram e são submetidas no decorrer de nossa história pelas elites. Nesse cenário, as narrativas de Conceição Evaristo se fazem leitura necessária para criação de uma cultura da memória da escravidão em nosso país.

É fato que os dirigentes de nossa sociedade tem o péssimo defeito de tentar apagar o nosso passado. Um grande exemplo disso é a construção do *Museu do Amanhã* no estado do Rio de Janeiro ter sido realizada no local onde os africanos desembarcavam ao



chegar em terras brasileiras no período da escravidão. O porto do Rio de Janeiro foi o maior porto de escravos do mundo. Como pensar no amanhã se ainda não digerimos o nosso passado?

O momento político que estamos vivendo em nosso país é grave. Urge, mais do que nunca, a necessidade de unirmos nossas forças para não permitirmos que os avanços garantidos pelos treze anos de governos petistas sejam desfeitos por um governo golpista e ilegítimo, que deixa bem claro sua falta de preocupação com uma política pública que vise beneficiar as minorias de nosso país.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. **Teoria da literatura do livro**. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

ARAES, Jarrid. A violência sexual precisa ser contextualizada. Disponível em <http://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/a-violencia-sexual-precisa-ser-contextualizada-por-jarrid-araes/> Consultado em: 13 abr. 2017.

ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Trad. André Duarte. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

ARISTÓTELES, **Poética**. Trad. Ana Maria Valente. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2008.

BÁRBARA, Vanessa. New York Times diz que a Globo é a TV que ilude o Brasil. Disponível em <http://www.controversia.com.br/blog/2016/03/21/new-york-times-diz-que-a-globo-e-a-tv-que-ilude-o-brasil/> Consultado em: 08 jan. 2015.

BARBOSA, Maria Aparecida. **Léxico, Produção e Criatividade: processos do neologismo**. São Paulo: Global, 1981.

BOECHAT, Walter. **Identidade e Identificação**. Um paradoxo e um desafio para a América latina. A identidade Latino Americana. Anais do II Congresso Latino-Americano de psicologia Junguiana, Rio de Janeiro, Brasil, 2000.

BREITENBACH, João Deucyr. A tragédia grega como elemento constitutivo da formação integral do homem grego: uma análise segundo Jean-Pierre Vernant. **Revista Linguagem Acadêmica**, Batatais, v. 3, n. 1, p. 145-165, jan/jun, 2013.

CARNEIRO, Luciana Priscila Santos. **A violência sofrida pelas personagens femininas nos contos Ana Davença e os olhos verdes de Esmeralda**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba), João Pessoa, 2013.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos avançados**, n. 17 (49), 2003, p. 117-132.

CUNHA, Helena parente. **Mulher no Espelho**. 9ª.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

EVARISTO, Conceição. Da grafia desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita. Disponível em <http://www.suplementopernambuco.com.br/in%C3%A9ditos/1732-a-escrita-e-a-mem%C3%B3ria-em-concei%C3%A7%C3%A3o-evaristo.html> Consultado em: 10 abr. 2015.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. **Revista Palmares**, v.1, n.1, ago. 2005.

EVARISTO, Conceição. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafr0> 150-154. 100.248/literafr0. Consultado em: 15 jan. 2016.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d`água**. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 2014.

FAEDRICH, Anna Martins. **Autoficções**: do conceito teórico à prática na literatura brasileira contemporânea. Tese (Doutorado em Letras – Teoria da Literatura), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Trad. Adriano Caldas. Rio de Janeiro: Fator, 1983.

FAUSTINO, Deivison Mendes: Colonialismo, racismo e luta de classes: a atualidade de Frantz Fanon. Disponível em: [http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/v16\\_deivison\\_GI.pdf](http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/v16_deivison_GI.pdf) Consultado em: 13 abr. 2013.

FERREIRA, Hilma Ribeiro de Mendonça. A intertextualidade e seus desdobramentos em alguns gêneros textuais. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/iiijnlflp/textos\\_completos/pdf/A%20intertextualidade%20e%20seus%20desdobramentos%20em%20alguns%20g%C3%AAneros%20textuais%20-%20HILMA.pdf](http://www.filologia.org.br/iiijnlflp/textos_completos/pdf/A%20intertextualidade%20e%20seus%20desdobramentos%20em%20alguns%20g%C3%AAneros%20textuais%20-%20HILMA.pdf) . Consultado em: 30 mar. 2017.

GIACOMINI, Sonia Maria. **Mulher e escrava**. Uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil: Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 1988.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**: modernidade e dupla consciência. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34, 2012.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Trad. Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GLISSANT, Édouard. **O pensamento de tremor**. Trad. Enilce do Carmo Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2014.

GRIMAL, Pierre. **O teatro antigo**. Lisboa: Editora 70, 1978.

HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. **Estudos feministas**, ano 3. p. 464-478, 1995.

HOOKS, Bell. Vivendo de amor. Trad. Maísa Mendonça. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Consultado em: 30 mar. 2107.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania**: para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003/ 2006.

KOLTAI, Caterina. **Totem e tabu**: Um mito freudiano. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2010.

KOSIK, Karel. O século de Grete Samsa: sobre a possibilidade ou a impossibilidade do trágico no nosso tempo. Disponível em:

<<http://www.pgletras.uerj.br/matraga/nrsantigos/matraga8kosik.pdf>>. Consultado em: 13 nov. 2015.

KOVÁCS, Maria Júlia. Atitudes diante da morte: visão histórica, social e cultural. In: Kovács, Maria Júlia (coord). **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do psicólogo, 1992.

KOVÁCS, Maria Júlia. Representações da morte. In: Kovács, Maria Júlia (coord). **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do psicólogo, 1992.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Trad. coordenada por Mara Sophia Zanotto. Campinas: Editora Mercado de Letras, 2002.

LIMA E DUARTE, Constância. Gênero e violência na literatura afro-brasileira. In: TORNQUIST, Carmen S. et al. (org). **Leituras de resistências: corpo, violência e poder**. v. I. Florianópolis: Mulheres, 2009, p. 315-323.

LUCENA, Carlos de; LIMA, Jorge dos Santos. Ser Negro: um estudo de caso sobre “identidade negra”. **Revista Saberes**, Natal – RN, v. 1, nº 2, p 33-51. maio 2009.

MATTOS, Yllan. Os tabus da sexualidade. Disponível em: [www.revistadehistoria.com.br/reportagens\\_tabus\\_da\\_sexualidade](http://www.revistadehistoria.com.br/reportagens_tabus_da_sexualidade). Consultado em: 05 abr. 2013.

MORAIS, Carlos. A dramatização do mínimo essencial do mito de Antígona em António Sérgio. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/formabreve/article/viewFile/236/206>>. Consultado em: 15 mar. 2016.

NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org). **Ensaaios sobre a autoficção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

PAULA, Luciane de e Paula Sandra Leila de. No centro da periferia, a periferia no centro. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v.15, nº 2 - Especial, p. 107-121, jul./dez. 2011.

PIMENTEL, Clara Alencar Villaça. **Eu vim de lá pequenininho, alguém me avisou pra pisar neste chão devagarinho**: Diálogos Diaspóricos entre *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves e *Beloved*, de Toni Morrison. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

RAMOS, Lissandra da França, ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro. Autoria feminina e a representação da mulher negra: revelações do Eu-Mulher. Disponível em: <[http://s3.amazonaws.com/icilg\\_meueventoweb/ckeditor\\_assets/attachments/64/lisandra.pdf](http://s3.amazonaws.com/icilg_meueventoweb/ckeditor_assets/attachments/64/lisandra.pdf)>. Consultado em: 03 mar. 2014.

RODRIGUES, Cristiano Santos; MAXIMO, Marco Aurélio, Movimento de mulheres negras: trajetória política, práticas mobilizatórias e articulações com o estado brasileiro. **Revista Psicologia & Sociedade**; Vol. 22 (3), Rio de Janeiro, p. 445-456, 2010.

ROMILLY, Jacqueline de. **A tragédia grega**. 2. ed. Lisboa: Editora 70, 2008.

SANTOS, Luane Neves, MOTA, Alessivânia Márcia Assunção; SILVA, Marcus Vinícius de Oliveira. A dimensão subjetiva da subcidadania: Considerações sobre a desigualdade social brasileira. **Psicologia Ciência e profissão**. (online). 2013, vol 33, nº 3 p. 700-715.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 12 nº 2, maio-agosto/2004, p. 35-50.

SILVA, Carlos Alberto Silva da. **A negritude através de Maria Maria de Milton Nascimento**. 2003. 120 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

SILVA, Caroline Fernandes Santos da; CANTO, Vanessa Santos do. Mulheres negras brasileiras e a construção de identidades negras positivas: trajetórias e rupturas de um debate político. Disponível em:

<https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/mulheres-negras-brasileiras-e-a-construc3a7c3a3o-de-identidades-negras-positivas-trajectc3b3rias-e-rupturas-de-um-debate-polc3adtico-caroline-fernanda-santos-da-silva-e-vanessa-santos-do-can.pdf> Palavras-chaves: Mulheres negras brasileiras e identidade. Consultado em: 18 nov. 2015.

SILVA, Ellen Fernanda Gomes; SANTOS, Ms. Suely Emilia de Barros. O impacto e a influência da mídia sobre a produção da subjetividade. Disponível em: [http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais\\_XVENABRAPSO/447.%20o%20i](http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/447.%20o%20i)



mpacto%20e%20a%20influ%C3%Aancia%20da%20m%C3%ADdia.pdf Consultado em: 15 jan. 2016.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar. Teoria da literatura. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/proin/versao\\_1/aguiar/index33.html](http://www.ufrgs.br/proin/versao_1/aguiar/index33.html)>. Consultado em: 13 nov. 2015.

SOUZA, A. C. F. Rede Globo de Televisão e Cultura: Representação das Favelas Brasileiras Através do Programa 'Esquenta'.. In: XIII SIMPOSIO INTERNACIONAL DE PENSAMIENTO FILOSÓFICO LATINOAMERICANO, 2012, Santa Clara, Cuba. **Simposio** Internacional de Pensamiento Filosófico Latinoamericano, 2012.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania:** para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

WILLIAMS, Raymond. **Tragédia Moderna.** Trad. Betina Bischof. São Paulo: Cosac e Naify, 2002.